



ANO 13 | N.º 28
2º SEMESTRE 2024
12.50 €

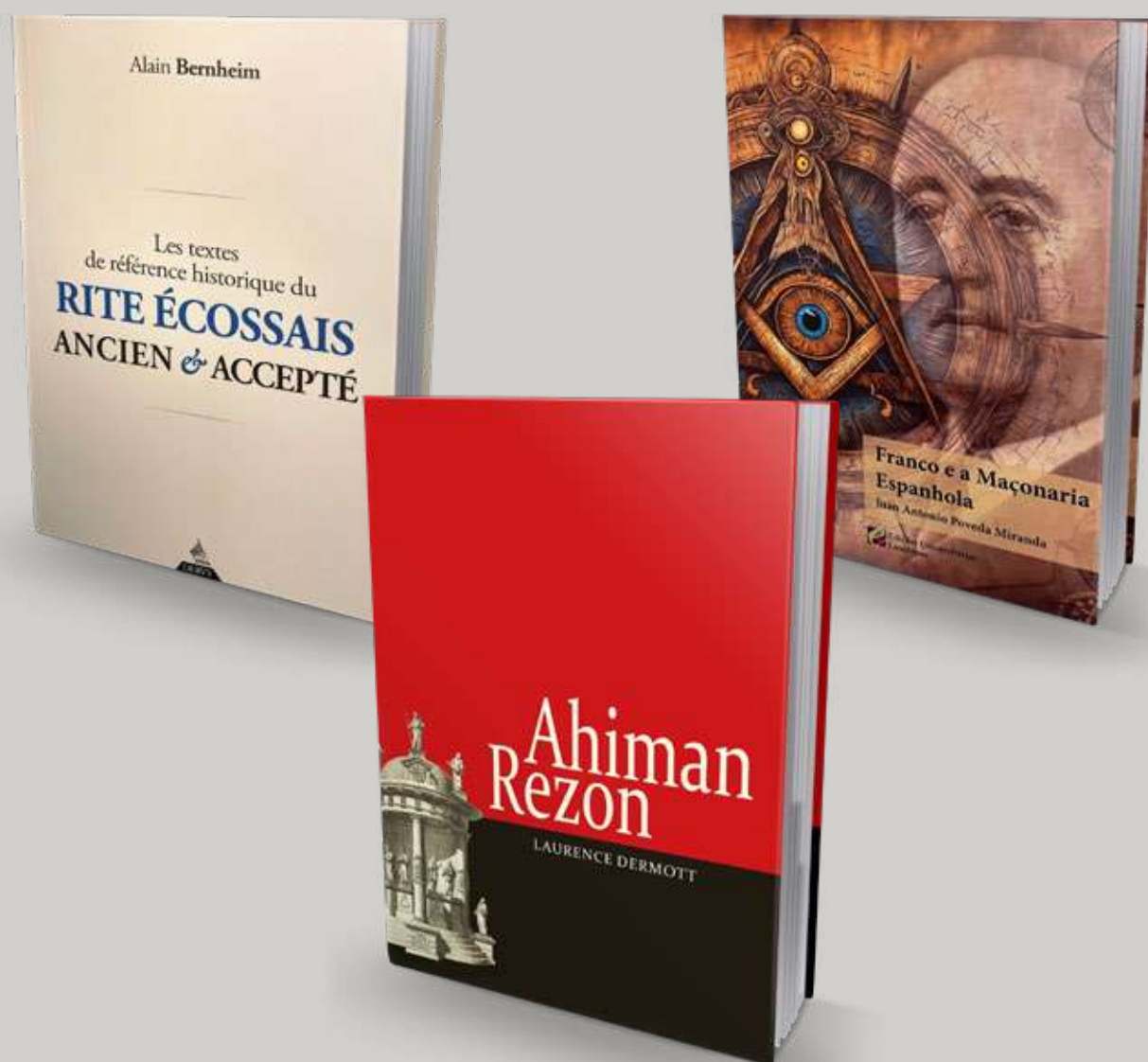
GRÊMIO LUSITANO

LIBERDADE - IGUALDADE - FRATERNIDADE



INICIAÇÃO E TRANSFORMAÇÃO

NOVIDADES DA LIVRARIA



MUSEU MAÇÓNICO
PORTUGUÊS



Facebook | Instagram
Museu Maçónico Português

ÍNDICE

5	EDITORIAL - Pedro Luiz de Castro NÓS E A MAÇONARIA, A MAÇONARIA E NÓS !
7	Jaime Pina A MINHA INEXORÁVEL VIAGEM EM DIREÇÃO AO ORIENTE
19	Paulo Mendes Pinto - R.: L.: Convergência DESPIDO E DESPOJADO
22	Henrique Monteiro UM SEGREDO NÃO PARTILHÁVEL
25	Prometeu (n.s.), M.: M.: A CULTURA DE GRUPO
28	António Maria da Fonseca, M.:M.: - R.:L.: Simões Coimbra EU ESTOU AQUI...PORQUÊ?
31	Carlos Mardel (n.s.) - R.:L.: Liberdade e Justiça GLORIFICAÇÃO DO TRABALHO
37	José Adelino Maltez - Ir.: Alexandre Herculano (n.s.) IN CLARIS, FIAT INTERPRETATIO
40	António Ventura INVOLUIR PARA EVOLUIR
43	Henrique (n.s.), M.:M.: O CAMINHO DA LUZ
45	Luís Conceição † (1952-2019) – R.: L.: Convergência PORQUE SOU MAÇOM?
50	Manuel Pinto dos Santos «TUDO VALE A PENA, QUANDO A ALMA NÃO É PEQUENA»
53	Joaquim Grave dos Santos TRÊS GRANDES PANCADAS
59	José Manuel Martins UM OUTRO OLHAR, OU DESEJO DE «PENSAR MAIS»
66	Luís Parreirão UMA OUTRA RELAÇÃO COM O MUNDO
70	João Alves Dias VIAGEM
72	Anselmo Bravule (n.s.) - R.:L.: Arte Real SER MAÇOM
75	Álvaro Carrilho - R.:L.: S.J. Jerusalém O IMPULSO DA CONSTRUÇÃO



Estatuto Editorial

A revista *Grémio Lusitano* é um espaço de livre debate de ideias, tendo por base os valores da Liberdade, Igualdade e Fraternidade. As opiniões expressas sob a forma de artigos, são orientadas por critérios de rigor e criatividade editorial, diversidade temática, visando abranger diferentes campos do Saber, respeito pela opinião alheia e rigor histórico. Pauta-se ainda pelas ideias inerentes ao Livre Pensamento, à liberdade de consciência e de expressão, à tolerância e ao pluralismo de pontos de vista.

Consideramos que a existência de uma opinião pública informada, ativa e interveniente é condição essencial para o exercício pleno da cidadania e para que cada pessoa exerça os seus direitos e deveres conscientemente, contribuindo para o Bem Comum. Por isso, a revista *Grémio Lusitano* entende dever participar no debate das grandes questões que se colocam à sociedade portuguesa, numa perspectiva de tolerância, de respeito pelo outro e de uma formação individual.

A revista *Grémio Lusitano* reconhece como seu limite o espaço privado dos cidadãos e todas as matérias para as quais não está vocacionada, conforme o art.º 17º/1 da Lei da Imprensa, assumindo como seu objetivo primeiro a sua credibilidade e como objetivo último a formação de cidadãos plenos.

FICHA TÉCNICA

PROPRIEDADE, SEDE, EDITOR E REDACÇÃO:

Grémio Lusitano
Rua do Grémio Lusitano 25
1200-211 Lisboa – Portugal

NIPC

500 929 270

TIRAGEM (Digital e Papel)

3000 exemplares

PERIODICIDADE

semestral

DEPÓSITO LEGAL

198408 / 09

REGISTO ERC

127398

DIRETOR

Pedro Luiz de Castro

DIRETOR ADJUNTO

Henrique Monteiro

COORDENAÇÃO

Pedro Luiz de Castro
Álvaro Carrilho
Inês Marques

GRAFISMO

Álvaro Carrilho

IMPRESSÃO

SextaCor, Lda.
Rua das Beatas, Lt A e B,
1170-051 Lisboa

TEXTOS

Álvaro Carrilho
António Maria Fonseca
António Ventura
Anselmo Bravule (n.s.)
Carlos Mardel (n.s.)
Henrique (n.s.)
Henrique Monteiro
Jaime Pina
João Alves Dias
José Adelino Maltez
José Manuel Martins
Joaquim Grave dos Santos
Manuel Pinto dos Santos
Luís Conceição†
Luís Parreirão
Paulo Mendes Pinto
Prometeu (n.s.)

Nós e a Maçonaria, a Maçonaria e nós !

Este número da Revista do Grémio Lusitano tem o propósito simples, mas arrojado, de saber o «quanto» e o «como» a Maçonaria transformou os homens e mulheres que acolheu.

É ponto assente que a admissão de novos membros na Maçonaria é iniciativa dela própria, pois é a Maçonaria – através dos seus Mestres – que escolhe os seus candidatos à admissão, por neles, os proponentes reconhecerem a tal fundamental condição de serem «Homens e Mulheres Livres e de Bons Costumes».

Isso significa que nem sempre os Mestres dirigem convites aos seus amigos, por muito amigos que sejam, pois isso não é de forma alguma garantia, que depois venham a ser bons e respeitáveis maçons, comprometidos com os nossos valores de Liberdade, a Igualdade e a Fraternidade.

Mas após todo o processo de análise do proposto, e passadas todas as provas a que é submetido – o chamado processo iniciático – que «novos» Homem / Mulher passam a existir na Maçonaria ?

A Maçonaria transforma-nos ? Modifica-nos ? Altera o nosso comportamento, a nossa visão do mundo ? Passamos a ser pessoas mais cumpridoras, mais comprometidas com a nossa positiva transformação, e por arrastamento com o melhoramento da própria sociedade onde nos inserimos ?

Dito de outra maneira, todos nós fomos iniciados, e nos muitos ou

poucos anos que temos como maçons, a nossa vida mudou ? Mas se mudou, mudou de que forma ? Em que sentido ? Como somos agora, e como nos comparamos ao que éramos antes ?

**Só na Maçonaria
encontramos e
interiorizamos o
cultivo da tolerância
e o respeito pela
diversidade, que
nos conduzem a
uma transformação
profunda e
individual.**

A Maçonaria após receber-nos, desenvolveu-nos formas de ser, estar e pensar diferentes ? Qual o impacto nas nossas vidas pessoais, profissionais e até familiares pelo facto de sermos maçons ? Passámos a pensar (e agir) de modo diferente ? Que novos princípios e/ou análises moldaram eventualmente uma nossa

nova e diferente forma de estar, de sentir, de viver ?

Os registos dos que aceitaram fazer algumas destas reflexões compõem este número. E sendo relatos pessoais e íntimos, às vezes tornam-se difíceis de explicar, por os seus autores acabarem necessariamente por se exporem um pouco.

A Maçonaria como Ordem Filosófica que é, seguramente operou modificações na nossa vida. De certeza que aprendemos a escutar mais o «outro», passámos a valorizar mais os nossos semelhantes, e sobretudo aprendemos que é fundamental melhorarmos um pouco todos os dias.

«Mas um maçom é sempre um neófito, o que nasce de novo, para regressar ao ventre materno, ou à noite cósmica, coisa que exige a chamada conversão, a morte para a vida profana. Quando se coloca o pré-iniciado numa «caverna no seio da terra», para que o iniciado proceda ao rito da separação, ao rito da transformação, o tal passar a um estágio superior, e ao rito da desagregação ou da purificação.

Porque iniciar-se é fazer morrer a vida velha, para que o homem, liberto das algemas, celebre os mistérios. São afinal, novas algemas que libertam, as que só podem compreender-se pela aceitação de uma vocação mística, o tal psicodrama, onde se morre para a

paixão, para os apetites, as opiniões e os interesses.

O tal nascer de novo que, em português antigo, se diz regeneração, isto é, esforço de reflexão que, pela interpretação dos símbolos, permite atingir uma comunhão de crenças, num esforço que tanto é individual como comunitário».¹

Só na Maçonaria encontramos e interiorizamos o cultivo da tolerância e o respeito pela diversidade, que nos conduzem a uma transformação profunda e individual. Transformamo-nos assim em agentes de uma mudança baseada em alterações expressivas do pensamento, da palavra e da ação na sociedade profana.

Viver maçonicamente significa ampliarmos ao máximo o nosso permanente diálogo na busca interminável do Conhecimento e da inalcançável Verdade absoluta.

Mas que nunca se diga de nós: «Entrou na Maçonaria, mas a Maçonaria nunca entrou nele...!»⁰

¹ Excerto da comunicação do Maçon José Adelino Maltez na Assembleia de República, em 20 de abril de 2021, aquando da discussão do projeto do PDS/PAN com vista à obrigatoriedade de os detentores de cargos políticos revelarem a sua ligação à maçonaria. A totalidade dessa intervenção pode ser vista aqui: <https://canal.parlamento.pt/?cid=5363&title=audicao-de-jose-adelino-maltez>

AS ILUSTRAÇÕES

Para complementar os artigos desta edição - que exploram conceitos, pessoais, íntimos, complexos e até abstratos - o designer Álvaro Carrilho recorreu à geração de imagens com inteligência artificial.

A criação de cada ilustração, exigiu descrições minuciosas, desde o tipo de composição e estilo visual, à criação dos personagens e cenografia, até às nuances emocionais da cena.

Inspirando-se no expressionismo alemão, com artistas como Kokoschka e Kirchner, e em figuras nacionais como Paula Rego, Álvaro Carrilho moldou a IA para gerar imagens que convidam o leitor a uma imersão profunda nas questões éticas, filosóficas e simbólicas, oferecendo uma nova dimensão à experiência de leitura.



A minha inexorável viagem em direção ao oriente

Há 30 anos, sabia da Maçonaria o que se podia extrair de qualquer fonte profana que a abordasse: que era uma organização fraternal; que surgira na Europa no final da Idade Média e no início da Idade Moderna; que as suas raízes mergulhavam nas guildas de pedreiros e construtores de catedrais da época medieval; que evoluíra de uma associação de trabalhadores manuais para uma sociedade de membros de diversas profissões e áreas de conhecimento; que, quando tal aconteceu os seus princípios representavam um novo posicionamento humanista¹.

Passados 30 anos, feito o balanço, encontrei tudo isto, mas mais, muito mais!

A MINHA VIAGEM MAÇÓNICA

Iniciei a minha viagem maçónica há 30 anos e dela fui somando recordações que me impregnaram indelevelmente.

Lembro, por exemplo, a estranheza da **Câmara de Reflexões**, sala escura, pequena, apenas iluminada por uma vela, cujo ambiente silencioso, intimista, mas pesado, contrastava com a algazarra que vinha da rua, com vozes de jovens que viviam a noite do Bairro Alto, com a alegria e irreverência tão típicas da idade.

Um deles, ao passar, disse: “...*esta é a casa do Dr. Mário Soares*”. Estava-me a ser revelado o nome de um maçom. Nessa altura ainda não o sabia, mas estava pela primeira vez confrontado com o silêncio, neste caso, um silêncio cujo objetivo era o de focar toda a minha atenção no ambiente que me rodeava.

A caveira, o galo, a ampulheta, o pão, o sal, a água, o enxofre, o espelho, frases como “*conhece-te a ti mesmo*” - máxima que ornamentava o frontão do antigo templo de Delfos - ou o misterioso acrónimo VITRIOL, provocaram em mim várias interrogações: Onde estou? Qual o significado profundo de todos estes símbolos?

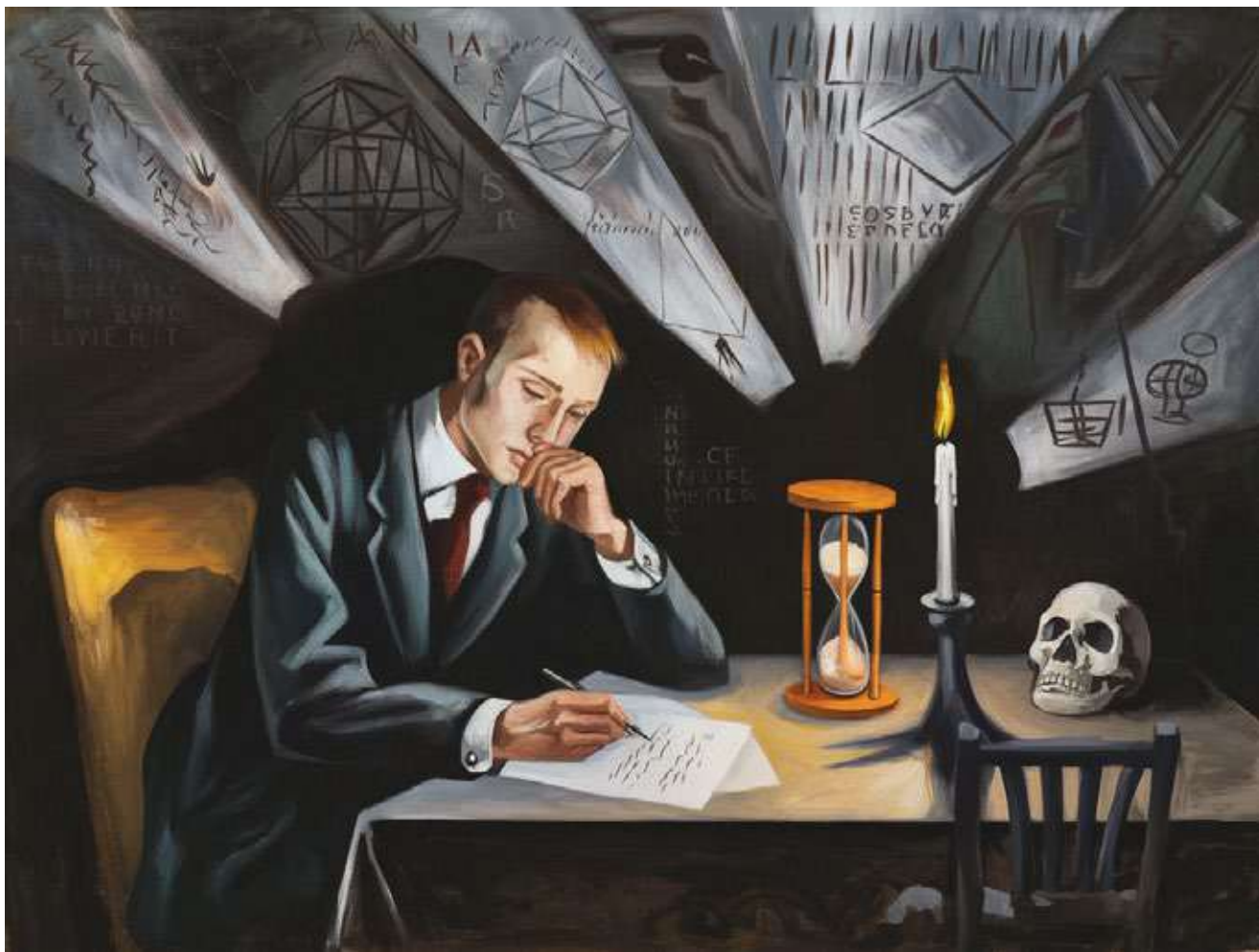
Nessa altura não sabia, mas tinha acabado de iniciar o meu percurso na simbologia maçónica. A curta estadia naquele espaço motivou em mim a promessa de vir a saber o que tudo aquilo significava! Ou pelo menos tentar.

Aprendi, mais tarde, que a Câmara de Reflexões é um espaço importante na preparação psicológica e espiritual do profano, antes deste se submeter à cerimónia da iniciação. O ambiente serve para que ele possa refletir sobre a vida, a morte, a

moralidade e a espiritualidade, antes de iniciar a jornada maçónica que o conduzirá a Aprendiz Maçom, iniciando, então, o ciclo de aprendizagem e de transformação pessoal².

Tinha sido posto em marcha um dos processos mais importantes que encontrei na Maçonaria: o da **procura**. Eu nessa altura ainda não sabia, mas os 30 anos seguintes seriam anos de procura, anos de descoberta, anos de aprendizagem.

Mais tarde perceberia que tinha estado dentro da Terra, destino final do nosso corpo (“*we commit this body to the ground, earth to earth, ashes to ashes, dust to dust...*”, a frase que é dita em cerimónias de sepultamento, e é parte do Livro de Oração Comum da Igreja Anglicana)³; estava a morrer como profano tornando lógico o que então me fora pedido: que escrevesse o meu testamento profano, filosófico.



Iria dentro de pouco tempo assistir ao meu renascimento: a minha, a nossa vitória.

Numa outra perspetiva, tal como afirmou o NQI Carl Sagan (1934 - 1996), “somos literalmente poeira das estrelas”, expressão que ilustra que os elementos que compõem os nossos corpos, os planetas e todo o universo foram formados nas estrelas que explodiram há milhões de anos.

A ideia transmite a conexão profunda que existe entre todos os seres vivos - incluindo os seres humanos - e o universo, mostrando que somos feitos da mesma matéria; os átomos que nos compõem são os átomos que compõem todo o universo e, no fim, quando morrermos, misturar-nos-emos com a restante poeira que o compõe⁴. Voltamos à origem. Mais um ciclo que se fecha.

De facto, como admiravelmente descobriu o NQI Lavoisier (1743

- 1794) “na natureza nada se cria, nada se perde, tudo se transforma”, frase que é uma simplificação do “princípio da conservação da massa” que publicou no “*Traité Élémentaire de Chimie*”, publicado em 1789⁵. Nascemos do universo e quando partirmos para o Oriente Eterno, diluir-nos-emos de novo, nele. Tudo é uno.

Saberia, igualmente, mais tarde, que tinha iniciado a minha viagem maçónica visitando um espaço alegoricamente alquímico e aquele momento simbolizava o início da transformação que se pretendia: a minha transformação de chumbo em ouro, do ser ignorante num ser resplandecente de sabedoria. Hoje penso que apenas trilhei uma pequena parte desse caminho infinito.

Só mais tarde percebi o significado do tal acrónimo misterioso “*Visita Interiora Terrae, Retificandoque, Invenies Occultum Lapidem*”: um convite à meditação sobre mim

mesmo, como forma de conduzir a minha transformação através do aperfeiçoamento – a Grande Obra. A essência da alquimia e do segredo maçónico^{2,6}.

Para qualquer maçom (e também para a Loja), a **iniciação** é o processo marcante do percurso maçónico. “*Nem nu, nem vestido e despojado de metais*”, o momento em que me tiraram a venda (**Fiat Lux**), com as espadas empunhadas pelos MQI, dirigidas ao meu coração, foi de facto um momento inesquecível com uma poderosa carga transformadora. O processo de transformação do profano (pedra bruta) num ser mais luminoso (pedra polida) é poderosamente alavancado por aquele momento ritual transformador.

Mas a cerimónia de iniciação – processo pelo qual o neófito é aceite oficialmente na Ordem Maçónica, entendida como uma sociedade discreta e fraternal com raízes em tradições esotéricas,

filosóficas e morais – momento nuclear na experiência maçónica, pois simboliza o começo da jornada espiritual e intelectual em busca do autoconhecimento, da virtude, da sabedoria, da superação das paixões e do aprimoramento moral, é muito mais do que uma cerimónia^{2,6}. Como explicarei no fim.

O ritual de iniciação teve para mim mais momentos marcantes, como aquele em que conheci o meu pior inimigo, ou quando de livre vontade bebi do cálice da amargura, ato que traduziu o meu elevado grau de adesão à cerimónia memorável que estava a viver (terá sido a única vez na minha vida que ousei beber algo desconhecido), ou quando revelei o nome simbólico escolhido, que passaria a identificar-me como novo Irmão.

O mito de Ícaro é conhecido: conta que Dédalo e Ícaro foram presos por Minos na ilha de Creta após a construção do Labirinto. Para escapar, Dédalo construiu asas de cera de abelha e penas, para ele e para o filho. Antes de voarem, Dédalo advertiu Ícaro para não voar muito alto, perto do sol. No entanto, Ícaro, encantado com a sensação de voar, ignorou o aviso do pai e subiu alto demais. O calor do sol derreteu a cera das suas asas, fazendo com que ele caísse no mar e morresse⁷.

O mito de Ícaro é frequentemente interpretado como uma advertência contra a arrogância, a ambição desmedida e o desprezo pelos conselhos prudentes. Ele simboliza os perigos da desobediência e da busca imprudente por metas impossíveis, mas também é um hino à Liberdade. Ícaro perdeu a sua vida pela Liberdade – sair da Torre onde estava preso e voar livre pelos céus, perto do sol.

Mas a Iniciação encerra na sua etimologia (do latim *initiatio*) a sua principal característica: é apenas um começo, o **início**, mas início de um caminho de grande complexidade e cheio de surpresas.

Foi a partir daquele momento, em que os agora meus irmãos me aceitaram naquela nova comunidade, tão diferente de todas as que até então conhecia, que me senti mobilizado para a mudança. A cerimónia ritual, é, em si, um compêndio de ensinamentos, de novos conhecimentos, tradições e valores que, a partir de então se vão revelando, e que mais tarde vamos descobrindo, entendendo, vivenciado.

**Somos feitos da
mesma matéria;
os átomos que
nos compõem são
os átomos que
compõem todo o
universo e, no fim,
quando morrermos,
misturar-nos-emos
com a restante
poeira que o
compõe. Voltamos
à origem. Mais um
ciclo que se fecha.**

Naquele momento estava-me a ser proposto um novo princípio, com uma nova identidade, um novo nome, novas experiências e novos objetivos, um renascimento em conexão com o sagrado, um entendimento espiritual mais profundo e uma aproximação à entidade criadora. Foi isso que então senti.

Foi o primeiro passo de uma longa caminhada que, para mim dura há 30 anos, e na qual eu, peregrino tenho tentado à minha maneira, com a ajuda dos meus irmãos, viajar pela sabedoria, pela razão, pelo conhecimento e pelo coração, meu e dos

outros; e, sobretudo, pela Fraternidade!

Nesse já longo caminho retive muitos momentos memoráveis. Entre eles destaco: o meu ano de silêncio como aprendiz, (terminei na altura, a minha texto de aprendiz afirmando que seria para sempre aprendiz. Trinta anos volvidos o nome do meu grupo de WA é o de “Eternos aprendizes” - mais um ciclo virtuoso que se fechou) e o encantamento que aconteceu quando encontrei o Pelicano.

Quanto ao silêncio, encontrei na Maçonaria vários momentos de silêncio.

Há o silêncio na Câmara de Reflexões, aqui, uma ferramenta para levar o então profano a meditar no passo que vai dar, a escrever o seu testamento filosófico e pela primeira vez contactar com a simbologia maçónica, despertando-lhe a curiosidade e a vontade de a descobrir e aprender.

Igualmente, no início de cada sessão, à porta do Templo, quando o Irmão Mestre de Cerimónias nos convida a “abandonar os metais” e nos pede que em “silêncio” meditemos sobre a sacralização do espaço onde vamos entrar e sobre o que aí iremos fazer.

Também na cerimónia da iniciação, a terceira viagem, ao contrário das anteriores, é feita em silêncio e em harmonia, traduzindo que quanto mais se avança na estrada da virtude, mais se pode caminhar com passo firme e seguro, melhor resistindo aos ruídos exteriores que nos distraem e perturbam.

Do mesmo modo, na Cadeia de União – na minha opinião, o momento mais nobre e com maior significado dos nossos trabalhos, quando o tempo e o espaço se diluem, perdem as suas coordenadas, permitindo aos irmãos fisicamente unidos, estarem em todo o lado e em qualquer momento – o silêncio reforça a consciência da

transcendência do momento. É o ponto alto dos nossos trabalhos.

Porém, há um silêncio muito particular: o silêncio do aprendiz. Só entendi o silêncio imposto ao aprendiz muito mais tarde e esse entendimento foi gradual^{2,6,8}. O silêncio do aprendiz remete tanto para conceitos filosóficos como para práticas de autodesenvolvimento que visam a aprendizagem, a reflexão interna, a disciplina e o autocontrole.

O silêncio – que em muitos contextos filosóficos é visto como símbolo de sabedoria – é imposto ao aprendiz como forma de respeito pelos mistérios que vai decodificando e, também, como um exercício de humildade.

O silêncio do aprendiz não é uma penalização, antes pelo contrário: a Loja dá ao aprendiz todo o espaço e toda a liberdade para desvendar toda a riqueza simbólica que desfila perante si, constituindo-se como uma importante ferramenta formativa no seu trajeto em direção à luz, que acabou de descortinar.

De facto, tudo o que o aprendiz apreende nas sessões de Loja tem a ver com o que vê, ouve, consegue decifrar, entender, reter e elaborar. É um trabalho pessoal, íntimo cujo resultado constitui o verdadeiro segredo maçónico: *“os lábios da sabedoria estão fechados, exceto aos ouvidos do entendimento”*.³⁷

Vivi o silêncio do Aprendiz num diálogo ensurdecedor comigo próprio, atento ao que via e ouvia, tentando entender o significado de muitas palavras e símbolos que pela primeira vez via desfilar à minha frente, em novos contextos, com novos significados.

Uma régua já não era um instrumento de madeira destinada a medir e a traçar retas e ângulos, antes o símbolo da retidão e da equidade; o fio-de-prumo, ferramenta que permite obter a verticalidade, representa agora a profundidade que devem ter os conhecimentos do maçom, bem como a sua retidão e

consistência; o nível deixou de ser um instrumento de alinhamento indispensável na construção e passou a ser o símbolo de equilíbrio e da igualdade entre todos os homens, resultante da prática do princípio da tolerância e da aceitação da diversidade; o compasso deixou de ser um instrumento de desenho para passar a representar a amplitude e a abertura do pensamento, aberto em todas as sessões a 45°, colocado sobre o livro da Lei Sagrada e sob o esquadro, significando tal, que a matéria predomina ainda sobre o espírito e traduzindo o

Impondo o silêncio, a Loja dá ao aprendiz todo o espaço e toda a liberdade para desvendar toda a riqueza simbólica que desfila perante si, constituindo-se como uma importante ferramenta formativa no seu trajeto em direção à luz, que acabou de descortinar.

muito trabalho que o aprendiz maçom tem na sua caminhada; o esquadro, ferramenta antiga de Pitágoras e de Vitruvius, perde a sua importância geométrica (ferramenta indispensável aos traçados de arquitetura), e passa a representar a relação entre o espírito (o seu braço vertical) e a matéria (o seu braço horizontal), sendo o símbolo da retidão e da moralidade que deve

estar presente no comportamento de todos os maçons.

Porém, à medida que o estudo e a ajuda dos meus irmãos faziam com que a decifração, o entendimento e os significados dos símbolos fossem aumentando, mais eu sentia que a meta do conhecimento e da sabedoria estava cada vez mais distante. A tarefa é ciclópica e hoje considero-a sem fim possível. Nunca lá chegarei, até porque no estudo da simbologia não há uma leitura unívoca: a liberdade interpretativa é a sua verdadeira riqueza.

O Silêncio da Maçonaria retoma o silêncio de muitos outros momentos, presente em numerosos contextos do desenvolvimento humano. Ele está presente nas antigas *Old Charges* dos maçons operativos, entre os Essénios, Taoístas e Budistas, passando pelos mistérios gregos.

Parafraseando os pitagóricos *“quem fala semeia, quem escuta recolhe”*: o silêncio como meio espiritual e de aperfeiçoamento interior³⁸. É precisamente o conceito subjacente ao silêncio do Aprendiz Maçom.

RETOMANDO O PERCURSO

Depois de visitar o interior da Terra, os meus irmãos reconheceram-me maçom. E no momento em que vi a luz, vi também em mim o meu pior inimigo⁹. Passei do fio-de-prumo ao nível, vi a estrela flamejante, conheci a letra G e viajei pelo Homem e pela sua natureza: os sentidos, as artes, as ciências, a sociedade e o trabalho.

Conheci a acácia e morri como Hiram¹⁰. Moabon – da sua carne putrefacta renasci para a vida¹¹. Ungido pelas árvores da vida visitei o seu túmulo. Procurei o Mestre, substituí-o, puni os seus assassinos. Vinguei a sua morte, desobedeci, mas graças à solidariedade dos meus irmãos, fui perdoado. Compreendi a diferença entre ser justo e fazer justiça. Perdi dogmatismo e adquiri tolerância. Por fim fui



recompensado pelo trabalho na reconstrução do Templo.

Aprendi, talvez o mais importante: que, baseado em experiências interiores, se produzem manifestações que não se explicitam e que só podem ser expressas por linguagem simbólica cifrada, apenas entendível pelos irmãos que comigo partilham o presente percurso iniciático. Nós deciframos, entendemos e partilhámos a palavra e o símbolo.

O troço da viagem em que viajei ornamentado pela **rosa** e pela **cruz**, foi para mim o momento mágico do descobrimento e do entendimento.

A rosa, símbolo da Grande Obra Alquímica e do pensamento criativo – a pedra filosofal, ferramenta mística como instrumento, a Grande Obra como processo, e a transmutação dos metais em ouro simbolizando a capacidade transformadora que a Aprendizagem, o Conhecimento, a Tolerância e o Aperfeiçoamento moral têm no

Homem – mas também símbolo feminino, da beleza, do amor, da discrição e da renovação da vida.

A cruz, Unidade Primordial (binómio vida/morte, destruição/regeneração), signo divino, tão antigo que anterior às tradições religiosas, símbolo universal, representando os solstícios, os equinócios e os elementos da natureza: a terra, o ar, o fogo e a água.

Os quatro braços, identificados com os pontos cardeais, traduzem a viagem que eu, cavaleiro Rosa-Cruz, tive que realizar em busca da palavra perdida. Viajei suportado pela Coragem, pela Justiça, pela Prudência e pela Temperança, iniciando a viagem pelo Oriente, e que terminará num outro Oriente – o inexorável Oriente Eterno (volta à terra o que é da terra). O ciclo fecha-se.

A rosa (símbolo feminino, símbolo do Céu) e a cruz (símbolo masculino, símbolo da Terra) traduzem, uma vez

mais, a junção dos opostos, a capacidade de criação universal e a Vida que se renova constantemente. Foi então que absorvi a reinterpretação do símbolo!

Tal como a Fénix é consumida pelo fogo e renasce das cinzas, assim “a natureza é integralmente renovada pelo fogo” – ÍGNE NATURA RENOVATUR INTEGRA. O fogo como elemento purificador, que vai permitir que a ignorância, o fanatismo e os preconceitos sejam eliminados e substituídos pela razão, pelo conhecimento, o livre pensamento e o Amor.

O pensamento imortal renasce das cinzas da sua própria destruição. A Natureza regenera-se. O Homem também. O maçom transforma-se num ser novo, fonte de luz, de sabedoria e de amor que lhe permitem atingir o Conhecimento e um patamar superior do espírito. Na viagem em demanda da perfeição



caímos muitas vezes, porém levantamo-nos renovados, recriados.

Os cavaleiros da Águia e do Pelicano fundem a observação científica da natureza com a obra do amor a Deus. À fé nos seus próprios princípios juntam a esperança que sustenta o candelabro místico e a caridade que tudo fecunda

O renascimento espiritual foi-me proposto por muitos dos símbolos que envolvem o cavaleiro Rosa-Cruz. O cavaleiro Rosa-Cruz representa o domínio da matéria pelo espírito. Tudo está unido; o que está em cima é igual ao que está em baixo; o microcosmo (o Homem) é igual ao macrocosmos (o universo), pois ambos são constituídos pela mesma matéria e regidos pelas mesmas Leis. A natureza é una. Trabalhemos para a sua união com um espírito livre de preconceitos.

A destruição do mundo ignorante e intolerante e a regeneração pelo

amor, pelo conhecimento e pela fraternidade, são o nosso objetivo, tal como o combate contra o medo, o erro, a servidão, o mal e as trevas. Citando o nosso ritual *“Uma rosa sobre uma Cruz é a forma mais simples de escrever em hieróglifo: segredo da imortalidade, o último conhecimento, o mais secreto e íntimo dos antigos mistérios”*.

Mas o percurso continuou: deixei de ser cavaleiro peregrino e passei a ser cavaleiro filósofo. O meu compromisso com a ética, a justiça, a sabedoria e a compaixão, foram reconhecidos, e assim tornei-me Pontífice: construí pontes entre o temporal e o eterno, entre a matéria e o espírito e entre os Homens.

Mais tarde os meus irmãos cavaleiros reconheceram-me como Mestre para toda a vida; subi, então, com Moisés ao Monte Sinai e vi-o gravar em pedra as Leis ditadas diretamente pelo GADU¹².

A liberdade de ensino tornou-se, então, a minha divisa.

Como cavaleiro ao serviço da humanidade visitei Noé e a sua Lei moral com a sua obediência cega a Deus¹³, estive com os seus descendentes, assisti à construção da Torre de Babel e ao castigo dos seus construtores pela sua arrogância e orgulho¹⁴.

Vivi o poder da Serpente de Ouro, visitei a Jerusalém Celeste, a cidade perfeita com as suas ruas de ouro, muros de pedras preciosas e a presença de Deus, cidade pura, harmoniosa, livre de sofrimento, maldade e corrupção e onde impera a perfeição moral e, por fim, subi e desci a Escada Misteriosa e encontrei Hugues de Payens e Geoffroi de Saint-Omer e os seus companheiros.

Vivi, primeiro, a humildade e a devoção a Deus destes cavaleiros (*Non nobis, Domine, non nobis, sed nomini tuo da gloriam*) - “Não a nós,

Senhor, não a nós, mas ao Teu nome dá a glória”; depois, assisti à ignominiosa morte de Jacques de Molay¹⁵, e, mais tarde, à destruição dos seus verdugos.

MAÇONARIA ESPECULATIVA

A maçonaria especulativa foi criada por uma elite britânica que depois a exportou para todo o mundo. Alicerçam-nos textos antigos reveladores de uma procura e sabedoria primordiais - alguns anteriores ao cristianismo - quais instrumentos sobre a natureza do indivíduo e um meio para a compreensão e apreensão da história do pensamento humano, dos povos e das suas elites, ou seja, do Homem, da sua iluminação espiritual e da sua integração na natureza.

Por exemplo, o *Corpus Hermeticum*^{2,6,16}, tratado filosófico e religioso atribuído à figura sincrética de Hermes Trimegisto, mas escrito nos primeiros séculos da era cristã e que tanta influência teve em filósofos do Renascimento; ou a Tábua Esmeralda^{2,6,16}, que nos seus 13 aforismos nos aponta para a união dos opostos, o caminho para a transformação e a elevação espiritual e nos diz que as leis que nos regem são as que regem todo o universo; ou a Cabala^{2,6,16}, sistema místico de pensamento que se desenvolveu dentro do judaísmo, que propõe uma leitura particular das escrituras, desvendando significados ocultos nas ligações entre o humano e o divino; ou, os três manifestos rosacruzcianos^{2,6,16}, surgidos no século XVII (*Fama Fraternitatis*, 1614; *Confessum Fraternitatis*, 1615 e as “Bodas Alquímicas de Christian Rosencreutz”, 1617, ou ainda as Old Charges^{2,6,16}, as antigas regras morais, profissionais e religiosas dos antigos maçons operativos medievais.

Todos eles têm subjacentes a procura, a compreensão do Homem integrado na natureza, a sua elevação espiritual, a compreensão do universo e o desenvolvimento do conhecimento, até porque não há

evolução intelectual sem conhecimento.

Outro dos nossos alicerces foi uma instituição de ciência, a *Royal Society*^{17,18}. Vamos encontrar entre os primeiros nomes da maçonaria dita de especulativa, o peso dessa instituição, como representando a fusão entre o esoterismo e a ciência, qual organismo biológico em que o primeiro representa a parte espiritual e o segundo a orgânica.

A rosa (símbolo feminino, símbolo do Céu) e a cruz (símbolo masculino, símbolo da Terra) traduzem, uma vez mais, a junção dos opostos, a capacidade de criação universal e a Vida que se renova constantemente.

Elias Ashmole^{17,18,19}, Robert Moray^{17,18,20} (o primeiro presidente da *Royal Society*), Jean Théophyle Desaguliers^{17,18,21}, (sacerdote da Igreja Anglicana e Grão-Mestre da primeira Grande Loja de Inglaterra) são simultaneamente maçons e membros proeminentes da *Royal Society*. Em 1723, dos 200 membros desta organização, 40 eram maçons.

Esta ligação entre as duas instituições traduz perfeitamente o espírito da nova maçonaria: ser uma elite, promover a descoberta de antigos conhecimentos esotéricos e de novos conhecimentos científicos, promover a transformação social e de integrar o racionalismo com aspetos místicos da realidade.

Essa ligação entre ciência e filosofia, que foi parte importante do pensamento renascentista e iluminista, que nos formatou, encontrei-a eu nos meus 30 anos de prática maçónica: a construção do Homem novo, mais solidário e fraterno e agente de uma sociedade mais livre e igual.

Em 1723, seis anos após a constituição da Grande Loja de Inglaterra, outra personalidade aparece, o pastor presbiteriano James Anderson^{17,18,22}, que foi por ela encarregado de escrever aquele que seria o nosso texto fundacional e que passou para a posteridade como as Constituições de Anderson. Transcrevo:

“Embora nos tempos antigos os pedreiros fossem obrigados, em cada país, a ser da religião desse país ou nação, qualquer que ela fosse, julga-se agora mais adequado obrigá-los apenas àquela religião com a qual todos os homens concordam, deixando a cada um as suas convicções próprias: isto é, a serem homens bons e leais ou homens honrados e honestos, quaisquer que sejam as denominações ou crenças que os possam distinguir”.^{17,18,23}

Liberdade de pensamento, liberdade religiosa, tolerância e elevado nível moral são as novas mensagens de James Anderson e da nova Maçonaria.

Outro elemento importante na construção da nova Maçonaria foi o escocês Andrew Michael Ramsey^{17,18,24}, também ele membro da *Royal Society*. Se por um lado ele foi o responsável por levar a maçonaria para França, e assim para todo o continente europeu, foi ele que introduziu a tradição nobre, cavaleiresca e cruzadística que levou à criação dos altos graus, coluna dorsal do REAA e que motivou a adesão massiva da aristocracia francesa à nova Ordem.

No seu célebre discurso de 1738, que passou para a posteridade como “O

discurso do cavaleiro Ramsay”, é referido entre outros postulados:

“Humanidade, moral pura, o segredo inviolável e o gosto pelas belas artes são as qualidades necessárias para se poder entrar na Maçonaria”;

“Os homens não se distinguem essencialmente pelas diferentes línguas que falam, as roupas que usam, os países que ocupam, ou as dignidades com que estão investidos. O mundo todo não passa de uma república onde cada nação é uma família e cada indivíduo é um filho. É para fazer reviver e espalhar estas máximas essenciais, empreitadas da natureza do Homem, que a nossa sociedade foi inicialmente estabelecida”

“Queremos reunir todos os homens de espírito esclarecido, maneiras gentis e humor agradável, não só pelo amor às belas artes, mas ainda mais pelos grandes princípios de virtude, ciência e religião, onde o interesse pela Fraternidade se tornam aqueles de toda a raça humana, onde todas as nações podem recorrer a conhecimentos sólidos e onde os habitantes de todos os reinos possam aprender a valorizar um ao outro, sem abrir mão da sua pátria”.^{17,18, 25}

Esta nova visão de um Homem mais livre, moralmente aperfeiçoado e tolerante, amante da ciência, crítico da escravatura, da pena de morte, da Inquisição, da monarquia absoluta e das religiões reveladas, defensor de um Deus sem exclusivo (cada pessoa que o queira tem o seu, seja Deus, Jeová, Alá ou Brahma), integrando uma organização capaz de juntar à sua volta pessoas de todas as religiões, teria necessariamente que incomodar interesses instalados. E um deles foi a Igreja Católica.

Desde que a Maçonaria especulativa surgiu no século XVIII que teve uma oposição virulenta por parte da Igreja Católica.

O facto de a maçonaria, ser uma organização iniciática e filosófica, que promove valores como a liberdade de pensamento, a fraternidade entre os homens, o aperfeiçoamento

pessoal, a laicidade, o afastamento das doutrinas religiosas com os seus dogmas e as suas obediências, é vista pela igreja como uma ameaça aos seus ensinamentos e à sua autoridade, especialmente devido ao seu carácter intimista, pluralista em questões de fé e, sobretudo, por promover uma visão racionalista e relativista da verdade, o que contrasta com o dogmatismo católico (dogma é uma verdade absoluta, definitiva, imutável, infalível e absolutamente segura sobre a qual não pode pairar nenhuma dúvida.

Nova maçonaria: Ser uma elite, promover a descoberta de antigos conhecimentos esotéricos e novos conhecimentos científicos, promover a transformação social e integrar o racionalismo com aspetos místicos da realidade.

Uma vez proclamado solenemente, nenhum dogma pode ser revogado ou negado nem mesmo pelo papa. A igreja católica tem 43 dogmas principais, desde o da infalibilidade do Papa em questões de fé e de moral, até ao da ascensão de corpo e alma da Virgem Maria aos céus, após a sua vida terrena, passando pelo da

virgindade de Maria, antes e após o parto).

Por outro lado, a maçonaria é profundamente adogmática, laica, defende a liberdade religiosa e a separação entre religião e Estado, características que afastaram ainda mais a Igreja Católica, desconfiando esta da influência daquela em governos e sociedades seculares.

A resposta da Igreja Católica foi um conjunto de mais de vinte documentos (bulas e encíclicas) que diabolizam a maçonaria e impedem quaisquer contactos entre os seus crentes e qualquer obediência maçónica.

Esses documentos foram escritos e publicados ao longo dos anos, por vários Papas, como, por exemplo: a bula *Providas Romanorum Pontificum* (Bento XIV, 1751)²⁶; a carta encíclica *Ecclesiam a Jesu Christo* (Pio VII, 1821)²⁷; a carta apostólica *Quo Graviora Mala*, (Leão XII, 1825)²⁸; a carta encíclica *Mirari Vos* (Gregório XVI, 1832)²⁹ e vários assinados pelo papa Leão XIII, como a encíclica *Humanum Genus* (1864)³⁰ um papa particularmente inimigo da maçonaria.

No primeiro destes documentos – a bula *In Eminenti Apostolatus Specula*³¹ de Clemente XII (1738), publicado 20 anos após a constituição da primeira Grande Loja de Inglaterra, ficou plasmada a posição oficial da Igreja Católica em relação à maçonaria, mais ou menos mantida até aos dias de hoje.

Nesse documento a Igreja Católica proclama:

- «A condenação da maçonaria para todo o sempre»;
- «A proibição dos fiéis aderirem à maçonaria, difundir as suas ideias, conviver com os maçons, recebê-los em suas casas, dar-lhes asilo ou proteção, assistir às suas reuniões, dar-lhes poder ou meios para se reunirem, fornecer-lhes seja o que for, dar-lhes conselhos, prestar-lhes auxílio ou favores, quer



aberta, quer secretamente, direta ou indiretamente, por si ou por outros, seja de que forma for»;

- «A excomunhão sem oportunidade de defesa para todos aqueles que infringirem esta lei».

Esses documentos consideram, a maçonaria um perigo para a fé católica, para a sociedade cristã e para a ordem pública, proibindo os católicos de frequentarem Lojas Maçônicas.

Além dessas bulas e encíclicas, a Igreja continuou, em várias ocasiões, a reafirmar sua posição contra a maçonaria. O Código de Direito Canônico de 1917 (cânon 2.335: “Os que aderem à maçonaria, ou a qualquer outra sociedade de natureza semelhante, são excomungados automaticamente, sem necessidade de declaração, salvo se o Papa estabelecer de outro modo.”)³² e o de 1983 (cânon 1.374)³³ mantiveram a excomunhão automática para os católicos que se

associam à maçonaria, reforçando a ideia de que a filiação maçônica é incompatível com a doutrina cristã.

Mais recentemente, a posição da Igreja Católica em relação à maçonaria continuou firme, embora com algumas atualizações. Até com o Concílio Vaticano II (1962 – 1965), que promoveu um diálogo mais aberto com outras religiões e movimentos, a maçonaria permaneceu proibida para os católicos.

A condenação da maçonaria foi reafirmada em vários documentos recentes, e a Igreja manteve sua postura de que a filiação maçônica é incompatível com a fé católica. Por exemplo, na Declaração de 1983 da Congregação para a Doutrina da Fé – após a revisão do Código de Direito Canônico de 1983, que substituiu o antigo de 1917 – algumas interpretações sugeriram que a excomunhão automática contra maçons teria sido suavizada ou removida, já que o novo Código

não mencionava explicitamente a maçonaria.

No entanto, em 26 de novembro de 1983, a Congregação para a Doutrina da Fé, sob a liderança do então cardeal Joseph Ratzinger (futuro Papa Bento XVI), emitiu uma declaração clara reafirmando que a posição da Igreja não havia mudado³⁴.

Essa declaração afirma:

- “Permanece imutável o juízo negativo da Igreja a respeito das associações maçônicas, visto que os seus princípios sempre foram considerados inconciliáveis com a doutrina da Igreja”.
- Especifica ainda que “os católicos que pertencem à maçonaria estão em estado de pecado grave e não podem receber a comunhão”.

A mesma posição foi reafirmada em 1996 numa Carta da Congregação para a Doutrina da Fé em que num esclarecimento pedido por bispos alemães, essa Congregação reafirmou a posição de 1983, enfatizando que não houve nenhuma mudança de postura em relação à maçonaria. O documento sublinha que os católicos que se juntam à maçonaria ainda incorrem em excomunhão.

Também declarações de líderes eclesiásticos contemporâneos – os Papas João Paulo II, Bento XVI e Francisco, reafirmaram a oposição da Igreja à maçonaria em várias ocasiões, destacando que os princípios maçónicos, como o relativismo religioso, o secularismo e o racionalismo, são incompatíveis com a fé católica e a participação de católicos continua a ser estritamente proibida, sob pena de excomunhão.

Relativamente ao Papa Francisco, apesar de não ter feito nenhuma declaração direta e oficial que mudasse a posição histórica da Igreja Católica em relação à maçonaria e de promover uma Igreja mais acolhedora e aberta ao diálogo com o mundo, nunca flexibilizou a posição doutrinária oficial da Igreja em relação à maçonaria, que permanece como uma associação contrária aos ensinamentos da Igreja Católica.

Ainda recentemente, em de 13 de novembro de 2023, em resposta a uma solicitação do bispo filipino Julito Cortes, que pedia orientações doutrinárias como lidar adequadamente com o cada vez maior número de fiéis da sua diocese que eram filiados na maçonaria, o Dicastério para a Doutrina da Fé, em documento assinado pelo prefeito Victor Fernández e com a aprovação do Papa Francisco, respondeu que “os católicos continuam proibidos de se filiar na maçonaria”³⁵.

Apesar de não haver nenhum documento que revogasse a pena de excomunhão, numa leitura literal, podemos dizer que até 1983 a pena para os Católicos que se associassem à maçonaria era a de excomunhão;

desde então, a pena é a da interdição aos sacramentos, como a eucaristia.

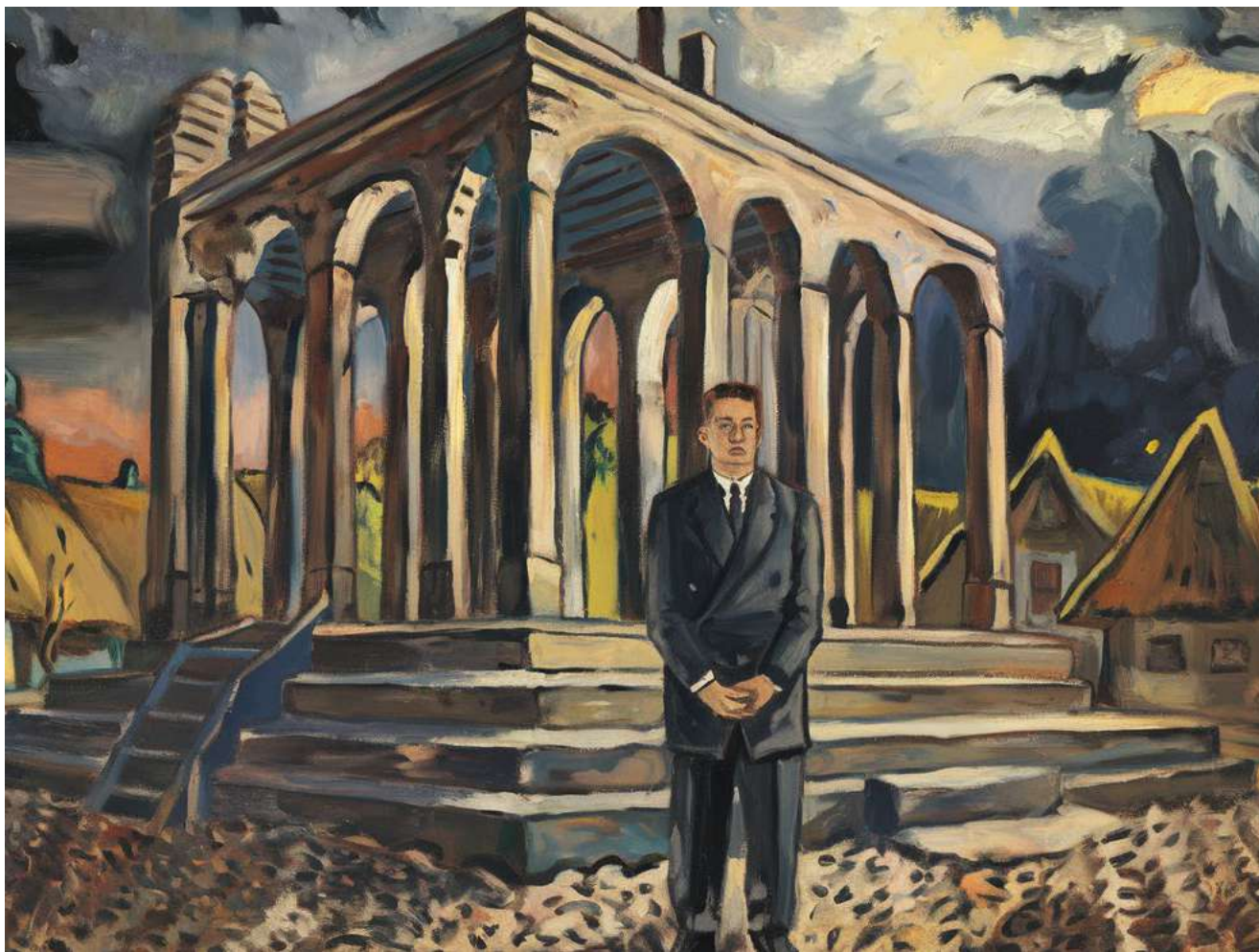
Momento muito particular na minha vivência maçónica foi no dia em que pela primeira vez li a Constituição do Grande Oriente Lusitano – Maçonaria Portuguesa³⁶, momento em que comecei a delinear a resposta à pergunta que tantas vezes fazia: o que é a Maçonaria?

O facto de a maçonaria, ser uma organização iniciática e filosófica, promover valores como a liberdade de pensamento, a fraternidade, o aperfeiçoamento pessoal, a laicidade, o afastamento das doutrinas religiosas com os seus dogmas e as suas obediências, é vista pela igreja como uma ameaça aos seus ensinamentos, à sua autoridade, devido ao seu carácter intimista, pluralista em questões de fé.

No seu Título I, que integra os seus primeiros oito artigos, estavam as respostas a essa insistente pergunta: “Mas o que é a Maçonaria?” E lá encontrei, por fim, muitas respostas:

- ... Ordem universal, filosófica e progressiva, fundada na Tradição iniciática obedecendo aos princípios da Fraternidade e da Tolerância e constituindo uma aliança de homens livres e de bons costumes, de todas as raças, nacionalidade e crenças;
- ...tem por fim o aperfeiçoamento da Humanidade através da elevação moral e espiritual do indivíduo;
- ... não aceita dogmas e combate todas as formas de opressão sobre o Homem, luta contra o terror, a miséria, o sectarismo e a ignorância, combate a corrupção e enaltece o mérito;
- ...procura a conciliação de conflitos, unindo todos os homens na prática de uma Moral Universal e, no respeito da personalidade de cada um, condena as regalias injustas;
- ...adota como divisa, a Liberdade, a Igualdade e a Fraternidade, e como lema a Justiça, a Verdade, a Honra e o Progresso;
- ... considera o Trabalho um direito e um dever essencial ao Homem, honrando igualmente o trabalho intelectual e o trabalho manual;
- ...os maçons respeitam as autoridades legítimas do país onde vivem e livremente se reúnem.

Percebi que tinha ingressado numa Ordem universal, filosófica, progressiva, fundada na tradição iniciática e defensora e divulgadora dos princípios mais nobres e definidores da Humanidade – os princípios do Iluminismo: liberdade, igualdade, fraternidade, tolerância e elevação moral e espiritual.



O aperfeiçoamento da Humanidade, a não aceitação de dogmas, o combate ao terror, à miséria, ao sectarismo, à ignorância, e à corrupção, o enaltecimento do mérito, a conciliação de conflitos e o trabalho como um dever e um direito do Homem estavam entre os seus principais objetivos programáticos.

Só então, percebi onde estava. Mas ainda não tinha percebido tudo!

Fecho um ciclo e volto ao meu momento inicial - à **Iniciação**.

Quando fui iniciado a minha preocupação era a de nada perder do que estava a viver e tentar descodificar tudo o que se estava a passar, ou seja, estava muito atento aos aspetos formais da cerimónia. Porém, de imediato me apercebi que tal era uma tarefa impossível - havia muita informação e **sensação não óbvia**.

Havia “**outra qualquer coisa indizível**”. E essa coisa indizível foi-me revelada, mais tarde, pelo meu amigo JL no dia seguinte a ter sido iniciado maçom, quando me confidenciou: “*Sabes, Jaime, o momento porque ontem passei deu-me uma nova razão para viver...de maneira diferente!*”.

Considero este singelo desabafo do NQI JL, que já passou ao OE, simultaneamente simples e complexo, como uma forma poderosa, telúrica, de traduzir por palavras a tal **sensação não óbvia**: a força, o poderoso potencial transformador do momento, e provavelmente a sua verdadeira essência - a da **transformação**. Foi só então que percebi!

A partir daí acho que a maçonaria é, para cada um de nós, algo de pessoal, indefinível. Se eu tiver que a definir direi que é uma Escola, uma **Universidade** (do latim *universitas*, *universitatis* significando “universalidade”, “totalidade”) que treina o espírito e ensina valores, simbolizando uma nova utopia do Homem aperfeiçoado, que pugna e transmite os valores definidores do melhor que a Humanidade tem.

Mas atenção... é muito mais!

Na senda daqueles que nos antecederam e que passavam a sua vida inteira a construir uma catedral, aquilo que nos é proposto é que levemos a nossa vida a construir o nosso Templo interior **0**

BIBLIOGRAFIA

1. <https://www.pt.wikipedia.org/wiki/Ma%C3%A7onaria>.
2. SANTOS, Manuel Pinto Santos - Dicionário da antiga e moderna maçonaria. 2012. 1-390.
3. <https://www.episcopalchurch.org/wp-content/uploads/sites/2/2021/02/book-of-common-prayer-2006.pdf>.
4. SAGAN, Carl. Cosmos. Tradução de Cláudia Azevedo. 1.ª ed. Lisboa: Edições 70, 1981.
5. <https://www.gallica.bnf.fr/ark:/12148/bpt6k5524956g>.
6. PERADEJORDI, Juli – Símbolo, Rito, Iniciación. La cosmogonia Masónica. Ed. Obelisco. Barcelona. 1992.
7. <https://www.pt.wikipedia.org/wiki/%C3%8Dcaro>.
8. [https://www.freemason.pt-O Silêncio do Aprendiz.pdf](https://www.freemason.pt-O%20Sil%C3%Aancio%20do%20Aprendiz.pdf).
9. Ritual do Grau de Aprendiz do Rito Escocês Antigo e Aceito. Respeitável Loja de S. João Convergência. GOL.
10. Ritual do Grau de Companheiro do Rito Escocês Antigo e Aceito. Respeitável Loja de S. João Convergência. GOL.
11. Ritual do Grau de Mestre do Rito Escocês Antigo e Aceito. Respeitável Loja de S. João Convergência. GOL.
12. <https://www.ebiografia.com/moises/>.
13. [https://pt.wikipedia.org/wiki/No%C3%A9](https://pt.wikipedia.org/wiki/No%C3%A7%C3%A3o).
14. https://www.pt.wikipedia.org/wiki/Torre_de_Babel.
15. https://www.pt.wikipedia.org/wiki/Jacques_de_Molay.
16. JACQ, Christian – La Franc-Maçonnerie. Histoire et Initiation. Ed. Robert Laffont. 1995.
17. DACHEZ, Roger– De Salomon à James Anderson. L'invention de la Franc-Maçonnerie. Éditions Dervy. 2023.
18. ETCHEGOIN, Marie-France. A saga dos Maçons. Ed. Aletheia.2012.
19. ASHMOLE Elias - https://www.en.wikipedia.org/wiki/Elias_Ashmole.
20. MORAY Robert - https://www.pt.wikipedia.org/wiki/Robert_Moray.
21. DESAGULIERS Jean Theophile - <https://www.pt.wikipedia.org/wiki/JohnTheophilDesaguliers>.
22. ANDERSON James - https://www.pt.wikipedia.org/wiki/James_Anderson.
23. https://www.novoscaminhos.org.br/Loja/1328/Conteudo/constituicao_de_anderson_de_1723-em_portugues.pdf.
24. https://www.en.wikipedia.org/wiki/Andrew_Michael_Ramsay.
25. <https://www.bibliot3ca.com/o-discurso-de-ramsay-1738-versao-impressa/>.
26. <https://www.ecclesiam.wordpress.com/2009/06/18/provida-romanorum-pontificum/>.
27. https://www.pt.wikipedia.org/wiki/Ecclesiam_a_Jesu_Christo.
28. [https://www.pt.wikipedia.org/wiki/Quo_graviora_\(1825\)](https://www.pt.wikipedia.org/wiki/Quo_graviora_(1825)).
29. https://www.pt.wikipedia.org/wiki/Mirari_vos.
30. https://www.vatican.va/content/leo-xiii/pt/encyclicals/documents/hf_l-xiii_enc_18840420_humanum-genus.html.
31. Costituzione Apostolica «*In eminenti apostolatus specula*» di Clemente XII (28 aprile 1738) <https://www.corrispondenzaromana.it/wp-content/uploads/2016/03/In-eminenti-apostolatus-specula.pdf>.
32. https://www.vatican.va/archive/cod-iuris-canonici/portuguese/codex-iuris-canonici_po.pdf.
33. https://www.vatican.va/archive/cod-iuris-canonici/portuguese/codex-iuris-canonici_po.pdf.
34. https://www.vatican.va/roman_curia/congregations/cfaith/documents/rc_con_cfaith_doc_19831126_declaration-masonic_po.html.
35. A maçonaria continua proibida para os católicos - <https://www.vaticannews.va/pt/vaticano/news/2023-11/maconaria-para-catolicos-continua-proibida.html>.
36. Constituição do Grande Oriente Lusitano. Edição de fevereiro de 2016.
37. Três iniciados. O caibalion. Filosofia hermética. Ed. Marcador. Sétima edição. 2019.
38. <https://www.criticanarede.com>. Pitagorismo. 2024.

Despido e despojado

Reencontro comigo mesmo numa cosmovisão

Não era nada cedo. Se no Bairro Alto ainda tocassem os sinos das igrejas, decerto que as badaladas das nove horas da noite já teriam sido ouvidas. Mas não. Sentado com um futuro irmão - ali irmãos na mesma espera - numa pequena sala junto à portaria do Palácio Maçónico, apenas o ruído das pessoas a passar, alegremente já marcadas por alguns copos da hora do jantar, me dava a noção de que o tempo tinha passado rapidamente. As 19h00 da convocatória transformaram-se em muito mais.

E seria muito, muito mais. Triplamente mais. Iria, e fui, ser ouvido sob venda. Iria, e fui, introduzido dentro dum Templo Maçónico. Iria, e fui, estar no seio de uma sessão de Loja, na qual me iriam interrogar sobre tudo e mais alguma coisa.

Não foi na Iniciação, mas foi nesse momento que me comecei a sentir da forma que nunca mais me abandonou. A sensação de estar vendado, de não dominar o espaço circundante, muito menos as

pessoas que ali se encontravam, é existencialmente avassalador. Estar vendado não foi, para mim, o exercício de não ver quem estava à minha volta. Mais que não olhar para fora, foi obrigar-me a olhar para dentro.

Naturalmente, nunca nenhum Irmão comentou comigo o que tinham achado das minhas respostas. Mas várias vezes eu olhei para mim mesmo em busca do porquê de certas coisas que disse. Quem me



interrogou fui eu mesmo. Quem respondeu, fui eu para mim mesmo.

Tal como na Iniciação, amparado por um mestre que me guiava, naquela quarta-feira de longa espera, senti-me pela primeira vez numa solidão, que era dos sentidos, mas que infundia em mim uma calma que resultava de me saber acompanhado.

Estava totalmente nu, liberto de todas as máscaras e de todos os escudos e proteções. Era eu comigo mesmo, mas através dos outros. Tudo passava a ser espelho.

Nesses dois momentos genesíacos da minha vida maçónica, renasci na forma de me entender. Compreendi que o principal metal a deixar à porta do Templo, antes de iniciar os Trabalhos, sou eu mesmo, nas minhas incapacidades de me libertar daquilo que, afinal faz parte de mim mesmo: os desejos, os medos, os anseios, as frustrações e o orgulho.

O ano de aprendiz foi esse exercício, solitário porque silencioso, mas acompanhado porque em Loja, de estar primeiramente comigo mesmo. Já antes de ser maçom tinha escrito sobre a “sabedoria do silêncio”.

Longe de continuar a achar que certos aspetos do meu ser e das minhas atitudes eram falhas, especialmente por ser pouco extrovertido, aprofundei-as, tornando o silêncio a principal ferramenta de uma metodologia de busca de serenidade.

Nos dois primeiros anos, sentado, na coluna do Norte ou na do Sul, fui sentindo essa sensação de estar dentro de alguma coisa que eu não conseguia definir, mas me acolhia e, sobretudo, me sabia muito bem.

Talvez seja isto aquilo a que se chama “egrégora” - um estar acompanhado, como se essa companhia fosse uma certa sincronização com todo o universo. Afinal, diz-se que o Mestre está no centro do círculo, e que aí não se perde. Também eu, mesmo em momentos muito

complicados da vida profana, quando estava em sessão, sentia que não estava perdido.

Por esses tempos de jovem Aprendiz e Companheiro, muitas vezes dei por mim a pensar o que seria específico de um, chamemos-lhe, à falta de melhor, “estado de espírito maçónico”.

Avancei imenso no pensamento centrado na questão da Fraternidade. Acompanhado por alguns irmãos, que na minha formação se tornaram verdadeiros Mestres de Sabedoria, a Fraternidade, seja na sua prática, seja na reflexão teórica sobre o conceito, nunca mais deixou de ser um ponto central na minha vida.

Acompanhado por alguns irmãos, que na minha formação se tornaram verdadeiros Mestres de Sabedoria, a Fraternidade, seja na sua prática, seja na reflexão teórica sobre o conceito, nunca mais deixou de ser um ponto central na minha vida.

Esta centralidade, conjugada com o meu desejo de silêncio, foi central na construção de uma cada vez mais sólida forma de ver o mundo. Não sei se há uma cosmovisão maçónica,

mas sei que a Maçonaria me deu uma cosmovisão.

As ideias que fui interiorizando, especialmente pela repetição do ritual, foram sendo cada vez mais constitutivas, e foram pondo em causa algumas posturas que eu trazia e que não eram nada “fraternas”.

O exercício de me imaginar nas sandálias do outro, passou a ser uma metodologia de questionamento que tento obrigar-me a fazer com alguma regularidade. Da mesma forma, olhar à minha volta, e compreender como vivo numa bolha espantosa, afastado de tantos males que grassam por tantos milhões de seres humanos iguais a mim, ajuda-me relativizar os meus problemas e a agradecer, não sei a quem, estar aqui e agora.

Herdeiro de uma história de vida que afirmava o ateísmo militante com parte da minha identidade, dei por mim, não crente, mas consciente da minha pequenez para compreender o quer que seja nessa esfera.

Tal como a egrégora me torna acompanhado quando sozinho, também eu, fazendo parte desse sentir e desse sentido coletivo, me irmanava em algo que me era superior.

A Maçonaria ensinou-me a compreender que muitas vezes é através do mais simples elemento que podemos ter o mais forte sinal. Afinal, a simbologia usa os elementos mais simples e dialoga connosco por ideias, também elas, simples.

Se me faz sentido que exista uma entidade que seja representada pela ideia da arquitetura, então, a existência de uma Sapiência acima do físico, no metafísico, ajuda-me a compreender que, tal como nos mais simples elementos, a Sabedoria pode ser encontrada nos menores do gesto, todos eles, reflexo dessa Sapiência Universal.

Valorizando a beleza das pequenas coisas, o significado dos pequenos



gestos, receber o tríplice abraço de um irmão que não conheço, é dos gestos mais gratificantes que um maçom pode ter.

É que essa ideia de estar acompanhado, é como que uma categoria, não de pensamento, mas existencial. Reconheço e sou reconhecido como maçom por quem não conheço. Abraço e sou abraçado por quem nunca vi.

Passada bem mais de uma dezena de anos sobre essa noite de maio em que aguardei que me chamassem e fosse conduzido no Templo, muitos episódios, muitas situações, tantos momentos bons e bonitos, e alguns menos memoráveis, tiveram lugar.

Felizmente, de uns e de outros, pouco me recordo. O que ficou, o que eu quero que fique, é do campo do sentir, do que me é constitutivo, não porque me tenha marcado, mas por que me condicionou na liberdade de eu poder optar.

A construção de um maçom, na imagem poética de trabalhar a pedra para o Templo que é cada um em si, é um exercício individual ao espelho do coletivo em que se integra. É a tensão entre os condicionamentos e o livre arbítrio. É o crescente descondicionamento global, face à liberdade como condição.

Tratando-se de um confronto constante entre o eu a que eu estou habituado, e o eu que me incomoda, facilmente vence o desânimo, a apatia, e generalizam-se, as faltas às sessões, primeiro, o desaparecimento, depois. Compreendo essa dor interior, e tive de lutar contra ela.

A “máquina de fazer fraternidade”, que ritualisticamente é uma sessão em Loja, é brutalmente exigente na forma como exige que nos dispamos. O mais absurdo que se pode viver em Loja, é ela ser espaço e situação de afirmação de egos. Tenho tido a felicidade de poucas vezes me ter

confrontado com essa dura realidade.

Se me perguntar a mim mesmo, que eu ficou de mim, depois de ter sido Iniciado, terei de dizer que ficou um misto de, uma grande serenidade perante o mundo, e uma imensa inquietação perante mim.

No macro, nessa tal cosmovisão, compreendo a Sabedoria, a Força, e a Beleza, das mais pequenas coisas que constituem. No micro, que sou eu, as nuvens adensam-se e, a capacidade de ter consciência de mim, tornou-me mais incomodo para comigo mesmo. Tenho de viver diariamente com ele, que não me satisfaz 📍

Um segredo não partilhável

«Foi um ínfimo passo para a humanidade, mas um enorme passo para mim»

Daniel Pinho

(médico e Mestre Maçon da R.: L.: Liberdade,
sobre a sua carreira na N.:A.:O.:)

Penso que a frase deste nosso Irmão, já passado ao Oriente Eterno, pode resumir, com felicidade, o percurso de qualquer bom Maçon no GOL. Desde que somos iniciados e vimos a luz, até aos mais altos graus que possamos atingir, o passo é sempre largo e estugado, ainda que outros possam não o compreender.

Fui iniciado na Augusta, Benemérita e Respeitável Loja Alberto Sampaio, nº 400, em Viseu (ou a Oriente de Viseu, como dizemos entre nós). Entrei, vendado, quase de gatas, depois de uns tempos incontáveis numa sala negra, sem luz, a Câmara de Reflexões, onde, como o nome indica, nada se pode fazer exceto estar connosco mesmos. Ou seja, refletir.

Um irmão, que me pareceu enorme (e de facto é encorpado e alto) levou-me, vendado, ao templo. Quando entrei, pareceu-me um espaço muito amplo e com muita gente à volta. Cumpri o ritual de iniciação - que aqueles que já o cumpriram sabem qual é, e os outros terão de ser iniciados para o saber.

Quando me deram a Luz, ou seja, me tiraram a venda e permitiram que visse o que me rodeava, verifiquei que a sala não era assim tão grande, nem os presentes eram tantos. Entretanto, em Viseu, o GOL tem instalações mais modernas e operativas, mas no tempo em que fui

iniciado, tratava-se do velho templo Álvaro Monteiro, em homenagem a um meu tio-avô, testemunha do meu registo de nascimento, e homem de qualidades várias, entre as quais ser Maçon, iniciado na Respeitável Loja Revolta, em Coimbra, com o nome simbólico de 'Tolstoi'.

**O nome
simbólico não é
um pseudónimo.
Simboliza a
vontade de imitar
as virtudes e
os trabalhos,
a construção,
mormente
intelectual,
desses homens.
E quem me dera
ser como eles!**

Entre outras coisas que me solicitaram, enquanto aguardava a entrada na Nossa Augusta Ordem (NAO), como lhe chamamos em momentos solenes, pediram-me para descrever

o dever de um homem em relação à Pátria, à família e para com a sociedade; pediram-me ainda que escolhesse um nome simbólico - que mais tarde teria de explicar - e um testamento filosófico, uma vez que ia abandonar a vida tal como o profano a vê, e encará-la de outro modo.

Correspondi a tudo e escolhi, como nome simbólico, o nome real de dois maçons da minha família, pai e filho: o meu avô, irmão mais velho do Álvaro que dava o nome ao templo, e o pai de ambos: António Maria.

O nome simbólico não é um pseudónimo; é a homenagem ao nome que escolhemos; simboliza a vontade de imitar as virtudes e os trabalhos, a construção, mormente intelectual, desses homens. E quem me dera ser como eles!

À medida que fui tomando os meus lugares (começa-se pelo Nordeste, onde se coloca a pedra basilar do templo) fui observando com atenção tudo o que se passava. Algumas coisas podem parecer ridículas, se não refletirmos sobre elas; outras, são mais do domínio mundano.

Ali não há nada que não se possa dizer; nem nada nos obriguem a fazer. Isso é um dos maiores segredos da maçonaria - a total liberdade. Se excetuarmos o ritual, que como todos os rituais, mesmo aqueles de que não temos noção (como apertar a mão a quem nos é

apresentado; ou dar o lugar a outrem quando nos encontramos perante uma porta) nos obriga a palavras e gestos que nos identificam como da mesma sociedade (aliás, o mesmo se passa com os gestos de cortesia que indiquei), tudo é inteiramente livre.

Mesmo o que visto de fora parece inacreditável, como haver monárquicos na Ordem (e não são poucos) ou Irmãos que criticam de forma aguçada os anos da I República, ou ainda a tolerância para as mais diversas e (algumas) estranhas ideias.

Fiz a minha aprendizagem com diversos Irmãos, alguns dos quais felizmente vivos e atuantes, mas outros já passados ao Oriente Eterno, como metaforicamente, mas não só, designamos o outro lado do rio da vida.

Luís Almeida Henriques e Manuel Sá Correia, médicos, o segundo membro da minha família chegada; o velho professor Lúcio; o meu amigo

(da minha idade) Carlos Paiva; o velho Miranda, eterno tesoureiro; tudo homens de proveniências e experiências diferentes, de opiniões políticas diferentes, de vivências diversas, irmanados pela Maçonaria.

Como muitos outros, que eram (como eu sou hoje) membros honorários, entre os quais destaco João Soares Louro e o queridíssimo Aquilino Ribeiro Machado, o filho do mestre escritor da minha terra, onde não nasci.

O silêncio com que encarava as suas palavras, gestos, símbolos; as suas intervenções, ou o sentido dos seus votos, quando algo havia a votar, eram prontamente questionados, se fosse o caso, no jantar que se seguia. Aí podia falar à vontade, duvidar, questionar, concordar, o que fosse.

Como Aprendiz, condição que nunca largamos, pois queremos sempre aprender, podia interrogar aqueles que durante a sessão tinham

exposto ideias, propostas, modos de fazer. E todos me respondiam e tratavam por igual.

Na R.:L.: Alberto Sampaio, a Oriente de Viseu, a minha Loja mãe, cheguei a Mestre Maçon, depois de ser Aprendiz e Companheiro; e aí tive a aprendizagem principal que um Maçon pode ter – saber começar a construir o seu templo interior; conhecer o valor do silêncio e das palavras; dos rituais e dos protocolos; do amor fraterno e da sã convivência, aquilo a que os gregos chamavam ágape, a mesma palavra que usamos para as refeições que devem ser obrigatórias depois da sessão de Loja.

Uma circunstância contribuiu para a minha mudança de Loja: a passagem ao Or. Eterno de um destacado irmão, de que era colega no Expresso (e, teoricamente, seu diretor), o Rui Rocha (Marc Bloch de nome simbólico, em homenagem a um grande



medievalista francês), que já fora meu colega na Faculdade.

Devido ao modo como faleceu, tivemos de tomar algumas precauções. Em relação aos seus colegas mais chegados no jornal, naturalmente, pediram-me para operacionalizar os procedimentos (testes à tuberculose). Além disso, o proprietário do Expresso, Dr. Francisco Balsemão, como é do seu timbre, colocou os seus recursos à disposição da viúva.

Depois do funeral desse nosso Irmão, um grande maçom que partilhara muitas sessões com ele, o Dr. Luís Nunes de Almeida, membro (e mais tarde presidente) do Tribunal Constitucional, ele também já no Or. Eterno, pediu-me que agradecesse ao Dr. Balsemão os seus cuidados e simultaneamente, no mesmo almoço, perguntou-me por que razão, estando eu em Lisboa, onde vivia, não era de uma Loja de Lisboa, nomeadamente da dele.

Nessa noite encontrei um vizinho meu. Ambos conhecíamos a condição de Mestre Maçon (M.:M.) do outro. Curiosamente, fez-me a mesma pergunta: por que não te juntas à minha Loja em Lisboa. Eu respondi-lhe que Nunes de Almeida me fizera uma proposta idêntica. E ele, para admiração minha respondeu-me: é a mesma! A Convergência! Aparece, desafiou-me.

Passei a participar, como visitante nessa Loja. Era tão fraterna como a de Viseu, mas menos familiar. Havia gente com idiossincrasias muito diferentes; mas dos mais ativos, além de ambos os Mestres que me convidaram, os MMQQII Luís Nunes de Almeida e o José Meira (que felizmente continua a participar ativamente nas nossas sessões), outros havia com os quais estabeleci uma enorme empatia.

O José Gabriel Viegas, o Luís Conceição, o Óscar Góis (então Venerável Mestre, ou presidente da Loja); o Luís Fontoura, o Luís Gomes, todos já falecidos, e outros, que continuam a dar os seus

conhecimentos e luzes à mesma Loja, ainda que alguns, como o meu querido Carlos Macedo, ou Jorge Moita, já tenham uma idade que lhes impede ou de estar presentes, ou de ter a assiduidade que eu sei que gostariam de ter.

Sem qualquer desprimor para a minha Loja mãe que, como todas as mães, são as melhores do mundo e nos acariciam como eternos meninos, foi na Convergência que mais aprendi.

Já lá vão 25 anos de participação constante, quinzenal, quase sem

**A Maçonaria
ensinou-me a
compreender que
muitas vezes é
através do mais
simples elemento
que podemos ter
o mais forte sinal.
Afinal, a simbologia
usa os elementos
mais simples e
dialoga connosco
por ideias, também
elas, simples.**

falhas. Passei por todos os cargos possíveis, e em cada um aprendi alguma coisa. Mas sobretudo, em conjunto, na Loja, assimilei a importância do valor da fraternidade, da igualdade e da Liberdade.

Devo dizer que de todos, o mais difícil é sempre o da Fraternidade, porque nos obriga a uma tolerância quase mística, perto do angelical. Os esforços que hoje faço nessa vertente diferem muito dos que

considerava ser os justos no início da caminhada. Não que considere que tenha sido injusto; mas porque sei que não fiz tudo o que estava ao meu alcance para unir e não para dividir.

O que se aprende na Maçonaria é indizível, porque é do domínio espiritual, não partilhável. Eu construo-me e na minha construção conto com os meus Irmãos, como os MMQQII contam comigo, na construção que fazem.

Afinal, ser maçom não é senão um segredo, um mistério que apenas podemos partilhar entre nós, porque fora do nosso círculo nada do que fazemos é compreensível ou faz, sequer sentido.

Por isso, o segredo maçom jamais foi traído. Por isso, jamais encontrareis ex-maçons a queixar-se da maçonaria. Poderão, isso sim, queixar-se de outros maçons que têm condutas menos próprias, mas não dos ensinamentos, dos fins, dos propósitos da Nossa Augusta Ordem.

Porque ela, coletivamente, permite que cada um de nós seja o indivíduo que entende ser. Não estamos submissos a ditames, nem a políticas, nem a nada que seja do mundo profano. Apenas a valores que comungamos e que sabemos, mesmo antes de entrar, que lhes teremos de ser fiéis.

Não é um grande passo para a humanidade, mas é um salto considerável para cada um de nós. Quem não o consegue dar, desiste; quem persevera, alcança esse segredo que não pode ser partilhado.

Esse segredo é - a maçonaria ❶

A cultura de grupo

O sentimento de grupo pode ter inúmeras vantagens: pertença, acolhimento, confiança e apoio serão apenas algumas delas. Um grupo que nos acolhe faz-nos sentir acompanhados, ali encontramos o valor da partilha, tornamo-nos capazes de ir mais longe, de fazer mais e de aprender mais. Um grupo pode incentivar-nos a ser mais fraternos e cooperantes; um grupo pode fazer-nos ter uma sensação de pertença – o que será fundamental para maior parte de nós.

O que me leva a este texto é o sentimento crescente de uma atual cultura de grupo que penso fazer-se sentir cada vez mais ao nosso redor. Infelizmente,

não a que brevemente descrevi. Observo com preocupação que a ideia de grupo tem cada vez mais um pendor exclusivo (como já foi testemunhado inúmeras vezes num

passado ainda próximo e que, de variadas formas, tem regressado à ribalta).



Um grupo deve olhar pelos seus sem que tal signifique atacar os outros. Este é um princípio basilar que nos garante a paz entre povos, nações, culturas, países, famílias até (principalmente se tivermos em conta as realidades descritas na literatura tipicamente inglesa).

**O valor do
Homem supera
qualquer valor
que lhe possa ser
atribuído quando
devidamente
inserido num
grupo, e é
independente das
considerações e
ações que este tome
em relação a um
maior ou menor
envolvimento seu
com a coletividade
em causa.**

A pertença a um grupo não nos deve fazer ter de declarar guerra aos demais. Compreendemos que pertencemos a um grupo por uma questão de felizes coincidências, determinadas circunstâncias, certamente relações e ainda características pessoais que nos levaram a um e não a outro lado ou grupo.

Por este motivo, compreendendo o que nos leva a um determinado grupo, não deve restar algo para além de respeito pelas considerações e decisões dos outros, mesmo quando tal os leve para grupos distintos do nosso. Afinal, cada um

de nós tem o seu percurso, personalidade e opiniões.

Os grupos têm sempre objetivos. Os partidos políticos são um grupo que procura fazer prevalecer a sua visão política. Uma instituição religiosa é um grupo que procura disseminar a sua crença e partilhar a sua visão espiritual;

A Maçonaria é um grupo de homens “livres e de bons costumes” que procura trabalhar o melhoramento da Humanidade. Compreendemos as adversidades que podem advir do contacto entre diferentes grupos – não necessariamente estes, ainda que seja demasiado fácil encontrar episódios em que os dois primeiros tipos de grupo mencionados caíram na tentação de se fazer prevalecer por vias repressivas.

A evolução do Homem conheceu diversas fases com diferentes ideologias a este respeito. Simplificando, apenas para efeito de enquadramento: umas privilegiam a vivência de grupo e colocam o propósito do Homem no papel que este pode ter no seu grupo (família e nação, principalmente).

Defendeu-se, no limite, que o Homem só o seria se estivesse devidamente enquadrado na sociedade que o acolheu. Recusar e virar costas à sociedade era o equivalente ao Homem despir-se de muitos dos seus direitos. Por outro lado, a crença no valor do Homem em si mesmo, com direitos intrínsecos e naturais.

O valor do Homem em si mesmo supera qualquer valor que lhe possa ser atribuído quando devidamente inserido num grupo e é independente das considerações e ações que este tome em relação a um maior ou menor envolvimento seu com a coletividade em causa. Há, portanto, a defesa de que acima do valor do grupo está o valor intrínseco do indivíduo.

Hoje, se é verdade que aceitamos de forma incólume a ideia do Homem com valor em si mesmo,

independentemente do grupo a que pertença, não me parece menos verdade que observamos a criação de grupos que se debatem cada vez mais por assegurar a sua predominância – ou a substituição de um outro grupo outrora incontestado.

A minha principal preocupação, neste momento, não são grupos partidários, grupos religiosos, nem mesmo grupos terroristas ou outros tipos, mas sim os grupos de pensamento. O pensamento deve ser transversal a quaisquer características individuais.

Devemos poder pensar e partilhar os nossos pensamentos sem receio de carregar em algum ‘gatilho’ que nos vai fazer ser completamente perseguidos por parte de um grupo. Isto porque o pensamento deve ser livre.

Só através desta liberdade de pensamento e, consequentemente, de expressão podemos assegurar discussões saudáveis e de boa-fé entre as partes, desafiando o intelecto de uns e outros, demonstrando visões e opiniões que, acima da possibilidade de converter os outros, podem e devem servir para alargar os nossos horizontes, fazendo-nos entender diferentes formas de olhar para o mesmo problema ou até mesmo diferentes formas de sonhar com um futuro sempre melhor.

Atualmente, estes grupos de pensamento são cada vez mais exclusivos na medida em que descartam todos aqueles que demonstram pensar de forma diferente. Vão-se fechando cada vez mais nos seus membros ou naqueles que se identificam com a corrente interna do pensamento vigente, sem qualquer tipo de esforço ou sequer tentativa de compreender os que não partilham das minhas ideias e ideais.

Este tipo de atitude só contribui para a criação de uma bolha. E mesmo que esta bolha possa crescer com o aproximar de novos membros que demonstram simpatia e envolvimento com esse grupo, haverá sempre um número maior de pessoas

que não partilham desse mesmo envolvimento.

Tal porque uma coisa é concordar ou discordar sobre determinado assunto; outra é, de facto, tomar uma posição aberta e pública sobre a mesma, porque nem todos estão dispostos a colocar-se num dos lados das trincheiras.

Com a reflexão que tenho vindo a fazer, é possível que alguns dos leitores tenham já pensado em determinados temas que vêm sendo discutidos em diversos fóruns públicos – quer através de eventos promovidos pela ou na Academia, até aos debates e interações mais simples nas redes sociais.

Não os desenvolverei uma vez que não são a parte relevante que me fez escrever este texto. De facto, o principal foco – como não poderia deixar de ser – está no modo com que os debates são conduzidos e com que os grupos são administrados.

Vejo com particular preocupação estas características nos debates que envolvem os mais jovens. Não auguro um bom futuro a uma geração que se fecha cada vez mais, que aceita cada vez menos a opinião do outro, que atribui com demasiada leveza os rótulos mais pesados a quem se atreve a demonstrar uma visão diferente.

Não me apresso a atribuir culpas, seja aos mecanismos, seja a demais indivíduos que possam ter alguma influência sobre a ‘massa’. No entanto, o espaço público está cada vez mais carregado com julgamentos abertos por motivos cada vez menos relevantes, tratados como se de uma heresia ou uma traição a uma qualquer causa do momento se tratasse.

Levanto apenas esta problemática que me transtorna e preocupa: os debates são cada vez mais afunilados; os grupos são cada vez mais restritos na linha de pensamento que representam; as pessoas, com ânsia de demonstrar a sua opinião,

saltam rápida e inquietamente para a trincheira com a que mais se identificam, relacionando-se cada vez menos com pessoas diferentes de si (do ponto de vista intelectual), como se tal fosse uma medalha a comprovar a sua dedicação profunda à causa.

Penso estarmos a incorrer no erro de desenvolver uma geração intelectualmente mais puritana quando comparada com as anteriores. É certo que as considerações intergeracionais não costumam ser as mais simpáticas. Os mais velhos sentem que os mais jovens são sempre mais “mimados” e não precisam de se sacrificar tanto por aquilo que querem ter – basta aceder a arquivos de jornais há cerca de 100 anos em que esta temática era, precisa e assiduamente, debatida; os mais novos sentem-se mais evoluídos do que os mais velhos, os quais não são vistos para lá dos seu modos, ideias e carácter “antiquados” – bastando, para comprovar tal, entrar na rede social mais próxima e fazer o esforço de analisar qualquer debate.

Não obstante, de uma coisa começo a ficar cada vez mais convicto: nos tempos que correm, o valor da pessoa já não está apenas em si mesmo, mas sim na sua capacidade de se posicionar junto do grupo tido como ‘o mais correto’.

Eu serei tão melhor quanto os membros do grupo me considerarem. Para tal, tenho de comprovar que partilhamos a mesma trincheira e que abomino com veemência, tanto quanto eles, posições contrárias à minha.

Tenho de estar e mostrar estar disposto a confrontar qualquer posição diferente da minha em determinado aspeto ou assunto e tenho de ser capaz de rotular tão drástica como publicamente os meus adversários do momento.

Tenho de me manter atualizado das correntes de pensamento vigentes e tenho de as aceitar e incorporar no meu discurso – mesmo quando tal

vem acompanhado de terminologia nunca antes vista e não validada.

Mesmo não sabendo muito bem a origem ou a veracidade dos argumentos e considerações que, naquele momento, se assumam como revestidos de uma correção moral e intelectual inabaláveis e incontestáveis, tenho de aceitar e assumir essa posição imediatamente como minha. E o verbo “ter” é mesmo o mais correto a aplicar nesta situação.

Esta cultura de grupo aparenta enfrentar cada vez menos contrariedades. O espaço público tem-se tornado cada vez mais propício a esta mentalidade, que parece conquistar cada vez mais adeptos.

É comum, em Maçonaria, trocarmos ideias com Irmãos que possam pensar de forma diferente da nossa sem que tal implique qualquer alusão a trincheiras ou rótulos. Como Francis Grierson escreveu em “O Misticismo Moderno”: “(...) O homem que deseje pensar em profundidade tem que achar-se preparado para pensar livremente”.

Com tantos condicionalismos sociais, culturais e políticos até, não tenho a mais pequena dúvida que, como regra geral, não se tem pensado de forma aprofundada – talvez, precisamente, porque cada vez menos se pode pensar livremente ❶

Eu estou aqui...porquê?

Convidado a falar sobre o que me levou a ingressar na Maçonaria, qual o meu percurso iniciático e qual o desassossego íntimo desta longa relação de duas décadas, como Obreiro do GOL e com a Maçonaria, esta minha breve incursão discursiva pode-se resumir numa pequena frase : ***Eu estou aqui...porquê?***

Vou tentar responder à pergunta que dá título a este texto, nestes momentos difíceis de incerteza que vivemos em relação ao futuro que partilhamos. Será que vale a pena, ou será antes pelos nossos valores e princípios em que, no nosso âmago, acreditamos ser Maçons, com a intemporal divisa

-Igualdade, Liberdade e Fraternidade - valores que se refugiam na nossa memória são inevitavelmente inscritas numa palavra “Maçon”!

A nossa interioridade humana constrói-se em redor da razão e do inconsciente pessoal e colectivo,

resultando daí instintos, paixões e desejos.

O desejo constitui, possivelmente, a estrutura básica de interioridade humana, não desejamos o imediato, desejamos tudo e o todo, ou seja numa palavra o “Poder”.



Devemos por isso, fazer uma reflexão interior e analisar toda esta nova situação, por ser nas nossas vidas algo imprevisto, difícil, somos seres sociais e humanos o que põe em causa as nossas vidas e a sociedade actual, porque não somos eremitas.

Recordo os acontecimentos relativamente recentes da “Pandemia”, situação exógena, inesperada, originando acontecimentos difíceis e por vezes bastantes dolorosos, que vieram pôr em causa as nossas vidas, relações e concomitantemente com as Associações a que pertencíamos, tornando o homem um pseudo “Eremita” virtual em relação ao “Outro”.

É fundamental cada vez mais analisar o passado, fazer uma reflexão interior de modo a retomar a alegria de viver, de estar em trabalhos em Loja, lembrando com saudade os Irmãos/Irmãs que foram atingidos(as), gravemente, pela pandemia que ficaram bastantes debilitados ou deixaram o nosso convívio para o “Templo da Memória”, sempre com o pensamento no caminho em direcção ao “Outro”, em fraternidade.

Neste nosso longo caminho no GOL, não temos medo de afirmar que ser Maçon é um privilégio, faz de mim uma pessoa comprometida com os outros e com a sua consciência, integrando-me numa “Ordem” fundada na tradição iniciática, mas não estática, na qual fui introduzido segundo regras precisas, destinadas a entender o seu horizonte espiritual, força e vigor para o equilíbrio do “Eu” e do “Outro” com os valores intrínsecos ao ser humano.

A nossa mera insignificância de descendentes do pó de estrelas, na ampulheta do tempo é incrivelmente efémera à nossa escala, e precisamos, como seres sociais e gregários do olhar do “Outro”, situação que por vezes é esquecida na NAO.

O Meu espírito será sempre o da Liberdade, da Igualdade e da Fraternidade, não aceitando as derivas actuais que possam pôr em

causa o Livre Pensamento, os valores éticos e morais que regem que “sou livre e de bons costumes”.

É oportuno lembrar que o pensamento, perçecionado de maneira simplificada, consiste em conhecer as coisas e as suas relações entre si, bem como a compreensão das mesmas, na sua exteriorização.

A manifestação do pensamento é, na verdade, uma das principais liberdades humanas. Contudo, deve ser uma liberdade que preserve e respeite os princípios humanísticos de liberdade, ou seja, é imprescindível que os valores humanos em geral sejam respeitados, não só o individual, mas principalmente, no que toca ao colectivo.

**O meu espírito
será sempre o da
Liberdade,
da Igualdade e
da Fraternidade,
não aceitando as
derivas actuais que
possam pôr em causa
o Livre Pensamento,
os valores éticos e
morais que regem
que “sou livre e de
bons costumes”.**

Indubitavelmente que, quando respeitamos o “Outro”, estamos a respeitar-nos a nós mesmos, é a liberdade com responsabilidade. Embora o pensamento só deva satisfação ao próprio, a liberdade de expressão é relativa, uma vez que a sua manifestação deverá respeitar os limites jurídicos, morais e sociais estabelecidos (e.g. as polémicas com a manipulação das “fake news” nas redes sociais e no “X”).

As ideias boas ou más que houver influenciam o curso e o dever da História da Humanidade. Ideias nefastas que ultrapassaram a lei Vigente, pela Moral, pela Ética, pelas normas Internacionais de relação entre países (tanto por filósofos, economistas e políticos) muitas vezes causaram a *barbárie* (guerra), bem conhecida da História e até recentemente (Ucrânia, faixa de Gaza, Iémen, etc).

Podemos afirmar que, em nosso entender, um dos caminhos da Maçonaria: *“É pelo pensamento que a Maçonaria liberta o Homem para a sua função de Edificador Social”*.

A liberdade maçónica preconiza a amor fraternal, origina igualdade sendo o resultado da convivência fraterna de Irmãos/Irmãs em busca da sua liberdade individual. Podemos afirmar que a Maçonaria entra com o “Método”, o local, as ferramentas; o Obreiro com o seu “Eu”, coração e mente.

Embora tenha seguido e sido iniciado no REAA, como a maior parte dos Irmão do GOL nessa altura, e como o Rito Francês ou Moderno, desde a sua criação oficial no ano de 1761, sempre se caracterizou por um pensamento progressista, uma filosofia coerente, uma lógica arrebatadora e principalmente pela defesa corajosa e pujante da Liberdade Absoluta de Consciência, ideias e valores mais consentâneos comigo, levou -me após um período conturbado existente na minha loja onde fui iniciado a RL Obreiros do Trabalho, a pedir o Quite e a integrar a RL Delta do Rito Francês em 2007.

Permaneci nesta RL até finais de 2017, tendo assumido diversos cargos nesta Oficina e sendo eleito seu VM em 2010 com mandatos renovados até 2015.

Nesta RL Delta como VM tive momentos de júbilo, satisfação e reconhecimento do meu caminho no GOL, onde realço a sessão Solene comemorativa do Centenário da República Portuguesa com a

recriação de uma “Iniciação à Carbonária” com base em documentos históricos e no Livro do Irmão Machado dos Santos, grande Maçon e o Herói da Rotunda, auxiliado pelos Irmãos Carbonários, evento fundamental para o início da República e fim da Monarquia em 5 de Outubro de 1910.

É com alegria e saudade que recordo essa sessão Solene, o Templo José Esteves e galerias completamente lotadas com Irmãos do GOL e das Obediência com quem tínhamos tratados de amizade. Este evento foi de tal modo relevante que a revista profana “Sábado” lhe dedicou um artigo.

Em 2018, com um grupo de Irmãos, todos com uma longa experiência no GOL, decidimos iniciar e fundar uma nova Loja, trabalhando no RF, onde o fundamental seria a Fraternidade que nos unia, propagando pelo ideário Maçónico do RF e assim, em 17 de Março de 2017, era constituída a RL Simões Coimbra onde “Trabalho” até este momento.

Também tive, ao longo deste longo percurso maçónico, momentos de desilusão com Irmãos, uns que já saíram e outros que entraram e foram iniciados em busca de benesses, de integrarem *lobbys* e com desígnios pessoais desmedidos, nada compaginável com os ideais maçónicos que nos devem balizar, levando-nos a questionar as falhas das inquirições e convites.

No trabalho em Loja, não posso esquecer um dos pontos altos do Ritual que é a “Cadeia de União”. Quando está formada, os Irmãos abraçam-se constituindo uma só cadeia, uma só família, em que a Instituição Maçónica abraça todo o Mundo conhecido, unindo povos, nações e continentes.

Simbolizando a igualdade mais preciosa e a Fraternidade como forma de princípio da civilização, bem longe das preocupações da vida material, abre-se para o Maçom o vasto domínio do pensamento e da acção, como uma onda energética

que inunda os seus membros de harmonia.

Não posso deixar de relembrar as palavras de Charles Chaplin no filme “O Grande Ditador” cada vez mais atuais, com o digital e a IA: *“Criámos a época da velocidade, mas sentimo-nos enclausurado dentro dela. A máquina, que produz abundância, tem-nos deixado em penúria.*

Os nossos conhecimentos fizeram-nos céticos; a nossa inteligência fez-nos empedernidos e cruéis e sentimos bem pouco. Mais do que máquinas, precisamos de humanidade, mais do que inteligência precisamos de afeição e doçura. Sem essas virtudes, a vida será de violência e tudo será perdido”.

Reitero que a nossa interioridade humana constrói-se em redor da razão e do inconsciente pessoal e coletivo, resultando instintos, paixões e desejos.

Para isso possuímos a capacidade de captar o que está para além das

aparências, apreendemos o outro lado das coisas e a sua profundidade.

São os símbolos e as metáforas de outra realidade que estão sempre além, e que nos remete a um nível cada vez mais profundo. Na verdade, os eventos e as coisas passam a ter carácter simbólico, recordam-nos o vivido, reenviam-nos para as questões mais interiores e daí alimentam a nossa profundidade de pensar e de agir racionalmente.

Estamos ligados e religados uns aos outros, e todos na totalidade dos mesmos princípios que juramos defender.

Concluindo: um fio de energia, de vida, de fraternidade deve-nos trespassar, constituindo-nos em cosmos e não em caos, em sintonia com o livre pensamento em Liberdade e Igualdade.

Assim retomo a pergunta inicial:

Eu estou aqui...porquê? 🕒



Glorificação do Trabalho

Enquanto Aprendiz, o conceito de trabalho era-me claro. Desbastar as irregularidades da minha Pedra Bruta é um labor iniciado, mas que jamais terminará, dando uma dimensão vertical e centrada sobre o próprio trabalho maçónico.

Não pude, por isso, deixar de me surpreender ao me ser apresentada uma dimensão distinta do trabalho, com sua glorificação como quinta e última etapa da construção do edifício¹. “*Pelo Trabalho, melhora o Homem, a Sociedade, e a Maçonaria*”, ou seja, o Trabalho numa dimensão horizontal, que se estende do próprio à

Humanidade, colocado como objecto último do edifício.

Assim, tornou-se natural perguntar-me sobre que trabalho deve ser glorificado, em que consiste essa glorificação e porquê sê-la introduzida ao Companheiro.

Todavia, esperando-se do Companheiro, especialmente sob as premissas que lhe são confiadas no Rito Francês, uma aumentada proatividade e um foco na acção consistente no mundo profano², as perguntas sobre Maçonaria num contexto hermético deixam de bastar.



Queremos glorificar apenas o trabalho maçónico que aqui desenvolvemos, com incansáveis esforços em direcção a uma inalcançável perfeição? Será da construção social circundante de que nos devemos ocupar, com a precisão da trolha para corrigir assimetrias e com a sabedoria para saber quando se exige desconstrução e reconstrução?

Queremos glorificar o trabalho no mundo profano elevando o seu aperfeiçoamento? E que significamos quando falamos em trabalho no mundo profano – será o seu rendimento? Os seus produtos não necessariamente tangíveis? Ou a mera ocupação que este possibilita?

Falou-se aqui e recentemente, de novos modelos sociais e económicos, com uma discussão fecunda e fascinante. Se dela me é permitido concluir, não posso deixar de eleger como uma das poucas sínteses de consenso a preocupação sobre o papel do trabalho, e o futuro do trabalho, como elementos centrais para qualquer modelo que se queira planear e projectar.

Com efeito, talvez a derradeira e mais relevante pergunta seja a de perceber como podemos usar o Método Maçónico para pensar o futuro do Trabalho, ajudando a incutir-lhe a Glorificação pela qual nos debatemos num contexto de aceleradas mudanças, não apenas, mas sobretudo influenciadas pelo bom emprego das evoluções tecnológicas.

Estaremos, enquanto Humanidade, provavelmente no nosso 13º milénio de, se admitirmos a Revolução Neolítica e respectivos sedentarização e advento da agricultura como ocupação como seu início³. Os conceitos de valor, primeiro, e sua materialização em moeda, posteriormente, permitiram trocas comerciais e especialização laboral que plasmaram o trabalho no centro das comunidades.

A semana de trabalho de sete dias terá tido origem na Babilónia, de onde se projectou nas civilizações

Grega, Egípcia e Romana, mas o conceito de fim-de-semana, trazendo o descanso à norma é-lhe muito posterior. Com efeito, são do século XIX alguns dos primeiros registos do uso sistemático do Domingo para descanso no Reino Unido⁴, alargado a Sábado, pela necessidade de respeitar o *Sabbath* dos trabalhadores Judeus na América do Norte, e cristalizado com a necessidade de reduzir a carga laboral como forma de controlar o desemprego após a Grande Depressão.

De tão longa, a história do trabalho, já há muito teve em debate as suas questões ainda hoje tidas como fundamentais. Com efeito, entre os

Como podemos usar o Método Maçónico para pensar o futuro do Trabalho, ajudando a incutir-lhe a glorificação pela qual nos debatemos num contexto de aceleradas mudanças ?

profusos escritos de Cícero, muito existe sobre *Negotium* – o conjunto de actividades comerciais e bélicas – e *Otium* – as actividades da oratória, raciocínio ou composição – geralmente celebrando as segundas e o seu propósito de fazer evoluir a Humanidade, que entendia vedadas às mulheres ou aos escravos⁵. Estes, de resto, haveriam de contentar-se com as actividades “físicas” excluídas destas duas categorias.

É interessante contemplar a projecção destas ideias não apenas

sobre os actuais conceitos de trabalho e lazer, mas até o seu impacto nos documentos fundacionais da Maçonaria⁶. Já o trabalho como ferramenta aperfeiçoamento pessoal, ainda que sob a forma de redenção, pode ter génese nos primeiros mosteiros do Cristianismo⁷, sem que nos esqueçamos, contudo, que a visão religiosa do trabalho à época era particularmente limitativa. De resto, após a reforma Luterana do século XVI, actividades como o comércio e a banca continuavam mal vistas⁸, só o deixando de ser no contexto religioso do Capitalismo⁹.

Assim, é atribuída¹⁰ à organização das artes e ofícios da construção da idade média na Europa sob a forma de guildas a primeira sistematização do trabalho em níveis de conhecimento, cujo percurso continha elementos de valorização espiritual. Consequentemente, deve ser-nos cara a noção de que a glorificação do trabalho poderá ter nascido ou, pelo menos, generalizado no sistema de aprendizagem até à mestria que terá estado na génese da Maçonaria Operativa.

A apologia do trabalho tem um historial provavelmente tão longo quanto os escritos perduraram, com diversas citações atribuídas a Sócrates, Aristóteles, Séneca, Voltaire¹¹, mas também contraponto como em “Assim Falou Zaratustra” de Nietzsche¹², onde se aponta o desejo de se esquecer de si próprio a quem ama o trabalho.

De resto, seria errado pensar as evoluções do trabalho na ordem do dia, como questões apenas ora emergentes. Por exemplo, o trabalho remoto precedeu em muito a informatização da força laboral, tendo emergido durante a II Guerra Mundial quando essencialmente mulheres eram contratadas para trabalhar a partir de casa através do telefone. E será este apenas mais um caso em que é justificada a afirmação de Simone de Beauvoir de que foi pelo trabalho que a mulher diminuiu distâncias para o homem¹³.



No que diz respeito a algumas das mais recentes obras de referência sobre o futuro do trabalho^{14,15,16,17,18,19,3,20,21,22,23,24}, é possível encontrar como denominadores comuns a identificação do emprego da inteligência artificial como principal força disruptiva que terá associados a diminuição acentuada de necessidade de recursos humanos para a prossecução de tarefas repetitivas, algorítmicas e até de índole estratégico, o aumento da desigualdade baseada no mérito perante as novas capacidades requeridas – a qual Cowen chega a designar de Hiper-meritocracia¹⁷, as considerações éticas que este novo contexto em que não-humanos passam a ter capacidade de decisão, e o incremento da economia informal, fruto de estruturas produtivas menos rígidas ou de concentração de recursos.

Como estratégias a prosseguir, há igualmente uma convergência na identificação da necessidade de

aposta na educação, na aprendizagem contínua, no empreendedorismo individual e na colaboração entre humanos e máquinas, em oposição à usualmente percebida competição pela realização do mesmo tipo de tarefas.

Decorrentemente, a esperada supressão de postos de trabalho poderá não se relacionar tanto com a obsolescência das profissões, mas antes com a acentuadíssima diminuição da necessidade de intervenção humana em determinadas tarefas.

Com efeito, actividades como a programação, a análise de dados ou o recrutamento serão mais importantes do que nunca, mas poderão passar a ser logradas por muito menos funcionários, desde que devidamente habilitados a cooperar com as novas ferramentas baseadas em técnicas de inteligência artificial. Isto, sem prejuízo de algumas outras profissões, tidas como menos

sofisticadas, como é o caso da condução de veículos ou a agricultura, estarem obviamente bastante ameaçadas.

Todavia, a bibliografia, até porquanto especulativa, não é unânime. Assim, Pearson¹⁵ aponta a aceleração da globalização decorrente da dispersão geográfica das equipas de trabalho, cada vez menores e menos apensas à infra-estrutura física. Lee¹⁶ e Harari²⁴ retomam a possibilidade do rendimento incondicional como instrumento para a coesão social num contexto de rápidas alterações laborais.

O conceito de Ética Digital é avançado por Leonhard¹⁸ como forma de enquadrar os dilemas associados aos avanços tecnológicos na lógica humanista. De resto, tal dilema tem espelho na definição de Fartura e Difusão (em tradução livre) de Brynjolfsson¹⁹ que assim define o positivo aumento de eficiência e



inovação na produção, por um lado, e a negativa assimetria na distribuição de tais ganhos, por outro.

No plano social é de destacar a reflexão de Shell²⁰ sobre a necessidade de redefinição de contratos sociais e do papel dos sindicatos no aludido novo contexto laboral. Também a tese de Hamel²² em “Humanocracia” com a defesa da redistribuição do poder de decisão nas organizações e apologia do fomento da “inteligência colectiva” no seu seio, ou as reflexões de Harari²³ em *Homo Deus* sobre a necessidade de reencontrar o propósito do trabalho e o sentimento de plenitude na vida.

Contudo, não se trata de reflexões exclusivas ao mundo profano, já havendo na Nossa Augusta Ordem ensaios com temática e conclusão similares, como lemos no primeiro número da revista *Ágora*²⁵ onde, em linha com o aqui se resumiu, se aponta à colaboração e ao humanismo como primeira e última das características ou competências

essenciais para o futuro que já está entre nós.

No contexto da literatura maçónica, a glorificação do trabalho ocupa um lugar central na simbólica do grau de Companheiro²⁶. Nas origens lendárias da “*Compagnonnage*”²⁷ encontramos o trabalho operário, cuja expressão máxima é a obra, materialização das suas potencialidades e modo de se elevar para além do esquecimento. Daqui a sacralidade do trabalho e a necessidade da sua glorificação.

Em Maçonaria o Homem (cujo H maiúsculo sublinho) é perfectível²⁷, mas apenas pelo trabalho. Daqui decorre que o trabalho que glorificamos não é o que nos dá mera ocupação ou metais. É, antes, aquele que nos permite aperfeiçoamento interior, satisfação, conhecimento e elevação espiritual.

É revelado aos Companheiros que “a quinta etapa da construção conclui o edifício”¹, e que a quinta viagem, “pela Trolha, emblema do trabalho

**Como devemos usar
a nossa trolha
sobre uma
construção
social que terá
cada vez mais
irregularidades,
porquanto
as grandes
alterações
económicas e
sociais, ainda
que globalmente
positivas, sempre as
exacerbam para os
perdedores?**

No contexto da literatura maçónica, a glorificação do trabalho ocupa um lugar central na simbólica do grau de Companheiro.

Nas origens lendárias da “Compagnonnage” encontramos o trabalho operário, cuja expressão máxima é a obra, materialização das suas potencialidades e modo de se elevar para além do esquecimento.

manual e da coesão do edifício, marca o remate do trabalho. Proclama a sua glorificação”¹.

É, portanto, na Trolha, como símbolo, que projectamos a glorificação do trabalho²⁸. Nela recordamos a sua função de alisar e homogeneizar a argamassa que une as pedras, como alisaremos e tornemos unos os valores que nos ligam. Corrigindo as imperfeições, as faltas e os excessos dos Irmãos cuidaremos da unidade, faremos Fraternidade.

No contexto da Simbólica Maçónica encontramos a resposta à primeira questão, sobre o que é, exactamente, o trabalho a glorificar. Tendo por certo de que o Rito Francês, nosso instrumento de trabalho, tem por objectivo participar activamente na História²⁹, contribuir tanto para o aperfeiçoamento do indivíduo como da sociedade², defendendo o progresso social³⁰, é imprescindível levar o método Maçónico³¹ da Loja ao mundo profano.

Assim, permito-me especular se a resposta às inquietações supra formuladas e ainda latentes não poderá estar em promover a glorificação do trabalho no mundo profano, perante a rápida mudança que este sofrerá? Perante as perspectivas de mudança diagnosticadas pelos especialistas talvez faça sentido precaver o desemprego motivado pela maior produtividade em alguns sectores com uma redução de horários mais generalizada, já tão amplamente clamada pelas gerações mais novas desde que cessaram as medidas de controlo pandémico a nível global.

Seria possível partilhar as funções laborais produtivas com períodos remunerados de aperfeiçoamento pessoal, tanto técnico como humanista, encontrando um modo sério para a aprendizagem continua e promovendo uma classe trabalhadora mais competente perante as mudanças constantes e mais bem preparada para ciclos cada vez mais curtos e emprego e desemprego?

Poderia a solução passar por encontrar lugar a *Negotium* e *Otium* em cada trabalhador, evitando a tão preocupante distribuição assimétrica do desemprego e até recordando as observações de *Beauvoir* mas, na verdade, mais não fazendo que dar continuidade à tendência de diminuição do tempo de trabalho que o acompanha desde sempre e recuperar o elemento distintivo das guildas?

Num cenário de hiper-meritocracia e mobilidade extrema da mão-de-obra qualificada, sustentada pelo progresso tecnológico, como poderíamos encontrar uma forma de tributação que, embora justa, não penalizasse os mais produtivos entre uma classe média trabalhadora cada vez com menores limites à fuga?

Perante o aumento do dinamismo do futuro do trabalho, como poderemos resistir aos ímpetus das ideologias extremas de tudo regular por decreto, sendo agora e mais ainda no futuro rapidamente ultrapassadas pelas circunstâncias? Por oposição, quais seriam as alterações estruturais e de contexto³² que poderiam garantir ciclos virtuosos de desenvolvimento económico e social?

Como devemos usar a nossa trolha sobre uma construção social que terá cada vez mais irregularidades, porquanto as grandes alterações económicas e sociais, ainda que globalmente positivas, sempre as exacerbam para os perdedores? Deverá a forma de lidar com os dilemas da Ética Digital ser inscrita nas nossas leis fundamentais?

Concluo constatando que vejo o conceito de glorificação do trabalho como central na evolução do trabalho no mundo profano. Numa geração que vejo emergir já não percepciono uma obsessão com o produto económico do trabalho como outrora. Satisfeitas as necessidades, tão prementes, referentes a uma vida e habitação dignas, antevejo o saudável desejo de uma vida mais equilibrada, de um trabalho que seja não menos estimulante do que lucrativo.

Talvez os valores Maçónicos sejam hoje mais relevantes para o futuro do trabalho do que nos permitimos imaginar. Quando o mundo se divide, discorda e não parece saber como idealizar o futuro do trabalho, o conceito de sua glorificação, patente na Maçonaria, poderá ser um fio condutor e uma trolha ❶

BIBLIOGRAFIA

1. Grande Oriente Lusitano. Ritual de Referência do 2o Grau - Rito Francês. (2023).
2. Joaquim Grave dos Santos. Do fio de prumo ao nível, da construção pessoal ao combate pela equidade social. (2022).
3. Suzman, J. *Work: A History of How We Spend Our Time*. (2020).
4. Oxford University Press. *Notes and Queries*. (1879).
5. McKenna, C. *A Study of Otium and Negotium in Catullus and Cicero*. (Pennsylvania State University, 2009).
6. Anderson, J. *The Constitutions of the Free-Masons*. (1722).
7. Nicholson, N. The design of work-an evolutionary perspective. *Journal of Organizational Behavior* (2010). doi:10.1002/job.603
8. Regenia, G. & John, D. On work and idleness. *Fem. Econ.* (1995). doi:10.1080/714042251
9. Weber, M. *Die Protestantische Ethik und der Geist des Kapitalismus [The Protestant ethic and the spirit of capitalism]*. null (1920).
10. Dupré, J. & Gagnier, R. A brief history of work. *J. Econ. Issues* (1996). doi:10.1080/00213624.1996.11505819
11. Voltaire. *Candide ou l'Optimisme*. (1759).
12. Pippin, R. Nietzsche: Thus spoke zarathustra. in *Introductions to Nietzsche* (2012). doi:10.1017/CBO9781139051736.010
13. Beauvoir, S. de. *Le Deuxième Sexe*. (Gallimard, 1949).
14. Kasparov, G. & Greengard, M. Deep Thinking: Where Machine Intelligence Ends and Human Creativity Begins. *Paper Knowledge. Toward a Media History of Documents* (2017).
15. Pearson, T. *The End of Jobs: Money, Meaning and Freedom Without*. (2015).
16. Lee, K.-F. *AI Superpowers by Kai-Fu Lee. Sinovation Ventures* (2018).
17. Cowen., T. *Average is Over*. (2020).
18. Leonhard, G. *Technology vs. Humanity. Technology vs. Humanity* (2017). doi:10.15358/9783800655342
19. Brynjolfsson, E. & Andrew McAfee. *The Second Machine Age: Work, Progress, and Prosperity in a Time of Brilliant Technologies*. (2016).
20. Shell, E. R. *The Job: Work and Its Future in a Time of Radical Change*. (2018).
21. Daugherty, P. R. & Wilson, H. J. *Human + Machine: Reimagining Work in the Age of AI*. Harvard Business Review Press (2016).
22. Hamel, G. & Zanini, M. Humanocracy. Creating organizations as amazing as the people inside them. *Harvard Bus. Sch. Press Books* (2020).
23. Harari, Y. N. *Homo Deus a Brief History of Tomorrow. An Imprint of Harper Collins* (2017).
24. Harari, Y. N. *21 Lessons for the 21st Century - Yuval Noah Harari. Jonathan Cape* (2018).
25. Pereira, J. G. Luz e Trevas da IA. *ÁGORA* (2023).
26. Wirth, O. *La franc-maçonnerie rendue intelligible à ses adeptes. II 'Le Compagnon'*. (Dervy-Livres, 1974).
27. Carniri, G. *Guide pratique du Compagnon franc-maçon*. (Conform, 2013).
28. Mainguy, I. *La symbolique maçonnique du troisième millénaire*. (Dervy-Livres, 2001).
29. Foussier, P. Le rite français, quintessence de l'humanisme.
30. Bauer, A. & Meyer, G. *Le rite français*. (puf).
31. Templo, N. Pode o método maçónico ajudar-nos a compreender melhor o mundo ? 1-5
32. Acemoglu, D. & Robinson, J. A. *Why Nations Fail: The Origins of Power, Prosperity, and Poverty*. (Crown Currency, 2013).

In claris, fiat interpretatio

Fazer uma reflexão pessoal sobre a minha vivência na maçonaria não corresponde a uma ficha enciclopédica ou até a um texto feito em loja, especialmente aquele que produzi por ocasião da minha iniciação.

Direi que é um dos elementos da minha identidade, até porque sou um maçom publicamente conhecido, não apenas por vontade própria, mas por conselho e a pedido do próprio grão-mestre. Logo, assumi vários combates mediáticos em defesa da maçonaria, não só com a barreira de insultos da antimaçonaria, contra os

sem deus nem religião, como pela própria incompreensão de alguns irmãos, ainda marcados pela intolerância contra o divino, pouco socialista, laico e republicano.

Uns porque faço parte dos jacobinos, e alguns destes porque ainda me considero sucessor da revolução liberal de 1820. Não sendo membro

do rebanho de qualquer religião revelada e nem sequer me qualificando como ateu ou agnóstico, apenas me assumo como um velho panteísta, de antes de Cristo, em nome de certo paganismo superior, para citar o melhor mestre que tive nestas áreas, o nosso Fernando Pessoa, embora sem iluminação para



me poder assumir como auto-iniciado.

Logo, tenho de reconhecer que a maçonaria institucionalizada é da santa liberdade, isto é, um dos principais métodos para combatermos a pretensa superioridade egoísta dos chamados intelectuais.

Foi essa a principal aprendizagem da minha iniciação e do consequente trabalho em loja, com o humilde esforço de vários textos, alguns deles publicados em *«Pensar é dizer não»*. Porque não sou apenas maçom, mas maçom do Grande Oriente Lusitano Unido, a associação liberal e adogmática que une os iniciados desde 1802, em Portugal.

Aquela organização a que costumo chamar a mais antiga organização democrática portuguesa em atividade, mas que não pode confundir-se com uma qualquer organização política, ou com uma qualquer fase anterior da respetiva obra.

Por isso, a nossa tradição é o reconhecimento da participação dos maçons do GOL nos partidos do liberalismo monárquico, nos partidos republicanos, na resistência à tirania ou na construção da presente democracia livre, pluralista e competitiva.

Da mesma forma, não nos confundimos com qualquer atividade religiosa, deísta ou panteísta. Aliás, podemos ser maçons do GOL sem termos uma religião revelada, ou sem acreditarmos em Deus, como acontece comigo.

Consequentemente, em nome do renascimento humanista e da regeneração iluminista, cultivamos a tradição da tolerância, sempre contra o fanatismo.

É este o largo oceano da tradição maçónica portuguesa e da aliança que sempre houve entre as lojas e o processo de construção do Estado contemporâneo, sobretudo com a ideia de terra livre do maçom

Mouzinho da Silveira e da posterior separação da Igreja e do Estado.

A mesma separação que o papa Bento XVI reconheceu em 2011 como um verdadeiro processo de independência da Igreja Católica. Sobretudo quando, com o presente regime, se fez um tratado consensualista, com um Estado laico, mas com uma sociedade que pode não o ser maioritariamente.

A nossa tradição é o reconhecimento da participação dos maçons do GOL nos partidos do liberalismo monárquico, nos partidos republicanos, na resistência à tirania ou na construção da presente democracia livre, pluralista e competitiva.

Por outras palavras, ser maçom do GOL, isto é, da Maçonaria Portuguesa, é ter como causas a lei das congregações de Joaquim António de Aguiar, a da separação de 1911, inspirada por Afonso Costa, e a Concordata de 1940, assinada pelo governo de Salazar e que, no essencial, ainda se mantém. Porque, na prática, a nossa teoria não é outra, senão a dos princípios constitucionais vigentes.

Neste sentido, a minha instituição iniciática e progressista, continua a

ser uma das principais escolas da democracia portuguesa, normalmente em aliança consolidada com a doutrina social da Igreja, estabelecida a partir de 1891 e reforçada no pós-guerra, com aliança dos velhos liberais, com os socialistas pluralistas e a democracia cristã.

Porque a nossa maçonaria também é um dos pilares do europeísmo, com uma consolidada defesa do universalismo e do cosmopolitismo, conforme as teses iluministas, assumidas pela quase maçónica Sociedade das Nações e a posterior Organização das Nações Unidas.

Isto é, para os maçons, a política, sobretudo a política internacional, é uma metapolítica que se compromete em lutas quotidianas por uma liberdade existencial. Não somos neutros, mas comprometidos com aquilo que hoje assumimos como direitos humanos e democracia, onde há direita porque há esquerda, e esquerda porque há direita, não faltando a procura do próprio centro excêntrico, como o defendeu o nosso Luís da Silva Mouzinho de Albuquerque.

Foi quando um autocrata e grão-mestre da maçonaria, António Bernardo da Costa Cabral, profanizou os templos da nossa ordem, tal como outros políticos o repetiram, mesmo antes de chegar aquela ditadura que até teve a ilusão de extinção da maçonaria, em 1935.

A tirania pode ser executada por um maçom, ou até pelo dileto rebanho da Santa Madre Igreja. Mas aprendemos todos com os erros dos maçons e dos católicos na atividade política. Porque são melhores os exemplos de vida dos homens bons e de boa vontade, com a autenticidade de viverem como pensam, sem pensarem como depois vão viver.

Foi este o timbre de quase todos os principais resistentes à salazarquia, os que conseguiram que, pouco dias depois do Vinte e Cinco de Abril, os nossos bens que nos foram roubados pela tirania nos fossem restituídos e que surgisse a restauração daquelas



**A nossa Maçonaria também é
um dos pilares do europeísmo, com uma
consolidada defesa do universalismo e do
cosmopolitismo, conforme
as teses iluministas, assumidas
pela quase maçónica Sociedade
das Nações e a posterior Organização
das Nações Unidas.**

liberdades onde os maçons se sentem como peixes na água.

E aí está a principal obra para que os maçons contribuíssem, este regime constitucional, vivido e praticado, mesmo que seja na constante imperfeição do Estado de Direito. É certo que, na última década do século XX se consolidaram dissidências da velha ordem do Grande Oriente Lusitano Unido, mas que teve como consequência a liberdade de cada maçã poder optar pelas diversas correntes da maçonaria

universal, onde não há inimigos, mas irmãos, deístas, agnósticos, ateus ou panteístas e, mesmo dentro do GOL, os do rito escocês e os do rito francês.

Em conclusão, a minha principal vivência como maçã é a prática da liberdade, a humildade da iniciação e o exercício de uma tradição que constitui um dos fundamentos básicos desta procura iluminista da luta contra o absolutismo, pelo regresso às virtudes dos mistérios antigos.

Porque os maçons, incluindo os que podem ser cristãos, judeus ou muçulmanos, são dos principais herdeiros de uma teoria e uma prática, de antes de Cristo, principalmente greco-romanas.

Por isso é que estas profundas raízes nos fazem ser armados por uma sociologia da esperança, onde os engenheiros e operários sociais não têm de ser engenheiros de almas, mas edificadores de leis da boa razão e de adequadas políticas públicas, em nome da liberdade, igualdade e fraternidade.

Peço desculpa por este meu testemunho de uma vivência do próprio mistério e da procura da santa razão das coisas, a que temos sempre de regressar em progresso. Acho que fui claro, embora considere que «in claris, fiat interpretatio» ❶

Involuir para evoluir

O saudoso Laureano Carreira convidou-me para almoçar no Borges, depois de uma palestra sobre a Carbonária, que fiz, a seu convite, no Grémio Lusitano.

Seguiu-se o expectável convite para ingressar na Maçonaria, que aceitei sem qualquer hesitação. Não sabia de que Loja se tratava, nem qual o Rito que praticava. Meros detalhes.

Naturalmente, a Maçonaria não me era desconhecida, até já tinha publicado alguns textos sobre temática maçónica, desde 1993, sempre numa perspectiva histórica, que é a que me interessava e interessa sobremaneira ainda hoje.

Diga-se, como curiosidade, que o meu primeiro encontro com a Maçonaria ocorreu em 1973, quando encontrei, nas instalações do jornal republicano *A Rabeca*, de Portalegre, vários exemplares do *Boletim Oficial do Grande Oriente Lusitano Unido*, do início dos anos vinte do século XX, que li, cheio de curiosidade.

Que razões me levaram a dar esse passo? Quais as motivações, afinal de contas, dos que pretendem ingressar na Maçonaria? São diversas e contrastantes. Muitos aproximam-se por razões que nada tem a ver com o trabalho maçónico, dentro e fora das Lojas, e que se podem resumir em duas situações: a ambição de entrar para uma organização que consideram poderosa – como estão iludidos! – e alegadamente detentora de raízes sólidas nas instituições e nos grupos do poder, ou a possibilidade desafiante de pertencer a uma sociedade misteriosa, sobre a qual tanto se fala, quase sempre de forma especulativa, para o bem ou para o mal.

Alguns podem ser atraídos pela ideia de que a Maçonaria os pode ajudar profissional e economicamente, isto é, procuram satisfazer ambições e interesses egoístas, confundindo deveres de solidariedade com compadrio e nepotismo. Por vezes, frustrados por não conseguirem alcançar esses objetivos, afastam-se e, não raras vezes, acabam por denegrir publicamente a organização que os acolheu. Os exemplos são abundantes.

Nessa época, em termos profissionais, eu estava em vésperas de atingir o topo da carreira, pelo que não me moviam ambições nesse campo. Também no mundo da política, em que tive alguma actividade a partir 1970, desde os anos 80 que tinha renunciado a qualquer militância partidária, sem deixar de intervir politicamente, até hoje, por diversas formas, quando a minha consciência assim o determina.

Quer isto dizer que, no meu caso pessoal, a entrada na Maçonaria deveu-se exclusivamente a uma motivação intelectual, a um desejo de comprovar se o conhecimento da História da instituição e dos seus princípios, tinha correspondência com a realidade actual, e, também, se tal pertença poderia ser um elemento positivo na minha vida e na minha vivência. Os valores proclamados são sempre um bom

início de conversa. No entanto, o mais importante é a sua concretização.

A História está povoada de personalidades e de instituições pródigas em belas declarações e melhores intenções, infelizmente desmentidas pela prática. Tudo começou na iniciação. Passemos a esse momento que, para mim, nada tinha de desconhecido em termos livrescos.

Recordo uma série televisiva francesa sobre a Maçonaria, ainda dos anos 80, em que uma dignitária da Grande Loja Feminina de França descrevia a respectiva experiência pessoal, confessando que a cerimónia lhe despertou sentimentos contraditórios e até decepcionantes.

Para quem não tem um conhecimento antecipado, o ritual, as palavras, os gestos, os sons, os movimentos constituem uma surpresa e podem gerar reacções desconstruídas. O ritual é um elemento de integração, seja na religião, na política ou no futebol. Faz com que nos sintamos parte de um todo. Mas o importante é compreendermos e interiorizarmos as palavras, os gestos e os sons, tentando apreender o simbolismo e o sentido alegórico.

Um símbolo é, afinal, qualquer coisa que continua a ser o que é – uma



espada ou uma balança -, convertendo-se noutra, numa dimensão diferente. Tudo depende de se conseguir passar da dimensão exotérica, para a dimensão esotérica, isto é, da aparência, para a essência.

A cerimónia correu bem. Para surpresa minha, a ela assistiram três velhos amigos, um dos quais – António Reis – me disse, com toda a razão, que uma coisa era estudar a Maçonaria, em termos académicos, outra era vivê-la. Nada mais acertado. Sempre entendi a Maçonaria como uma organização *sui generis*, situada num plano diferente do mundo profano.

Como Magalhães Lima afirmava, ela deve influenciar positivamente o mundo exterior e não o contrário, como sucede, com resultados profundamente negativos. Se é verdade que o percurso maçónico é essencialmente individual e visa o aperfeiçoamento do ser humano de *per si*, este resultaria num exercício

Um símbolo é, afinal, qualquer coisa que continua a ser o que é – uma espada ou uma balança -, convertendo-se noutra, numa dimensão diferente. Depende de se conseguir passar da dimensão exotérica, para a dimensão esotérica, isto é, da aparência, para a essência.

egoísta e narcísico, se não se projectasse na sociedade onde o maçom está inserido, se ele não inculcar na família, no trabalho, nas associações em que participa – mutualistas, profissionais, políticas, recreativas, desportivas, de solidariedade – os valores que a norteiam.

A Maçonaria é uma Ordem iniciática, nunca é demais recordá-lo aos que – e são muitos – a confundem com uma qualquer associação cívica

ou cultural. Mas não é – ou não deve ser – uma Ordem contemplativa nem quietista, eventualmente com mosteiros em lugar de Lojas. Não se pode confundir a forma com o conteúdo.

O Artigo 2º da Constituição do GOL é claro: «A forma da Maçonaria é ritualista». A forma. E o Artigo seguinte especifica: «A Maçonaria tem por fim o aperfeiçoamento da Humanidade através da elevação moral e espiritual do indivíduo. Não

aceita dogmas e combate todas as formas de opressão sobre o Homem, luta contra o terror, a miséria, o sectarismo e a ignorância, combate a corrupção e enaltece o mérito». É um verdadeiro programa de acção, muito longe das concepções imobilistas e estritamente litúrgicas.

Acredito e defendo que os maçons não só não se devem enstremar, encerrados, não numa torre de marfim, mas na derradeira torre do Templo de Salomão, como devem ter um papel activo, dinamizador e polarizador no melhoramento da Humanidade em geral e das comunidades onde estão inseridos em particular.

Foi o que procurei fazer, ao tentar contribuir através da escrita e da palavra, em numerosos textos, palestras e conferências, para desmontar o secular muro de preconceitos cavilosamente erguido contra a Maçonaria, fruto da ignorância e da má fé.

Sempre entendi a Maçonaria como uma organização *sui generis*, situada num plano diferente do mundo profano. Ela deve influenciar positivamente o mundo exterior e não o contrário, como sucede, com resultados profundamente negativos.



Da vivência maçónica colhi ensinamentos, experiências, amplos motivos de reflexão e, acima de tudo, pude aferir um dos mais profundos e gratificantes sentimentos que devem nortear a vida: a fraternidade. Há palavras que não podem ser ditas e ouvidas sem que sejam sentidas, não devem ser apenas recitadas automaticamente.

Quem não pratica a fraternidade viola liminarmente uma ideia e um princípio que é «a pedra angular, o cimento e a glória» da Maçonaria. Quem não assume e vive a Fraternidade, pode ter sido iniciado, sim, pode frequentar os trabalhos em Loja, pode ter as capitações em dia, pode até exhibir certificados e diplomas de graus até ao infinito, mas é um Maçon por fora, vazio por dentro.

A acepção literal da palavra «fraternidade», enquanto relação existente entre irmãos, é geralmente aplicada a propósito de um sentimento afectivo e moral: o dever de amar. A fraternidade designa um sentimento em relação aos homens que, não sendo irmãos, se consideram como tal. E tudo começa pelo princípio, passe o pleonasma.

Em Maçonaria, a iniciação é um renascimento. A Câmara de Reflexões, que simboliza a Terra, é como que o útero materno onde o neófito sofre um processo de involução, isto é, recua até ao seu Ser Primordial, para depois renascer outro, continuando o mesmo ser humano. O que é sublinhado pela adopção de um nome simbólico - prática que felizmente conservamos entre nós, contrariamente a muitas outras Obediências que o eliminaram.

Esse processo, esse renascimento, comum a todos os maçons, é a base da Fraternidade. Não escolhemos onde e como nascemos. Não escolhemos os nossos pais nem a família. Mas a iniciação é voluntária, selada por juramentos que não podem nem devem ser violados.

Por tudo isto, avalio muito positivamente a minha experiência, com a percepção de que, como todas as instituições humanas, a Maçonaria é construída, não por seres ideais, mas por pessoas concretas, com todo o que o Ser Humano tem de positivo e de negativo ❶

O Caminho da Luz

Um dos primeiros textos que elaborei na minha caminhada maçónica e que tive a honra de ser publicado na revista da Nossa Augusta Ordem, versava o tema singelo e ao mesmo tempo absolutamente complexo da luz. A Maçonaria ilumina-nos num caminho para nos encontrarmos connosco mesmos, e assim mais bem poderemos servir os outros e a comunidade em que nos inserimos.

Não creio que a pertença à Maçonaria tenha mudado a minha essência, mas reforçou a consciência daquilo que sou e da forma como essa minha forma de ser e de estar pode ser

aprimorada, para que eu me sinta realizado e contribua para a realização dos que me rodeiam.

Tive o privilégio imenso de ter sido proposto por um grande amigo

maçon e de ter conhecido logo no processo de sindicância prévia à admissão dois maçons extraordinários cujo perfil, integridade, sabedoria, beleza e força me continuam a inspirar (Embora infelizmente um



deles já tenha partido para o Oriente eterno).

A minha loja operativa foi e continua a ser uma escola extraordinária, tal como mais tarde a loja especulativa em que também estou inserido. Tive o privilégio de aprender estudando, lendo e refletindo, mas também muito através do que pude ouvir nas sessões, do que me foi comunicado nas pranchas e balaústres e na riqueza das interações formais e informais com aqueles com que tenho podido caminhar.

Esta experiência foi tanto mais importante quanto na última década, por motivos profissionais, estive quase sempre ausente do País e isso reduziu muito a minha capacidade de participação assídua nas sessões presenciais.

A força da luz que tinha sido acendida em mim foi, no entanto, suficiente para manter sempre bem viva a consciência que uma vez Maçon, se faz Maçonaria em todos e em cada momento da nossa vida.

A minha história de vida é marcada pelo serviço público, como dirigente associativo enquanto estudante, como universitário, ensinando, investigando e interagindo com a comunidade e percorrendo as etapas da carreira universitária, como representante eleito democraticamente pelos meus concidadãos para os representar em Assembleias Municipais de dois diferentes Concelhos, na Assembleia da República por diversas vezes e no Parlamento Europeu em dois mandatos recentemente findados, e como nomeado para múltiplas missões de serviço público no Plano Regional, Nacional e Europeu.

Pensando no meu percurso maçónico ocorrem-me três princípios, que embora de forma não estruturada, marcaram sempre a minha visão e a minha forma de ser Maçon. Os trabalhos em loja fortalecem-nos, mas tudo o que nelas adquirimos deve ser aplicado pelo exemplo concreto da nossa ação quotidiana e essa ação deve transmitir uma visão

clara e incisiva de como olhamos para o mundo, nos seus diversos patamares e de como estamos disponíveis para agir de forma a que os nossos valores e princípios nele prevaleçam.

A minha família mais próxima teve sempre conhecimento da minha opção e em múltiplas ocasiões pude com ela debater as razões, os princípios e os valores que me orientavam nessa escolha e de como em síntese, também para o núcleo familiar, o tempo que dediquei à nossa Augusta Ordem não era tempo perdido para o apoio à família, mas tempo ganho para poder ser melhor enquanto ser humano, em todas as dimensões da vida.

O caminho para a luz não me induziu a mudar a trajetória da minha vida, mas deu-me uma noção muito mais fundamentada de querer continuar a pensar, a agir e a ser como era, mas com mais consciência, com mais conhecimento, com mais reflexão e com mais qualidade.

No desafio para elaborar este breve texto de testemunho e introspeção, era colocada uma questão objetiva. Até que ponto a minha participação na Maçonaria me fez pensar, ser e agir de forma diferente?

Quando escolhemos um caminho não podemos prever com exatidão o

que teria acontecido se não tivéssemos tido a oportunidade ou a opção de o escolher. A minha convicção, no entanto, é que o caminho da luz não me induziu a mudar a trajetória da minha vida, mas deu-me uma noção muito mais fundamentada de querer continuar a pensar, a agir e a ser como era, mas com mais consciência, com mais conhecimento, com mais reflexão e com mais qualidade.

De alguma forma o caminho da luz projetou-me mais perante os outros e aclarou o impacto de tudo o que fiz, de bom e de menos bom, sobre as pessoas e o mundo que me rodeia.

Por outro lado, tendo também em conta os constrangimentos que me levaram a ter uma menor disponibilidade de trabalho concreto em Loja, o caminho da luz ajudou-me colocando um foco sobre mim próprio.

Um feixe de luz que só eu vejo, mas que me interroga quotidianamente sobre se no dia a dia, nas grandes e nas pequenas decisões e escolhas pessoais e profissionais que vou tendo que assumir, sinto que estive à altura dos princípios e valores que jurei cumprir e em que profundamente acredito.

Não mudando aquilo que é a minha essência, como escrevi antes, o ser Maçon transformou-me. Tornou-me mais sólido nos meus princípios e convicções, permitiu-me conhecer e aprender com gente extraordinária e deu mais corpo a uma visão do mundo baseada na liberdade, na igualdade e na fraternidade, que procuro que seja a inspiração de tudo o que faço, e que me ajude a corrigir a rota, quando dela não estou à altura 🕒

Porque sou Maçom?

O que aqui me traz, para além de uma integral devoção à Maçonaria Universal, a que me orgulho de pertencer, é tecer para o mundo profano, algumas das reflexões pertinentes, na minha qualidade de Maçom.

Num momento histórico em que os valores do Universalismo se começam a esboçar, melhor ou pior, em particular através da destruição das barreiras da informação, da globalização do conhecimento e das atitudes, e, para nós, do emergente espaço comunitário europeu, é urgente explicar aos outros “Porque sou Maçom”.

Numa época em que a temática do Universalismo deixou de ser apanágio quase exclusivo da comunidade maçónica, em que os valores profundos da Liberdade, Igualdade e Fraternidade, ou da Fé, Esperança e Caridade se desmaterializam e desconstroem, em que a virtualidade dos valores reais se confunde com a realidade dos valores virtuais, em que tudo o que é imaginável se

demonstrou realizável, mas em que persistem todos os erros e vícios e desigualdades e preconceitos e intolerâncias que sempre definiram e marcaram a história da humanidade e das suas sociedades, não é redundante um Maçom questionar-se e procurar definir o seu próprio contexto espacial e conceptual.



De construtor de catedrais a construtor de sonhos e fantasias vai um passo de gigante, vai um imaginário de formiga. O convívio entre a sumptuosidade mítica das catedrais e a miséria, a fome e a intolerância, acompanha ainda a contemporaneidade.

A injustiça, os preconceitos e os erros são tão actuais como a internet e as sondas no espaço. Por cada lauto banquete numa qualquer cidade da europa comunitária, há milhões de africanos que anseiam que lhes caia do céu um saco de cereais despejado por um avião da Cruz Vermelha, ou de outra qualquer organização de solidariedade.

A cada humano solidário continuam a corresponder milhões de umbigos solitários. A realidade que se nos oferece neste fim de século não é, assim, muito diferente das realidades que se nos ofereciam em tantos outros fins de século.

O fim de século não significa o fim nem o início de seja o que for. É apenas um instrumento de medida como tantos outros, se quisermos, um instrumento de medida da nossa inoperância, da nossa incapacidade.

Na minha qualidade de docente universitário, que venho exercendo, paralelamente com outras, há mais de duas décadas, tenho assistido ao nascimento e ao enterro de muitos heróis. Todos eles contribuíram para a diferença, nenhum deles pôs termo ao sofrimento, à intemperança, à injustiça.

A Humanidade sofredora de hoje mantém-se idêntica à Humanidade sofredora de todos os tempos. À cura para uma doença fatal sucede sempre uma doença fatal sem cura. A cada passo dado no sentido do conhecimento corresponde uma avalanche exponencial de dúvidas. Se calhar é mesmo para ser assim, o que não é impeditivo do nosso inconformismo....

É nesta esteira de preocupações que parto em demanda dessa questão que me traz aqui hoje: porque sou

Maçom? Como sou Maçom? Para que é que isso serve? Como pode a Maçonaria contribuir para um mundo melhor, mais humanista, mais solidário, mais fraterno, mais equilibrado, enfim, será que pode?

É óbvio que não vou dar resposta a estas inquietações, porque à medida que vou crescendo, são maiores as dúvidas do que as certezas, o que, provavelmente, tornará irrelevante para o futuro da humanidade esta minha intervenção. Gostaria, contudo, de partilhar convosco estas mesmas inquietações, se isso me for permitido.

Existe um grupo de pessoas, espalhado pelo universo, capaz de me acolher, de me reconhecer, de me identificar, apenas porque sou Maçom

Afirmar hoje que sou Maçom, pode sugerir várias significações e não menos enquadramentos. Nenhum deles será, contudo, suficientemente explícito para designar porque sou Maçom. Há uma certa tendência para se cair neste tipo de falta de clareza quando não se sabe bem o que dizer.

No entanto, eu lancei o meu bote à deriva, e tenciono colher-lhe a trajectória. Volto ao início: Porque sou Maçom? A primeira resposta pertinente que me surge é: porque sim! (Não chega, não é suficiente). Sou Maçom porque acredito, sigo, milito nas Constituições de Anderson!

Sou Maçom, porque fui iniciado numa Loja Regular – Justa e Perfeita. (Aproximo-me da razão)... Sou Maçom, porque os meus Irmãos me reconhecem como tal... é isso: há um

grupo de gente, que eu não escolhi – uns, já lá estavam; outros, chegaram depois – que me reconhecem no seu seio, me acompanham, me ajudam, contam comigo, conto com eles... Há um grupo de gente, que eu reconheço de modo diferenciado, e que me reconhece de modo diferenciado. De quê? De todo o resto que indiferenciadamente me não reconhece...

Existe um grupo de pessoas, espalhado pelo universo, capaz de me acolher, de me reconhecer, de me identificar, apenas porque sou Maçom. Num acervo infinito de gente, há gente que me reconhece. Há gente que me responde a um telefonema, porque me apresento na qualidade de Maçom. Há gente que eu nunca teria conhecido, mas que conheço, apenas porque sou Maçom.

Haverá, eventualmente, gente que, se eu não fosse Maçom, nunca me teria conhecido ou reconhecido, na imensa mole de gente que, não sendo Maçom, também é gente. No entanto, a Maçonaria não se esgota nisto, mas é também isto. Isto é, não é bem isto, mas é sobretudo isto.

Não vos venho falar de rituais, de ritos, de liturgias, mas, sobretudo, acima de toda e qualquer suspeita, daquilo que, para além do acto iniciático que me tornou Maçom; de todos os outros actos iniciáticos que me permitiram progredir na via da Maçonaria; de tudo aquilo que, apesar de tudo, me obriga e abriga como Maçom; origina o facto de vos estar a dizer que sou Maçom.

E se o sou, é por que me sinto como tal e, sobretudo, porque os meus Irmãos me reconhecem como tal. O que é que eu espero de um mundo que me reconhece como Maçom? O que é que o mundo espera de mim, enquanto Maçom? Que tenho eu para dar, ou para receber, por esse facto? Um abrigo? Um qualquer espaço recôndito de reconhecimento mútuo? Medalhas, condecorações, não, seguramente! Um olhar imaculado, virginal, sobre o acidente a que se chama quotidiano?



Volto à origem: sou Maçom, porque os meus Irmãos me reconhecem como tal. Reconheço os meus Irmãos porque há um segredo que nos liga. O segredo, pelo simples facto de o ser, não é desvelável nem é desvendável!

Este mundo está dominado por aqueles que, de entre nós, são mais actuaes: não necessariamente mais consequentes, não necessariamente mais honestos nos seus desígnios. Antes, até, pelo contrário.

Este mundo que nós conhecemos ou pensamos conhecer, no âmago da nossa pueril inteligência, tem muito pouco a ver com a nossa/minha qualidade de Maçom. Existe-se para consumir e não para consumir. É triste, mas é verdade, aquilo que nos liga, na inércia do sistema de estarmos vivos, é a ânsia daquilo que nos separa.

Juntamo-nos, corporativamente, para encontrar abrigos para o que

nos separa. Afirmamos a diferença mais do que a semelhança. Esgaravamos o inferno para provar que somos deuses. Que Olimpo este, tão cheio de cepticismo, de hipocrisia, de auto afirmação. Que céu este, tão cheio de nuvens, de cavaleiros sem cavalo, de Quixotes sem moinhos... Sou Maçom porque sim, e disse!!!!

Ou não disse, porque a segurança das minhas afirmações não acompanha a segurança dos meus actos. Ser Maçom, significa, se calhar, aquele imaginário que eu persigo, mas não alcanço. Ou pior, perseguir aquele imaginário que serve de escudo à minha impotência. Ou, se calhar, ser aquilo que o sendo, não o é... na perspectiva em que eu coloco a vontade, mas que a possibilidade recusa...

Ser Maçom é, porventura, tentar sê-lo... ou dizer-se que se é... E a P2?, e o negociismo? E os lóbis inconfessáveis? E essas pequeninas e

grandes ânsias de poderes... e, eventualmente, de poderes consumados? Porque ser Maçom, hoje, quando se pode ser tantas outras coisas? Porquê ser aquilo que se deseja ser, mas que se receia não ser suficientemente?

Mas ..., ser Maçom ..., é também, e, sobretudo, escolher, no mundo labiríntico que nos enforma, uma forma de traçar caminhos, eventualmente tão labirínticos como aqueles que traçam a necessidade de os percorrer...

Ser Maçom, é também ser lúcido, ou seja, admitir a Luz que nos ilumina quando nos consideramos sábios. Melhor, a Luz que, sem o sabermos, despeja em nós o calor que nos energiza. Não há nada de místico na Luz que nos ilumina. A leitura esotérica da nossa realidade reflecte apenas a lucidez pragmática da nossa realidade esotérica.

A Liberdade viaja com o sonho, à velocidade da Luz. A Igualdade é o mito apócrifo de todo o imaginário humano. A Fraternidade reside no extremo do mutualismo, no fundo do túnel da esperança que mantém vivas as nossas paixões, os nossos sonhos, a puerilidade das nossas emoções mais sinceras...

Encontrar um Irmão, é recuperar uma peça perdida da nossa identidade, é recorrer ao regaço de uma mãe eterna, protectora, coadjuvante dos nossos receios, porque são também estes que nos ligam, é a dúvida que nos mantém unidos. A certeza é apanágio de quem não sabe.

Se nascer é sofrer, renascer é reencontrar um curso para o sofrimento, ou seja, reciclar o sofrimento em felicidade. Eu, sou Maçom, porque sim! Admito, contudo, que os meus Irmãos me reconheçam como tal....

Outra questão que se pode colocar, neste âmbito de reflexões, é: o que deve o Mundo à Maçonaria? O que deve a Maçonaria ao Mundo? É tradicional o sentimento do Maçom que, ao fim de três ou quatro anos de frequência da sua Loja, se interroga: o que é que ando aqui a fazer? Como e de que modo poderá ser a Maçonaria, ou o meu trabalho como Maçom, útil à Sociedade e ao Mundo?

E criam-se guildas e associações e sociedades de pressão, e intenções que se transformam em negócios e negócios que se vêm a confundir com todos os outros negócios do mundo profano. Passem-se os juízos de valor... A vontade de exercer um qualquer protagonismo, consentâneo com os valores intrínsecos da Maçonaria, é uma vontade legítima.

A operatividade da Maçonaria é notória em todas as formações, transformações e convulsões do mundo ocidental, nos últimos séculos. A História da modernidade atesta-o. Mas a questão de fundo é esta: será mais urgente e consequente a acção no mundo exterior, profano, ou a acção, determinada e

constante sobre cada um de nós, pedra obviamente constitutiva do edifício universal?

Por outras palavras, admitindo que a cada Maçom assiste uma participação no mundo profano – familiar, profissional, etc. – não será mais profícuo o trabalho sobre a pedra bruta que cada um de nós constitui, na sua essência, do que essa urgência, por vezes histórica e mesmo histriónica de agir por agir, de mostrar serviço, quantas vezes mau, na sociedade civil?

**A Maçonaria é uma
Ordem Universal.
Os homens, por
vezes, apesar de
partilharem os
mesmos valores
e objectivos,
encontram-se
conjunturalmente
divididos.
É humana a
diferença de
opinião e a
afirmação da
diferença. Contudo,
no universo da
Maçonaria, são mais
fortes os valores de
religação do que os
de rotura.**

Esta, meus senhores, é uma das questões, porventura, mais polémicas e complexas que assistem a um Maçom. Tenho-me deparado e

confrontado com ela, ao longo de mais de uma década, na minha qualidade de Maçom.

É usual ouvir-se dizer, em Portugal, que foi a Maçonaria que instituiu o regime republicano no país. Será, contudo, a Maçonaria, uma instituição republicana? É claro que qualquer pessoa que conheça minimamente a história dos povos e das civilizações sabe responder que não.

Muitos aristocratas e monárquicos notáveis preencheram e preenchem o painel das personalidades diferenciadas no quadro da Maçonaria portuguesa, e da Maçonaria Universal, como é natural. Claro que também é natural que, tratando-se o corpo maçónico de um acervo de homens livres e de bons costumes, no seu seio se tenham notabilizado alguns dos mais ilustres republicanos da história dos povos em geral, e da república portuguesa, em particular.

O mesmo poderá ser referido, no respeitante à dicotomia laicismo-religiosidade, por exemplo. Será o laicismo um apanágio da Maçonaria? Estou convencido que não. É claro que a Maçonaria acredita numa sociedade laica, em que os valores da cidadania e do humanismo se sobreponham aos interesses e aos valores de uma qualquer comunidade religiosa.

Mas, em toda a história da Maçonaria, mesmo na história contemporânea, encontramos cidadãos laicos e cidadãos membros do clero, cidadãos agnósticos e cidadãos de grande profundidade religiosa, a partilhar os trabalhos de Loja, unidos na mesma cadeia de união.

Isto significa que os valores que nos ligam constituem elos de metal mais sólido e forte do que os que eventualmente nos separam. Os credos religiosos, as militâncias políticas, as idiossincrasias culturais que definem a individualidade de cada Maçom, subjazem aos elevados valores humanos e sociais que os

religam nessa sólida cadeia de união universal.

E esta reflexão leva-nos a uma última questão: o facto de haver, dentro do mesmo país, diversas Obediências maçónicas, por vezes com adjectivações diferentes, significa que existem sectarismos ou rivalidades maçónicas?

No equilíbrio entre a exacerbação da ordem e a exacerbação do caos, situa-se, penso, a Maçonaria Universal, ou seja, nesse sempre humano equilíbrio entre a arritmia do cérebro e o pulsar seguro do coração

A História, neste aspecto, também é clara: a Maçonaria é uma Ordem Universal. Os homens, por vezes, apesar de partilharem os mesmos valores e objectivos, encontram-se conjunturalmente divididos. É humana a diferença de opinião e a afirmação da diferença. Contudo, no universo da Maçonaria, são mais fortes os valores de religação do que os de rotura.

A Ordem Maçónica Universal tende para o reconhecimento da diferença e da especificidade cultural de cada Obediência. O mesmo se passou, na Idade Média, com as diversas Ordens Religiosas: a força religadora era mais forte do que a diferenciadora.

Ouve-se, por vezes, falar, nos salões do mundo profano, como em certos meios maçónicos, de uma divisão

entre uma Maçonaria dita regular e uma outra dita liberal, ou adogmática. A primeira, mais conservadora e enfeudada aos valores da religiosidade, ou da crença numa verdade revelada, liderada pela Inglaterra e pela anglofilia, e a segunda, mais progressista, eventualmente atea e aberta à mudança, liderada pela França e pela francofilia.

É certo que existem obediências que se reclamam da exclusividade dos princípios (Landmarks) maçónicos, e outras, que procuram uma maior adequação às mutações sociais do nosso século. Aquilo que as separa é o que separa dois irmãos desavindos, mas que continuam a reconhecer-se como irmãos nos momentos chave da sua existência e convivência. É a perspectiva do universalismo maçónico que todos os Maçons perseguem e invocam, quando procedem, no encerramento dos seus trabalhos de Loja, à Cadeia de União.

Volto a afirmar, no mais íntimo da minha convicção: a Maçonaria não é, não será, nem foi nunca regular, liberal, adogmática, operativa, especulativa, republicana, laica, monárquica, anarquista, socialista, mista, feminina, ecológica, verde ou libertária.

Ela foi, e será sempre, Universal, atenta às mutações culturais, motor dos ideais vertentes sobre os valores que persegue, em cada momento histórico, em função de metas que vai atingindo e transpondo, fora de toda a estanqueidade, de todo o enquistamento que o mundo profano determina.

Se hoje, o dogma é, ainda, e por não ter ainda sido ultrapassado: Liberdade, Igualdade, Fraternidade; Sabedoria, Força, Beleza; amanhã será aquilo que aqueles que viermos a iniciar vierem a perseguir, se conseguirmos que estes valores se tornem, entretanto, redundantes, no sentido da Perfeição do Homem e da Sociedade que o abriga e obriga.

Ao julgarmos perseguir a essência dos valores iniciáticos da Nobre e

Augusta Ordem Maçónica, que se fundam, entre outros, em conceitos como os de Fraternidade e de Tolerância, deixamos de parte os epítetos e as adjectivações sectárias, e fixamo-nos nos valores que nos ligam, aprofundando as razões do acervo simbólico iniciático que nos enforma, sob pena de deixarmos que a ânsia cega de modernidade contribua para o esvaziamento dos valores estruturais da Tradição.

Liberdade, Igualdade, Fraternidade; Paz, Amor, Humanismo; etc., para além de sons agradáveis ao ouvido, são valores insofismáveis e inquestionáveis para um Maçom; serão, porventura, dogmas irrecusáveis.

Penso que ainda é cedo para se falar de uma Maçonaria Quântica, ou mesmo Cosmogenética, que tome por premissas a dinâmica não-linear, a teoria dos fractais ou a da auto-similaridade.

No equilíbrio entre a exacerbação da ordem e a exacerbação do caos, situa-se, penso, a Maçonaria Universal, ou seja, nesse sempre humano equilíbrio entre a arritmia do cérebro e o pulsar seguro do coração, nessa sempre necessária fecundação da emoção pela razão, e vice-versa, que reciprocamente se estimulam em espiritualidade e acção criativa.

As diferenças de rito, a maior ou menor abertura às idiossincrasias do mundo profano, a mais rápida ou mais lenta adequação à mudança em termos de superestrutura, não constituirão entrave, mas antes incentivo ao apertar dos laços entre todos os homens livres e de bons costumes que, pela iniciação ritual e simbólica, se tornaram Maçons. E este objectivo dirige-se a toda a Humanidade.

Regresso ao tema inicial desta comunicação e pergunto-me: porque sou Maçom? A resposta é inevitável: por todas estas razões e por outras, eventualmente inconfessáveis ou inexprimíveis, mas a razão primeira e, certamente a mais segura é PORQUE SIM! 🕒

«Tudo vale a pena, quando a alma não é pequena»

A pergunta «porque sou maçom?» terá razão de ser? Não pertencerá ao âmbito da intimidade de cada um tal como a sua religiosidade? Não pertencerá à mesma natureza das questões do foro socio-comportamental?

O convite para escrever sobre minha experiência – já lá vão 40 anos contínuos, através de dois ritos e de cinco lojas, das quais fui membro fundador de quatro – três do escocês antigo e aceito, e duas do rito francês

moderno – surge como algo confessional, de alguma forma egóico, quando para mim a maçonaria revelou-se um mundo por descobrir.

Não vou entrar em detalhes sobre como fui iniciado na maçonaria em

1984, nem como foi o meu percurso pelos graus simbólicos da maçonaria, ou seja pela aprendizagem, companheirismo e mestria.

O que posso dizer é que, quem não quer aprender, ficará longe da luz e



permanecerá na ignorância. Esta última opção é um direito de qualquer maçom, porque ele é um homem livre para escolher uma via de conhecimento, de trabalho, de aperfeiçoamento constante, em vez de permanecer confortavelmente a consultar a Wikipédia ou a ouvir aqueles que trabalham e exigem cada vez mais dos seus mestres.

Digamos, pois, que a minha opção nesses longínquos tempos, dez anos após a sociedade civil ter recuperado em 1974 a liberdade como valor político e matricial, a minha opção foi por estudar e absorver o mais que podia - e posso -, sobre esse universo maravilhoso que se colocava diante de mim, competindo apenas à minha pessoa avançar nessa senda da descoberta, em vez de ser orientado, manipulado ou formatado pelos mestres.

E nesse sentido, a formação pessoal que adquirir foi sem dúvida feita em plena liberdade, e sendo a maçonaria constituída por homens imperfeitos, na busca do seu aperfeiçoamento individual, era natural que nesse trajeto eu me deparasse com obstáculos, como é natural em tudo na vida.

Não basta dizer que a maçonaria é uma irmandade (brotherhood), pois mostra-se necessário a cada um ingressar nela, cultivá-la, fazê-la crescer, e participar ativamente na mesma. Palavras leva-as o vento, e hoje no mundo virtual, vocábulos como amizade, amor fraternal, caridade, auxílio, beneficência, altruísmo, nem são proferidos, nem praticados enquanto valores humanos.

O espírito clubista, seja ele desportivo, político-partidário, religioso, etc., prevalece sobre a ética universal inerente a qualquer - repito, a qualquer - ser humano, seja ele, muçulmano, cristão, branco, preto, de direita ou de esquerda, rico ou pobre, ignorante ou culto, etc.

As morais que cada sociedade foi construindo ao longo dos séculos, separaram os homens através da

criação de normas morais emanadas por cada uma das sociedades, perdendo-se na névoa aquilo que os unia, dando-se prevalência ao que os separa.

Quem não quer aprender, ficará longe da luz e permanecerá na ignorância. Esta última opção é um direito de qualquer maçom, porque ele é um homem livre para escolher uma via de conhecimento, de trabalho, de aperfeiçoamento constante.

O mesmo acontece na maçonaria. Quando somos admitidos, entramos com a expectativa de participar numa irmandade universal, mas depois rapidamente nos apercebemos que de universal só tem alguns valores - e mesmo esses têm leituras diferentes pelos interessados, pois as obediências a que prestamos juramento ou compromisso, os ritos praticados e os rituais litúrgicos multiplicam-se conforme o freguês.

Agarramo-nos desesperadamente aos princípios e valores como uma tábua de salvação, e por vezes caímos na tentação de os dogmatizar, quando não são impostos sob o nome de *landmarks*. Depressa nos damos conta que as obediências, como sociedades de homens, movem-se por interesses, onde por vezes, os interesses profanos

superam os valores filosóficos que unem a irmandade.

Felizmente que os maçons se reconhecem entre si nessa qualidade e não enquanto membros da obediência A, B ou C. E por isso, quem anseia e defende uma Maçonaria Universal não pode ter os antolhos colocados pelas obediências, tem de defender uma maçonaria livre, numa obediência e loja livres.

Esse foi o percurso que sempre entendi - e continuo a entender - como correto em maçonaria, admitindo que sempre me considere rebelde a regras injustas.

Cedo me apercebi que o trabalho era pessoal, isto é o meu progresso na ciência/filosofia maçónicas não devia seguir as regras regulamentares que apontam para interstícios entre os graus simbólicos para poder ascender, mas sim a aquisição do conhecimento e saber de cada um dos graus. Cedo compreendi o significado da maçonaria como caminho progressivo, não me contentando com o ser investido nos graus.

Cedo abrangia que a verdadeira maçonaria radicava na maçonaria simbólica e que era dispensável a filosófica, enquanto aprofundamento dos graus simbólicos. Cedo entendi que a maçonaria é multifacetada quanto às razões - racionais e espirituais - que levam as pessoas a aderir à mesma.

Cedo percebi que a maçonaria é a Arte Real da construção de relações com os outros, sob o plano do princípio da igualdade num mundo naturalmente desigual, onde a liberdade escasseia, ou é manipulada; cedo adotei a amizade/amor fraternal como base da solidariedade fraterna que deve existir entre todos os maçons.

É para mim evidente que a evolução do ser humano, enquanto maçom, sofre alterações ao longo da vida. Esta não é estática, e muito menos a maçonaria. É por isso que - ao

contrário daqueles que defendem pertencer a um mesmo clube desportivo ou a um partido político ao longo da vida, a maçonaria é mudança, é opção, é escolha, tendencialmente progressiva, e compete a cada um de nós estar atento e aberto a esse movimento.

Não espanta que um dos princípios da maçonaria do Grande Oriente Lusitano, seja a liberdade que o maçom usufrui para mudar de rito. Foi o que fiz: iniciado no rito escocês passei para o francês, em resultado de reflexão sobre o sistema ritualístico e como forma de evolução pessoal.

Mas reconheço que ambos possuem mais valias e que representam vias de conhecimento diversificado. O importante é saber ouvir o outro na sua diferença, perceber a diversidade e todos acabarem por unir as mãos à volta de uma cadeia de união.

Muitos entendem que o rito francês é um rito eminentemente virado para o exterior, preocupado com os grandes assuntos da humanidade, mais do que o escocês, que muitos consideram mais voltado para o conhecimento interno de si mesmo, portanto mais intimista.

Pessoalmente não gosto de rotular e de fixar limites à capacidade de trabalho dos ritos, e aquilo que constitui uma ideia preconcebida sobre os ritos, amanhã poderá sofrer alguma mudança, entretanto se operou na sua prática.

É por isso que essa passagem do rito escocês para ao francês não apagou em mim a necessidade do autoco-nhecimento do maçom, de que este deve estar em constante mudança para melhor (o tal aperfeiçoamento) e de que essa operação tem de ter em conta todos os elementos que permitem realizar esse percurso, seja a razão, o espírito ou a intuição.

O maçom tem de perceber que para poder trabalhar sobre temas sociais, tem de se munir dos instrumentos simbólicos adequados, a fim de que a sua apreciação seja exercida de



forma diferente daquela que qualquer analista profano faria sobre o tema em questão. Se não o fizer, estará ao mesmo nível do segundo, reduzindo-se a sua intervenção a um discurso profano.

Para mim, o plano de intervenção social do maçom não é o dos partidos políticos ou associações para-políticas. É ao nível das ideias que sendo conhecidas pelos agentes políticos revelarão a sua superioridade enquanto resposta mais valiosa ao maior interesse coletivo.

É nesse sentido que entendo que a divulgação dos trabalhos de excelência dos maçons devem ter o apoio institucional, ombreando com

outros institutos científicos ou sociais que tem idêntica atividade.

A pergunta que se impõe ao final de 40 anos de maçonaria é se “valeu a pena?”. O poeta Pessoa responderia “tudo vale a pena, quando a alma não é pequena”.

Concordo com ele, mas sou obrigado a dizer que não é “pena” nenhuma ter sido iniciado na maçonaria e que o que aprendi, a pessoa que sou hoje, o que sei, vale e valerá sempre o esforço.

Assim tenha eu a capacidade e a curiosidade para continuar a ser um aprendiz, condição essencial para ser maçom ①

Três Grandes Pancadas

Na realidade, quando faço a retrospectiva do meu percurso Maçónico, é muito difícil não concluir que foi a Maçonaria que me encontrou, e não o inverso. Nascido numa família de muito antigas tradições Maçónicas, muito cedo tomei contacto com a Nossa Augusta Ordem, mesmo sem ter a mínima consciência de que tal estava a acontecer.

PRIMEIRA PANCADA - PROCURAI E ENCONTRAREIS

Sabia lá que eram Maçons aqueles velhotes extremamente afáveis, amigos do meu Tio Avó Américo Amorim Leitão, que conheci nos inúmeros eventos da Escola-Oficina nº 1, e do Asylo de S. João, nos quais participei ao longo dos anos 60 e 70.

Para além dos fortes sentimentos de amizade, que inconfundivelmente uniam todos os que pertenciam a este círculo, e de alguma identidade ideológica comum, essencialmente republicana, oposicionista e anti-clérical, nunca suspeitei minimamente que outro tipo de laços os agregavam, para além da vontade de participarem nesses objetivos filantrópicos tão altruístas, que constituíam o objeto destas duas Instituições.

Todavia, quando visualizo todos esses episódios passados, resulta-me claro que, para além do que era aparente, havia uma dimensão oculta, que os fazia, por vezes, terem conversas apartadas, sempre em voz baixa, que eram interrompidas quando alguém se aproximava.

Só após o 25 de Abril soube que o meu Tio-Avô era Maçon, mesmo sem eu fazer a mínima ideia do que era a Maçonaria. Pelas velhotas da

minha família, fiquei a saber que era qualquer coisa contra a Igreja, porque *o Américo tinha sempre sido muito herege*. Pelo que ouvi dos meus Pais, fiquei com a ideia que se tratava de uma espécie de poder oculto, com motivações políticas. Todavia, pela enorme estima e admiração que tinha pelo meu Tio-Avô, nunca supus que fosse algo de negativo.

**Acima de tudo,
o que retenho de
toda esta aventura,
é esta maravilhosa
experiência
humana vivida em
Loja, neste Espaço
fora do Espaço, e
neste Tempo fora
do Tempo**

A pouco e pouco, fui-me apercebendo dos contornos humanistas da Ordem, o que não me surpreendeu dadas as ideias que sempre vi Américo Leitão e os seus amigos

defenderem. Depois, fui constataando que a Maçonaria era o laço que unia o meu Tio-Avô a tantos dos seus amigos, que eu também admirava, como era o caso do meu pediatra, o Dr. Abílio Mendes, do Dr. Adão e Silva, do Dr. Luís Rebordão (Diretor da Escola-Oficina, como sempre me o apresentaram), ou do Dr. Magalhães Godinho, cujos dons de oratória sempre me causavam profunda impressão. Se todos estes homens pertenciam à Ordem, então para mim sempre resultou evidente que esta Organização não poderia tratar-se de algo com um cunho tão negativo, como muitas vezes, ao longo da minha vida, ouvi dizer.

Quando o meu Tio-Avô faleceu, ajudei a minha Tia-Avó Argentina a empacotar os seus documentos Maçónicos, pois ele tinha deixado instruções para que o seu espólio fosse entregue ao Dr. Adão e Silva, conjuntamente com uma coleção de objetos que tinha sempre guardados num contador fechado à chave.

Nessa altura, já com 22 anos de idade, o meu *voyerismo* levou-me a inspecionar detalhadamente este acervo documental, do qual constavam muitos registos de presenças em reuniões havidas no tempo da clandestinidade. Por estes papeis aprendi que os Maçons tinham



Nomes Simbólicos, e que o do meu Tio-Avô era *Febo Moniz*.

As inúmeras joias, que estavam à sua guarda, fascinaram-me muito, sobretudo todas aquelas Águias bicéfalas, que seguravam uma espada nas suas garras. Tudo aquilo me pareceu com um ar muito aristocrático e cavaleiresco, quase Teutónico, o que me surpreendeu fortemente, dadas as convicções profundamente republicanas do meu Tio-Avô.

Entre as peças a entregar contava-se um fantástico conjunto de paramentos, que integrava um avental, uma faixa, e uma *écharpe* de cintura, todos de côr branca, nos quais se encontrava inscrito, para além de outros motivos, um enorme 33. Confidenciou-me a minha Tia-Avó, que estes paramentos eram usados pelo marido, e que já tinham pertencido ao Pai dele.

Anos depois, quando li o livro *O Símbolo Perdido*, de Dan Brown, fiquei a saber o que significa este

número, e o que é que representava eles terem-no nas suas decorações Maçónicas, descoberta esta que me deixou tremendamente orgulhoso desta minha herança familiar. Tomei igualmente consciência, pela leitura desta obra, da enorme riqueza do património Simbólico da Maçonaria, o que ainda veio a despertar mais o meu interesse por este tema.

Mas, naquela altura, e no desconhecimento desta exposição de informação, todos aqueles documentos, cheios de tripointos e de abreviações, pouco me revelaram sobre a Maçonaria. Escritos quase na sua globalidade em pleno Estado Novo, claro que os seus autores tinham tido o máximo cuidado em os tornar impenetráveis aos olhares dos Profanos.

Todavia, aquele enorme carácter de mistério alimentou ainda mais a aura romântica, com que a minha fértil imaginação de jovem, recentemente universitário, já tinha revestido a imagem, que então formei da Arte Real.

De toda esta vivência, ficou-me sempre uma ideia muito positiva da Maçonaria, sobretudo pela sua vertente filantrópica, à qual eu vi o meu Tio-Avô dedicar horas a fio de trabalho. Sempre pensei, ao longo dos anos que foram passando, que, um dia, também eu gostaria de pertencer a esta Organização, que se me afigurava tão vocacionada para fazer o bem. Todavia, o tempo foi decorrendo, os amigos do meu Tio-Avô desapareceram e, muito embora eu hoje saiba, que no meu meio profissional estive sempre rodeado de Maçons, nunca me apercebi de tal.

Durante os anos 2000, dei uma vez, por acaso, com o site do Grande Oriente Lusitano, e achei muito interessante a informação que lá encontrei, que me esclareceu um pouco mais sobre os objetivos humanistas da Nossa Augusta Ordem. O portal incluía a ligação a espaços de várias Lojas (dos Hereges, Fénix,...) que incentivavam o envio de candidaturas espontâneas. Enviei uma mensagem à Fénix,

mas nunca ninguém me respondeu, com grande pena minha. Sei hoje que, por essa altura, essa via já não estava ativa.

Anos depois, e numa altura em que o espaço que eu tinha em casa para comportar livros já estava largamente esgotado, tornou-se necessário desfazer-me de parte deles. Possuía ainda, então, uma vasta coleção de livros infantis, que comportava obras de autores tais como: Julio Verne, Walter Scott, Enid Blyton, Robert Louis Stevenson, Alexandre Dumas, entre muitos outros.

Afigurou-se-me que, a sacrificar todos estes tesouros, que me tinham proporcionado momentos de intenso prazer com a sua leitura durante a minha infância e adolescência, seria interessante que tal fosse em proveito de outras crianças, que pudessem, deste modo, vivenciar experiências semelhantes.

Foi assim, tendo em conta esse desiderato, que me voltei a lembrar das velhas instituições às quais o meu Tio-Avô tinha dedicado tanto, durante tantos anos. E, para concretizar essa doação, porque já não conhecia lá ninguém, entrei em contacto com o Grémio Lusitano. Mal sabia eu que, desta forma, a Maçonaria me iria encontrar uma segunda vez, numa altura em que estava muito receptivo para querer bater à Porta.

Seguramente que muitos são os motivos que podem levar as pessoas a procurar a Maçonaria. Infelizmente, muitas vezes procuram o que os seus detratores dizem que a Ordem é, e decepcionam-se quando descobrem que ela, na realidade, não lhes possibilita o que o anti-maçonismo os levou a acreditar que lá encontrariam.

Normalmente a imagem que temos da Organização é muito distorcida, e afasta-se substancialmente da realidade que julgamos ir encontrar. Eu próprio, nessa altura, tinha uma visão muito romantizada do que era a atividade dos Maçons, apesar de

tudo o que tinha vivenciado na minha infância. Todavia, uma certeza tinha. Muito embora, ao longo do meu percurso não me tivesse esforçado muito para encontrar a Maçonaria, se ela se cruzasse no meu caminho sabia que não lhe fecharia a porta, se ela quisesse entrar na minha vida, pois o exemplo do meu Tio-Avô era algo que eu continuava a valorizar muito.

SEGUNDA PANCADA - BATEI E ABRIR-SE-VOS-À

Do contacto havido com o Grémio Lusitano, fiquei a saber que a Escola-Oficina tinha encerrado uns bons anos antes. O Asylo, nessa altura já renomeado de Internato, ainda existia e continuava a receber crianças. Deram-me, pois, o contacto da coordenadora, a D. Fátima F, uma antiga educanda há longos anos na Instituição, que imediatamente, quando lhe telefonei, me disse que tinha conhecido perfeitamente os meus Tios-Avós.

Combinei a entrega dos livros, e quando me desloquei à Travessa do Loureiro para lá deixar os respetivos caixotes, a D. Fátima disse-me que o Presidente do Internato se encontrava nas instalações, e que me queria conhecer.

A D. Fátima conduziu-me ao gabinete do Presidente do Internato, apresentando-me ao Dr. Manuel O, que me recebeu muito cordialmente. Após alguns minutos de conversa, na qual lhe contei a natureza da minha ligação à Instituição, veio a pergunta que eu não esperava: *Gostaria de pertencer à Maçonaria?*

Depois de ter obtido resposta a algumas questões que lhe coloquei, no que concerne às obrigações que iria contraír, não tive dúvidas em responder que sim. E, este foi o início de um processo extraordinariamente intenso, que durou cerca de um ano, até ao dia da minha Iniciação.

Imediatamente comecei a procurar, obsessivamente, toda a informação que encontrei disponível sobre o

tema Maçonaria. Livros houve, que me foram de extrema utilidade, e que me iam permitindo encontrar mais algumas peças do *puzzle*. Tudo o que ia lendo cada vez me despertava mais interesse sobre o assunto.

Desde sempre amante da História, tudo o que ia descobrindo me motivava a procurar ainda mais. Mesmo antes de ter sido sindicado pelos Irmãos da Loja, já tinha devorado os livros do Oliveira Marques, a obra do António Arnaut, a trilogia de Oswald Wirth, o *Manual de Aprendiz Maçon* de Jean-Marie Ragon e, acima de tudo, o *Dicionário da Franco-Maçonaria*, compilado pelo Éric Saunier.

Este último foi-me muitíssimo útil, para entrar neste complexo universo cultural e, muitos anos depois, quando conheci o Éric pessoalmente, tive ocasião de lhe dar testemunho da importância pedagógica que esta obra teve para mim. Para além de todo o interesse e paixão, que estas matérias me suscitavam, pelo desafio de imaginação que me colocavam, de tentar visualizar o funcionamento de uma Loja Maçónica sem nunca ter estado em Trabalhos em nenhuma, animava-me também um enorme sentimento de responsabilidade, por sentir que vinha no seguimento de familiares que tinham tido percursos excepcionalmente meritórios na Ordem.

Por isso, tinha de estudar mais e mais, para não lhes falhar e, quanto mais estudava mais vontade tinha de o continuar a fazer, pelo prazer da descoberta. De certa forma, sentia que já estava a reconstruir o meu Eu, pela enorme quantidade de novos conhecimentos que ia adquirindo, mesmo que advertido por Oswald Wirth de que «a Maçonaria destina-se a fazer pensadores, e não eruditos».

Foi durante este período que escolhi o meu Nome Simbólico. A minha opção inicial foi escolher *Américo Leitão*, em homenagem ao meu Tio-Avô. Porém rapidamente desisti da ideia. Ele era uma pessoa extraordinariamente discreta, enorme na

sua humildade, pelo que, certamente, não apreciaria homenagens deste tipo. Fez-me, pois, mais sentido escolher o Nome Simbólico dele, como recordatória pessoal de que vinha para continuar, o melhor que pudesse, o seu trabalho. E, assim, *Febo Moniz* fiquei.

Quando tive a primeira conversa com o Venerável Mestre da Oficina à qual me candidatava, a Respeitável Loja Romã, este ficou surpreendidíssimo com os conhecimentos que eu já tinha adquirido neste meu percurso de aproximação à Maçonaria. Depois, sucederam-se três entrevistas com três sindicantes, um dos quais conhecia já há muitos anos, nunca tendo eu suscitado minimamente da sua condição Maçónica.

A passagem sobre Venda foi assustadora, eu estava muito nervoso e não queria, de forma alguma, falhar. Todavia, quando me perguntaram o que é que eu tinha para oferecer à Maçonaria, recordo que disse que eu era uma pessoa que tinha verdadeiro interesse por estes temas, que tinha já vindo a estudar com alguma profundidade, e que muito embora soubesse que se tratava de conhecimento iniciático, acreditava que, com a ajuda dos membros da Loja, e através da aquisição da vivência do Trabalho Maçónico que então não tinha, poderia vir a desenvolver estes conhecimentos de uma forma que me tornasse útil à Ordem. Passados todos estes anos de percurso, sempre que me recordo desta resposta, penso que, até agora, não enganei a Loja que me recebeu.

E, depois de uma longa e muito ansiosa espera, pelo resultado da votação final, que demorou cerca de três meses a ser-me comunicado, tive a alegria de saber que a Loja me iria receber. Assim, no já distante dia 4 de março de 2011, à hora acordada, apresentei-me à Porta do Palácio Maçónico, para fazer a minha viagem das Trevas à Luz. Devo dizer que vinha com as maiores expectativas, e que não saí defraudado.

Apesar de nem tudo ter acontecido como eu estava à espera, o Ritual de Iniciação praticado pela Respeitável Loja Romã era substancialmente diferente do texto que eu tinha lido no livro de Jean-Marie Ragon, recordo que a minha Cerimónia foi uma experiência humana única, que eu vivi com muita emotividade.

Parece que, passados já tantos anos, ainda estou a ver a Cadeia de União interrompida, com a qual deparei quando me retiraram a Venda, e a reviver a surpresa de constatar que um dos elos desta Cadeia era o Vice-Presidente do Instituto Público no qual exercia a minha atividade profissional! De facto, faz sentido algo que ouvi muitas vezes um Irmão mais antigo dizer: «*Nunca se sabe quem se pode encontrar na Maçonaria!*»

E, foi assim que começou esta aventura, na qual, como refere a Nossa Querida Irmã Alexandra Mota Torres numa das suas excelentes Pranchas, «*Nele (o Gabinete de Reflexões), ao seu permanente regresso, consciente e voluntário, à descida orientada pelo do Fio-de-prumo, forjei a ideia de que a Justiça deve sobrepor-se à vingança. Pela permanência a que me obrigo nesse espaço sem tempo, o Nível mostrou-me que a União nos pode levar à concretização da obra; no deambular do pensamento convocado pelo que o símbolo me induz, uso a Colher de Pedreiro para ultrapassar as dificuldades que dão força e coragem para a Reconstrução dos templos interior e exterior e finalmente de lá, desse lugar de Luz na obscuridade, reerguida e repousada entre o Esquadro e o Compasso, posso partir em Liberdade para “espalhar as verdades adquiridas.”*»

Passados todos estes anos, será que a Maçonaria me deu o que lhe pedi? Recebi a Luz, ou pelo menos mais alguma iluminação? Tornei-me mais útil, ou, no mínimo mais tolerante? Consigo hoje pensar com mais Liberdade? Construí um Eu mais resistente às armadilhas do Ego, e às ideias préconcebidas? Consigo, em pleno uso da minha Razão, desenvolver uma Ação lúcida e fraterna em

benefício dos meus semelhantes? Em suma, consegui interiorizar os valores Maçónicos e viver Maçonicamente, ou tanta repetição de todas estas palavras dos nossos velhos Rituais, que são expressão de uma Sabedoria já centenária, e que refletem o permanente desejo de emancipação do Ser Humano na busca da sua elevação pelo conhecimento e pelo seu aperfeiçoamento ético, não constituiu mais do que uma repetição de ladaíngas não compreendidas? Será que esta repetição apenas me aproximou mais do Parecer do que do Ser, muito embora os meus Irmãos me continuem a reconhecer como tal?

Tudo isto são questões que me vêm sempre à cabeça, quando faço o balanço do que já caminhei, ciente que os Esquados, Níveis, e Fios-de-Prumo me têm vindo a impôr critérios de avaliação, que não são imutáveis ao longo do tempo.

Daí que cada vez acredite menos em verdades absolutas, muito embora reconheça que toda esta minha vivência passada entre Colunas me tem permitido adquirir algumas verdades momentâneas que, porque são pessoais, são relativas. Também me tem permitido uma melhor avaliação do que não é, humanisticamente, admissível, do que deve ser fortemente combatido. Todavia, subsiste, a questão: a Luz que pedi, foi-me realmente dada?

TERCEIRA PANCADA - PEDI E SER-VOS-Á DADA

«*A LUZ que lhe permitirá aceder aos planos superiores da vida só pode ser concebida por um espírito puro. É esta pureza que é suposto ser dada pelas provas simbólicas a que vai ser submetido. Mas a LUZ, a Verdadeira LUZ, a que ilumina o espírito e reconforta o coração, essa não se atribui. É preciso conquistá-la. A que vai receber nos nossos Templos é apenas a Luz simbólica, apesar dela lhe dar a chave maravilhosa que abre a porta da INICIAÇÃO integral.*»

Este é o texto do Ritual de Iniciação então utilizado pela Respeitável Loja



Romã, que ouvi ser lido naquele dia em que, vendado, me permitiram atravessar a Porta Baixa e entrar no Templo. De facto o Irmão Grande Experto que me foi buscar à Câmara de Reflexão tinha toda a razão quando me recomendou: «*A partir de agora, tenha os ouvidos bem abertos ao que lhe vai ser dito*».

Tudo está explicado neste pequeno excerto do Ritual, que ainda hoje me emociona muito reler. Na realidade, a verdadeira Luz não se atribui, é preciso conquistá-la, à força de muitos golpes de Malhete dados no Cinzel, sobre a Pedra Bruta.

O esforço para caminhar na direção da Luz é todo nosso, e é pelo contínuo questionamento de nós próprios que poderemos descobrir as asperezas a retificar. Porém, o trabalho do Obreiro não se faz unicamente no desbaste da Pedra Bruta.

Estamos cá também munidos das nossas Trolhas, para colmatarmos com o cimento da Fraternidade todas as pequenas deficiências de Construção que tornam a obra do Templo Exterior imperfeita, e que dificultam a nossa vida em Sociedade. E, não nos esqueçamos das nossas Espadas, que devem estar sempre à mão, para combatermos todos os obscurantismos.

O percurso Maçónico certamente trouxe-me mais caminhos que destinos, mais perguntas que respostas, mais dúvidas que certezas e, acima de tudo, mais consciência de que tudo o que ignoro é infinitamente maior do que tudo o que alguma vez conseguirei saber.

A procura da Verdade, que a Maçonaria nos impele a fazer, vale mais pela busca, em si própria, do que por qualquer descoberta que, a bem dizer, ainda não vi ninguém fazer. Na realidade, a Maçonaria é um método, sem doutrina nem

segredos transcendentais, que nos desafia a pensar. E pensar, pensar livremente tomando nas nossas mãos o nosso destino, é o que se faz cada vez menos, neste nosso mundo louco atual.

Acima de tudo, o que retenho de toda esta aventura, é esta maravilhosa experiência humana vivida em Loja, neste Espaço fora do Espaço, e neste Tempo fora do Tempo, na vivência do Ritual, na partilha de pensamento, na confrontação de ideias, que se prolonga muitas vezes para lá da Meia-Noite, no calor fraternal dos Ágapes.

Tudo isto faz do método maçónico uma forma de trabalho e de sociabilidade únicas, insubstituível pela melhor das videoconferências, nestes tempos em que o digital tende a ocupar o espaço do humano. Não há Maçonaria sem Lojas, e não há Lojas sem Irmãos e Irmãs, reunidos a coberto, e a trabalhar *na forma do costume*.



Seguramente que, quando faço uma retrospectiva de todo o meu percurso, regresso sempre à minha Passagem sobe Venda. Nesses momentos, sinto a maior gratidão por todos os Irmãos que me concederam, nessa noite, o benefício da dúvida da sua bola branca, pois foram eles que me permitiram toda esta jornada, de Ocidente a Oriente, mas ainda bem distante de ter encontrado a Verdadeira Luz, que devo continuar a procurar dentro de mim mesmo.

Gratidão esta, que estendo à Loja que me recebeu, não à Oficina entidade administrativa da Obediência, mas a todos os Irmãos, que nessa altura, me Iniciaram, e que me procuraram depois transmitir, o melhor que sabiam, o conhecimento Maçónico.

Alguns, infelizmente já estão no Oriente Eterno ou abandonaram a Maçonaria. É essa mesma Loja, constituída por esses mesmos Obreiros que, aconteça o que

acontecer ao título distintivo em questão, permanecerá sempre nas minhas recordações. São esses Irmãos que, na minha imaginação, estão sempre presentes, os vivos e os mortos, a formar comigo aquela Cadeia de União, que eu vim fechar.

A Maçonaria era o que eu supunha que era, quando bati à Porta? Seguramente que não. Aqui já não encontrei trabalhadores incansáveis em obras de solidariedade, como foi o meu Tio-Avô Américo Amorim Leitão. Para dizer a verdade, encontrei cá muito pouca Ação, e assustei-me que a Maçonaria Portuguesa seja, em 2024, muito menos interventiva do que foi nos anos 60-70, em plena clandestinidade.

Uma Organização que perdeu a sua utilidade e capacidade de intervenção social arrisca-se a tornar-se em algo que ficou orfão da sua razão de existir, e a apresentar-se muito pouco apelativa para as novas gerações. Mas, neste *Albergue*

Espanhol, que é a nossa Ordem, onde não há um protótipo de Maçon Ideal, e onde quem pretende formatar não entendeu o sentido da coisa, que tem por fim precisamente a desformatação, atrevo-me a julgar que consegui encontrar uma posição adequada para a minha Pedra nesta Parede e, como tal, a tornar-me útil para a Construção.

Poderá ser ilusão minha, uma falsa suposição, mas gosto de acreditar que assim o é, para poder afirmar, tal como Paul Valéry, que nesta minha aventura Maçónica, «*À força de construir, creio bem que me construí a mim próprio.*»^①

Um outro olhar, ou desejo de «pensar mais»

Apresentar um apontamento sobre o impacto da cultura e prática maçónica, por definição de natureza iniciática, na vida pessoal e social do maçom, traçando posteriormente uma reflexão sobre o que em nós mudou e em que nos tornámos, é particularmente uma tarefa difícil, porém irrecusável da nossa parte, por gosto e genuíno sentimento de partilha.

*“Torna-te no que tu és”¹
Píndaro*

Na verdade, será prudente registar que o trânsito entre o mundo profano e o caminho iniciático torna-se uma experiência muito particular, subjectiva, íntima e, como tal, remete para o indizível, pelo que as suas impressões só poderão ser justamente registadas ao nível do pensamento e, por isso mesmo, muito dificilmente pelo verbo ou fala.

Ao mesmo tempo, cumpre dizer que ao se estabelecer uma intimidade entre o passado e o presente, a nossa tarefa de reflexão sobre o universo da iniciação e os mistérios da Arte Real pode curiosamente levar-nos a ver apenas “o iluminado”, mas “não a luz” (Goethe). Percebe-se que o modo como esse poder “revelador da palavra” coexiste no sujeito não é de todo indiferente para uma verdadeira “consciência de si”.

Nesta medida, somos convocados a uma “escrita íntima” (mas não confessional) que invoca e é efeito da sustentação da memória (ou da

sua representação), fazendo recurso a registos de experiências do vivido.

Simultaneamente, nesse jogo de memória e esquecimento, somos seduzidos a desocultar a inquietude da construção e a troca de saberes ou capacidade da procura do Conhecimento (portador da Verdade ou “vontade da verdade”), essa ideia ou utopia onde se entrecruzam os elementos comuns do inconsciente individual, do coletivo (os arquétipos) e que são avocados no contínuo “processo de individuação”².

Por fim, e em concreto, a jornada a delinear na nossa proposta de leitura caracteriza-se por corresponder a um espaço e tempo de transformação individual ao mesmo tempo que verbaliza “ferramentas de construção” e reconhecimento simbólico, cabendo, portanto, a cada um descobrir e interpretar, para organizar a compreensão de si e do mundo.

Quer isto dizer: à sua maneira, a escrita íntima ou “arte do Eu” pode,

eventualmente, tornar visível o indizível, do mesmo modo que no seu labor refaz a procura dos limites do entendimento humano³ e, nesse sentido, desvela desassossegos vários.

O curioso é que a partir do trabalho de introspeção das nossas vivências maçónicas, o registo “íntimo” (escrita do Eu) transforma a “natureza memorial” em experiência hermenêutica de motivação, compreensão e acção, ou seja, reelabora um curioso exercício do “cuidado de si”⁴.

Importa dizer, por último, que o convite à libertação do “ser interior” de cada um, processo de descida em si mesmo ao seu ser espiritual, é um caminho iniciático sempre pessoal (“procura e acharás”), que busca o aperfeiçoamento a “caminho da Luz e do Conhecimento”, tornando o sujeito - na sua relação com o sagrado e o desconhecido - no que ele é. Isto é, trata-se de aprender a conhecer-se a si próprio, para depois “construir o seu templo interior”.



A esta luz, o nosso olhar será uma escrita do “fundo” de nós e para além do silêncio do “talhar da pedra”, isto é, um traçado íntimo que, de algum modo, permita reunir experiências vividas e uma “espiritualidade para a ação”, mesmo que esta última se revista de uma natureza imprecisa e complexa.

Dito isto, continuemos:

1.

O trabalho do maçom é um processo individual de compreensão de si mesmo, mas recorre ao apoio e estima dos irmãos, em paz, união e concórdia, e por isso nunca caminha sozinho.

Mais: importa sublinhar que nessa jornada está perpetuada a transmissão (pelo mito e rito) de uma antiquíssima tradição filosófica, simbólica e espiritual, que cada iniciado desvela por si próprio, respeitando a sua própria

individualidade e liberdade. E como Jean Mourgues bem nos recorda⁵, “é o poder de simbolização do homem que constitui a pedra de toque da sua liberdade”.

Naturalmente, se os ritos são símbolos “colocados em ação”, pois estão organizados de forma ritual, então ao transmitir o “significado” e a “ordem das coisas” aprovam a procura da Verdade e o significado da “interioridade obscura” da palavra e do símbolo.

Por isso, os dispositivos simbólicos desvelam uma caminhada à “intimidade da consciência pessoal” e, nessa simbolização, abrem caminho a uma reflexão entre a consciência e a razão, entre o espírito e a matéria, entre o pensar e agir, e que cada um só pode realizar por si.

Por conseguinte, toda a iniciação é por natureza incomunicável, como tal o que se apre(e)nde em Loja é de “si para si”: o silêncio, a escuta, os

gestos, a quietude, o autocontrole, o dever, a vontade, a reflexão.

Daí a função primordial do Ritual, entendido como a liturgia que regula (e disciplina) todo um conjunto cerimonial de procedimentos e intervenções, momento esse vivenciado, partilhado e integrado no coletivo da loja.

Trata-se, como é evidente, de um “estimar-se a si mesmo” (Paul Ricoeur) envolvendo uma “relação com o outro” e que origina necessariamente uma reflexão, uma experiência viva de (re)construção da identidade e o aperfeiçoamento moral e espiritual do iniciado.

Nesta perspetiva, o trabalho em Loja é um trabalho meticulosamente pessoal e mesmo que não decorra em solidão também não é um trabalho coletivo, apesar de se apoiar no trabalho consciente, harmonioso e fraterno de “construção espiritual”, com os irmãos.

Se quisermos, reporta a um nível de sensibilidade individual e, por isso, a regularidade do ritual e a interpretação do símbolo evocam a “arte” do reencontro – ao reunir o que está disperso – pelo que é um trabalho do nosso intelecto e no nosso coração, para que “as palavras sejam úteis” e os “sentimentos justos”.

Notemos, ainda, que a maçonaria é formada por cidadãos de espírito livre e que decidem, em absoluta liberdade de consciência, de opinião e de autonomia do pensamento, o seu comprometimento social na vida e bem-estar comum da polis.

De resto, importa referir que reconhecer a liberdade de pensamento em si e nos outros como parte do trabalho pessoal é duvidar de si e do seu próprio “olhar”, é combinar a razão⁶ e a intuição, é ser tolerante e racional ao procurar ver o infinito em direcção à Luz.

Nestas condições, o espírito livre reúne os sinais imemoriais das alegorias e mitos e nessa ordem da razão, ao exercitar a arte de pensar e o desejo íntimo da perfeição, o iniciado reflecte sobre “si” mesmo, a sua “identidade”⁷ e responsabilidade, anulando as asperezas da sua Pedra Bruta.

É precisamente a construção do conhecimento iniciático que a partir da experiência racional e utilizando a interpretação simbólica vai estabelecer toda uma aprendizagem maçónica pelo iniciado, onde a consciência do facto “em si” se vai transformando em consciência do facto “em mim”.

É essa interação particular do trabalho individualizado sustentado pelo rito, linguagem e simbolismo⁸ que nos torna, como maçons, únicos arquitectos da construção do nosso mundo interior e dos nossos valores.

E sendo esse processo individual, a questão a saber (recorrendo a C. G. Jung) será sempre: é o meu caminho, a minha verdade? Posso formar sobre o eu próprio “uma opinião definitiva”?

2.

O Recipiendário só se tem a ele como referência, privado que está da Luz, mas a sua firmeza em vencer as provações da iniciação irá despertá-lo emocional e corporalmente, ficando num limiar de passagem entre dois mundos.

Depois, como neófito, e ainda exilado de si, morre e renasce simbolicamente, enquanto como iniciado observa, escuta, medita, procura um novo olhar, um outro entendimento. E constituído aprendiz é chamado a “deixar entrar o silêncio” e a escutá-lo, a estudar os “instrumentos de trabalho” e a

**(...) o maçõn
constrói-se a si
próprio, passa
do ter ao ser
num trabalho de
autocriação e de
reconstrução do seu
“templo interior”.
Compreende-se,
então, que ser
iniciado é conciliar-
se consigo mesmo,
é estabelecer
compromissos (...)**

meditar no ritual e no lugar onde ele decorre, a ilustrar-se através do simbolismo ternário das palavras, os sinais e toques, isto é, toda uma aprendizagem ou trabalho virtuoso de “olhar para si” em diálogo de consciência e sentimento de pertença ao grupo.

Como companheiro viaja, confronta-se consigo mesmo, encontrando

na hospitalidade e sociabilidade fraterna do coletivo o seu fortalecimento iniciático. O acesso à mestria leva-o a passar do “esquadro ao compasso”, da “Terra ao Céu” ou dos “mistérios menores” ao caminho aberto dos “mistérios maiores”.

Que significa tudo isto?

Que da reflexão crítica sobre a iniciação (desconstrução do Eu profano) e para além da “tirania” da própria autoconsciência, surgem os mistérios, revelam-se as interpretações ritualísticas e os seus ensinamentos, estabelecendo-se um caminho estreito onde se vive uma transformação de ordem cognitiva e afectiva.

Deste modo, como repetidamente é observado, um dos passos do maçõn livre e responsável é compreender a disciplina e a prática do rito, meditando nos símbolos⁹, em busca do Conhecimento, procurando a Verdade e satisfazendo a Razão crítica, dando sentido à sua vida interior, em harmonia, tendo sempre como alicerce nos seus trabalhos a Liberdade e a Fraternidade.

Mas a Fraternidade Maçónica, na sua essência, é acima de tudo iniciática e só depois nos surge como Fraternidade dos Homens¹⁰, significando que a Fraternidade é uma “qualidade espiritual e filosófica” e depois uma “virtude ética”.

Consequentemente, só a iniciação (o ritual e o método maçónico) une a Fraternidade e desvela a essência da relação fraterna entre os Homens, entendida como uma relação entre iguais.

Será tentador realçar que o método maçónico tem como ferramenta iniciática o uso da prática ritual¹¹ e o seu quadro de valores, necessariamente de natureza operativa e de especulação filosófica e espiritual, de modo que cada um dos irmãos, através da linguagem dos símbolos, da narrativa mitológica e da “palavra trocada com outrem”, alcance o que procura.

**(...) um dos passos
do maçom livre
e responsável
é compreender
a disciplina e a
prática do rito,
meditando nos
símbolos, em busca
do Conhecimento,
procurando
a Verdade e
satisfazendo a
Razão crítica,
dando sentido à
sua vida interior,
em harmonia,
tendo sempre
como alicerce nos
seus trabalhos
a Liberdade e a
Fraternidade**

Nesse pressuposto, o processo transmite ordem, respeito pelos Irmãos e permite compreender a natureza humana e os seus valores, a vida e o mundo real muito além de antagonismos dualistas ou das diferenças espirituais e filosóficas dos Irmãos.

Isto é, “obedecer com rigor e agir com rectidão” ao longo da viagem permite ao iniciado continuar a busca pela “harmonia interior e elevação espiritual”¹² e tornar-se “num homem melhor”.

Ou seja, o método maçónico tem a sua verdadeira dimensão pelo enriquecimento iniciático e na

ilustração da funcionalidade dos símbolos baseados na tradição, que se tornam então linguagem com que expressamos o indizível.

Essa experiência íntima de aquisição e interiorização de um corpus simbólico¹³, que vai ritualmente do silêncio à palavra e da palavra ao gesto, é uma espécie de poesis nascente ou “linguagem dos pássaros”¹⁴, uma formação intelectual e moral que “cada um só pode realizar por si”. Assim, pela “dimensão gnóstica”, a Maçonaria simbolicamente se pensa e poeticamente (pela palavra ou Verbo) se faz símbolo.

O mais curioso, a nosso ver, é que o método em maçonaria conduz-nos na busca do Conhecimento e do perfeccionismo humano sem a existência de uma qualquer intermediação ou graça divina.

Por isso, no processo de construção do Conhecimento iniciático, a experiência, a razão e a intuição, suas fontes principais, são adquiridas pessoalmente e, deste modo, intransmissíveis.

Em suma: o maçom constrói-se a si próprio, passa do ter ao ser num trabalho de autocriação e de reconstrução do seu “templo interior”. Compreende-se, então, que ser iniciado é conciliar-se consigo mesmo, é estabelecer compromissos, é aceder a colocar-se na posição do outro, é esse “procurar das coisas do céu e da terra”, essa viagem de descoberta, esse partir de si para um novo recomeçar.

Neste sentido, tornar-se no que se é (Píndaro), a nosso ver, significa caminhar em direcção a si próprio, mover-se em direcção ao mundo e renunciar ao que se é, para se tornar outro, permanecendo ele próprio¹⁵.

3. Sabemos o que a Maçonaria não é uma religião, não é um clube social, não é uma escola de moral, nem uma escola filosófica ou uma “peregrinação intelectual” (Roger Dachez).

A Maçonaria é uma escola de pensamento: não impede a

liberdade do indivíduo de pensar e expressar as suas ideias e por isso não tem doutrina (mas sim um método) nem faz prosélitos, partilha valores morais, estabelece consensos fraternais, elogia o trabalho e o pensamento crítico, busca o desenvolvimento espiritual, a harmonia da felicidade humana e o progresso universal do homem.

Formada por uma aliança de homens livres, a sua inquietude é de ordem espiritual na busca de pensamento próprio e espírito fraterno, e sabendo que, não o esqueçamos, a Fraternidade não nasce naturalmente, mas sim através das nossas práticas e pelo que somos e como somos (Jean Mourgues).

A essa singular experiência, temos de assinalar que a relação estabelecida pelo sistema de símbolos e alegorias é mera sugestão individual, nasce da intuição pessoal e, portanto, não existe nenhuma autoridade que a valide. Com efeito, buscar a Luz, iluminando o conhecimento e a vida, é um caminho solitário de modo que “quem procura pode encontrar.”

Ora, a Ordem Maçónica recebeu-nos entre a “razão e a imaginação” (Gilbert Durand) e é evidente que ambos se complementam. O maçom, aquele que procura um conhecimento (e não revelação) do ponto de vista ontológico, questiona: quem somos, de onde viemos, o que procuramos e quem nos tornámos.

E o procedimento irá no mesmo sentido quando tentamos compreender se, como iniciados, a nossa “vida mudou, de que “forma” e qual o modo e o “sentido” dessa mudança.

Por outro lado, neste diálogo interior, somos tentados a perguntar: qual o objetivo da maçonaria? O que procuramos e o que difere do existente no mundo profano? E que “utilidade” e responsabilidade tem a maçonaria para com os homens e em benefício da humanidade? É justamente a partir destes aspectos de “volta ao Ser” que a reflexão



descobre várias dimensões, de modo algum absolutas.

As respostas são bem conhecidas por todos: procurar chegar à compreensão de si mesmo, para se tornar um homem melhor, ética e moralmente tolerante nos sentimentos e fraterno na inter-relação social; praticar o livre pensamento, a verdade vinda de si mesmo e refletir no significado íntimo (oculto) das coisas e nos seus valores espirituais e morais; cultivar a cultura cidadã, o estudo e o aperfeiçoamento pessoal, o valor dos ritos e dos mitos, assegurando o combate às paixões individuais e o obscurantismo ao seu redor; estabelecer compromissos, com os irmãos, a loja e a Obediência, em liberdade, reciprocidade e responsabilidade.

Será interessante saber, ainda, se a Maçonaria pode ignorar os problemas da humanidade e assim deixar de contribuir para a reflexão

sobre a vida da polis e a construção de um mundo melhor.

Neste caso, se o procedimento a seguir for centrado unicamente no compromisso em “causas societais” (“humanismo de combate”) pode conflitar com a abordagem maçónica do desenvolvimento pessoal e espiritual.

Mas quando, de facto, perante a atual crise das utopias¹⁶, se assiste à imprevisibilidade do mundo, à desumanização do indivíduo, à “perda das fronteiras” entre o profano e o sagrado, então a procura do conhecimento e a sua dimensão especulativa, desperta necessariamente uma cidadania ampla e responsável, isto é, a afirmação e defesa dos direitos e deveres dos cidadãos na procura de uma paidêutica cívica, ideário do homem livre num país livre.

Percebe-se, então, que a maçonaria não termina à porta do templo, mas

vai para além dela, determinando generosas “buscas interiores” de ordem política e de gosto pela “vocação social”, mas de pouca inspiração e sustentação, por vezes, em identidades e práticas maçónicas¹⁷.

Recapitulemos: o sujeito entra na Ordem com uma identidade profana da qual é fiel depositário e, uma vez iniciado, o seu esforço pessoal e a disciplina iniciática vai conduzi-lo no seu percurso a uma “iluminação” em cada etapa, construindo harmoniosamente a sua identidade e aclarando a sua vontade de “construir”.

O caminho percorrido é sempre condicionado com a finalidade do que pensa de si, da Maçonaria e dos seus objetivos de vida. Mas ele sabe que esse caminho para a Luz é uma aprendizagem silenciosa, permitindo-lhe olhar para as “sombras” com toda a liberdade, porque a Maçonaria constrói “construtores”



Daí que o Rito, a reflexão sobre os símbolos e a prática ritual seja um caminho vivenciado e transmitido de iniciado em iniciado, uma viagem em busca do tempo do símbolo e do mito, um passo que relaciona e redescobre o homem e o sagrado, um convite a um pensar por si, um caminho que nos leva da escuridão à luz.

livres, procura a Verdade e nela “ninguém tem direito senão à verdade que soube descobrir” (Jean Mourgues).

Depois, “no seu olhar, no seu jeito de ser e de fazer” (Solange Sudarskis), o alumbramento espiritual permanece no segredo das palavras (pensamento) e do Verbo, no conhecimento

de si (sabedoria) e na multiplicidade do mundo, na compreensão dos Mistérios da Arte Real, pelo que se exige esforço, paciência e tempo de silêncio.

É sobretudo pela iniciação (“reapropriação e si”) e pelo ritual que, estabelecidos os limites entre o espaço e o tempo profano/sagrado¹⁸,

a distinção entre a ordem iniciática maçónica e um qualquer grupo social ou político se potencia.

O ritual - não sendo um fim em si, mas um meio para o aperfeiçoamento pessoal - é um poderoso veículo que transmite caminhos para o conhecimento e nos faz sair, com retidão, discernimento e autocontrolo, da “interioridade” do nosso “Eu” para a experiência coletiva da autoconstrução da Solidariedade, da Fraternidade ou do Amor Fraternal. E, nessa “estrada” espiritual que cada um percorre em liberdade responsável, é sabido que “nada [é] tão silencioso como o tempo”¹⁹.

Numa palavra: o maçom não vive sem se interrogar e descobrir o seu mundo interior, sem desocultar o simbolismo da Palavra e partilhar o assombro da Saudade e da vida.

O seu percurso iniciático é acentuado por um registo de seriedade na procura de espaços e tempos de

conhecimento e espiritualidade, espaços e tempos de procura da verdade por intermédio da razão, sempre através de uma absoluta liberdade de consciência e de opinião.

No seu trânsito, dificilmente não deixará de anunciar o seu espírito livre, a recusa do dogmatismo e da intolerância, a reivindicação da diversidade ritualística e o desejo da vitalidade da sua oficina, a defesa da justiça, do amor fraterno e da fraternidade universal, o estabelecimento de um tempo da virtude e de harmonia entre os cidadãos, ambição de libertar-se a si mesmo e aos outros, oferecendo um método e uma ética de vida, a prática da

solidariedade, a lealdade, a disciplina, o respeito mútuo.

Daí o papel central que a Loja tem na transformação individual - de ordem espiritual, ética e social - do maçom, e que, ao transmitir o compromisso do aperfeiçoamento “de si e dos outros”, vai regular o “Caos” para que se alcance a luz e traga *Ordo ab Chao*.

Daí que o Rito, a reflexão sobre os símbolos e a prática ritual seja um caminho vivenciado e transmitido de iniciado em iniciado, uma viagem em busca do tempo do símbolo e do mito, um passo que relaciona e redescobre o homem e o sagrado, um convite a um pensar por si, um

caminho que nos leva da escuridão à luz.

Esse caminho, que “captura a beleza da vida, eterniza o instante e exorta o íntimo de cada um” (J.M.M.) é um “caminho poético”, isto é, uma “poética de vontade” (P. Ricoeur) que inspira o mito e alumia o conhecimento perseguido pelo maçom na procura da Verdade e da Liberdade.

Uma nota final: no caminho dessa viagem, cada passo a dar deve ser uma meta, sem deixar de ser um passo (Goethe) 

Notas

¹ Do poeta grego Píndaro, aqui citado por Nietzsche na sua obra *Ecce Homo*.

² cf. Carl Gustav Jung, *Os Arquétipos e o Inconsciente Coletivo*; o conceito de “individuação” junguiano diz aqui respeito “à procura de um significado para a vida, de um confronto com as nossas próprias ‘sombras’, partes vivas do caminho interior da nossa personalidade”.

³ Isto é, qual a possibilidade, os fundamentos e limites do nosso pensamento (John Locke)

⁴ “Cuidado de si” deve ser entendido enquanto olhar crítico, atitude filosófica, ética e moral, relacionado ao que se pensa e nos move ao agir. Sobre o assunto, consultar com proveito, Michel Foucault, *Hermenêutica do Sujeito*, Martins Fontes, 2020.

⁵ *La pensée maçonnique, une sagesse pour l'Occident*, PUF, 1995

⁶ Aqui entendida como “desejo e prazer de pensar”, Cf. Éliane Martin-Haag, *Diderot ou l'inquiétude de la raison*, Ellipses, 1998.

⁷ Sobre uma possível abordagem da questão do “Eu” e da “Identidade”, consultar Paul Ricoeur, *Soi-même comme un autre*, 1990.

⁸ O simbolismo é certamente um dos caminhos do conhecimento, “provavelmente ligado à palavra”.

⁹ Segundo C. G. Yung, o símbolo é “uma entidade desconhecida, de difícil apreensão e, em última análise, nunca inteiramente definida”.

¹⁰ Cf. Michel Barat, *A Conversão do Olhar*, Instituto Piaget, 1995

¹¹ “Le rituel maçonnique ne peut donc être bénéfique que s’il est rigoureux et que son sens est parfaitement compris” – cf. Céline Bryon-Portet, *Le principe de triangulation dans les rites maçonniques*, 2009.

¹² Cf. Pierre Vajda, *Méditations sur la spiritualité de L'Art Royal dans la tradition du Rite Écossais Ancien et Accepté*, 2024 (Apud prefácio)

¹³ Nesta atitude em torno dos símbolos será de boa utilidade registar que interessa mais no caminho iniciático o “trabalho sobre os símbolos” e não eles em si, que nos diz estar-se presente uma “consciência do simbólico” e a sua interpretação.

¹⁴ Ou “linguagem ritmada”, cf. René Guénon, *La Langue des Oiseaux*, Voile d'Isis, Novembro 1931, depois republicado em *Symboles de la Science sacrée*.

¹⁵ Cf. Maurice Weber, *Ordre et désordre dans la quête du sens*, La Chaîne d'Union, 2019, n.º 54.

¹⁶ Sobre a questão da “crise das utopias” consultar Zygmunt Bauman, *Retrotopia*, Paidós, Barcelona, 2017.

¹⁷ Cf. Jean Mourgues, *La pensée maçonnique, une sagesse pour l'Occident*, op. cit.

¹⁸ Sobre a sacralização do espaço-tempo e o papel das representações simbólicas e das práticas rituais da Maçonaria, ver Céline Bryon-Portet, *Actes Semiotiques*, 2010, n.º 113.

¹⁹ Fiamma Hasse Pais Brandão, *Obra Breve*, 2006

Uma outra relação com o mundo

À distância de mais de quatro décadas, as nossas memórias foram sendo sucessivamente reescritas pelas interações com os sucessivos presentes que fomos vivendo.

«Não nego que sou Maçon e devo à Maçonaria uma grande parte da minha formação, do tipo solidário e fraterno. Porque a Maçonaria é exatamente isso: Uma organização solidária e fraterna»

Fernando Valle

O que vivemos aos 20 anos foi sendo sucessivamente reinterpretado, reescrito e, na viagem da vida que todos vamos fazendo, vamos compreendendo melhor porque do irregular passamos ao plano, porque à necessidade do suporte de outros sucede a autonomia e a responsabilização individual.

Vivíamos o ano de profunda crise económica e social de 1984 e eu era um jovem estudante a acabar a formação universitária. A democracia portuguesa tinha dez anos, a Constituição oito. As relações de forças na sociedade portuguesa e no mundo eram as da guerra fria e, no caso português, especialmente marcadas pela memória viva e vivida de 1975.

No livro *(Re)unir o que anda disperso: dar voz ao que deve ser afirmado*, editado em junho de 2021, pela Guerra e Paz, tive oportunidade de escrever o seguinte:

«... começou a escrever-se numa primavera tarde de sábado de 1984, em Coimbra. Mais exactamente na casa do Serafim Amaral.

Quando, no final dessa tarde, me vi a iniciar um novo percurso acompanhado por homens como Fernando Valle, Sousa Fernandes, António Portugal, António Arnaut, Fausto Correia, Claude Balestra, Afonso Amaral... e tantos outros que felizmente ainda não posso referir, mas que não esqueço, percebi, de forma luminosa e inspiradora, que as minhas responsabilidades de cidadão e de homem livre e de bons costumes passavam a ter outra dimensão: a dimensão de séculos de história que os maçons também tinham ajudado, por vezes de forma determinante, a construir; a memória de muitos cidadãos ilustres que nos servem de modelo cívico, político ou profissional; o empenhamento que a então ainda muito jovem democracia portuguesa exigia de todos.

O mundo não mudara, eu próprio não mudara, mas a minha relação com o mundo era agora outra: diferente, melhor, prenhe de responsabilidades e, porque não dizê-lo, de uma nova esperança no futuro da humanidade.

Conceitos que ganhavam um novo conteúdo e uma mais profunda e vívida densidade, relações que, de tão iguais, incutiam uma responsabilização sem limites, vínculos que transcendem as

Quando alguns tendem a achar que os nossos rituais não têm significado, ou, pior, que muitos deles visam apenas a submissão a uma vontade obscura e sem rosto, importa dar-lhes combate e assumir que não há Maçonaria sem ritual e, também, que a Maçonaria não se esgota no ritual.



convenções sociais e que se materializam no compromisso com a humanidade.

Percurso que ali se iniciou e que nunca estará terminado. Aprendemos, ao longo do nosso percurso, que o trabalho do Maçon nunca está concluído. O caminho da perfeição é um caminho sempre inacabado.

Percurso individual e colectivo que ajuda cada um de nós a construir-se, a ser melhor, a ter uma melhor compreensão do outro e do mundo. E que se iniciou num momento muito peculiar, quer para Portugal, quer para a Maçonaria Portuguesa.

O Estado Novo tinha sido derrubado há apenas uma década, Portugal vivia uma das suas maiores crises económicas e sociais, e a Maçonaria caminhava para uma fractura de que se demoraria a recompor e, mais ainda, a descobrir as virtuosidades decorrentes de uma maior diversidade.

Após décadas de proibição e resistência, de par com décadas de funcionamento clandestino, a Maçonaria Portuguesa tinha chegado, exangue, a Abril de 1974, com menos de 200 membros em todo o país.

Em 1984, o Grande Oriente Lusitano tinha pouco mais de 300 obreiros. Em Coimbra, pouco mais de 20. E se o percurso se inicia aprendendo, a aprendizagem foi, no caso, especialmente intensa.

Logo no início do Verão, foram eleitos Simões Coimbra como Grão-Mestre e Oliveira Marques como Grão-Mestre Adjunto, e também, com as sequelas conhecidas, se assistiu à cisão que viria a dar origem à Grande Loja de Portugal.

Nessa mesma data, e especialmente relevante, foi aprovada a Constituição do Grande Oriente Lusitano. Uma organização com a relevância histórica da Maçonaria, que tinha sido combatida, perseguida, proibida e ilegalizada

por décadas, só poderia ter sobrevivido porque portadora de uma ideia e de uma convicção muito fortes – ideário e convicções que lhe asseguraram a sobrevivência e que lhe continuam a dar sentido no regime democrático.

Esse sentido e as minhas preocupações são a razão de ser deste texto. Nunca nada está conquistado em definitivo. Também por isso, o percurso iniciado naquela tarde de sábado me deu, e dá, um outro sentido para a vida: o sentido do «edifício», dos «edifícios» que cada um de nós constrói e que, em Loja, construímos; da incessante e nunca terminada busca da perfeição, quer na relação consigo próprio, quer na relação com o outro, com os outros. [...]

Quando alguns tendem a achar que os nossos rituais não têm significado, ou, pior, que muitos deles visam apenas a submissão a uma vontade obscura e sem rosto, importa dar-lhes combate e assumir que não há Maçonaria sem ritual e, também, que a Maçonaria não se esgota no ritual.



Antonio Portugal

O ritual é imprescindível e dá-nos a dimensão iniciática essencial, pelo que é um instrumento primordial da nossa existência. Só os iniciados, porque o vivem, entenderão plenamente o ritual, e entendê-lo-emos tanto melhor quanto menos exibicionistas formos. [...]

Como todas as iniciações, também quando se inicia na plenitude a vida maçónica se ensaia uma regeneração, uma morte aparente da qual o iniciado sairá um homem novo.

O verdadeiro, e único, segredo maçónico consiste nisso mesmo – na vivência individual ritualizada de cada iniciado. [...]

Nestas quatro décadas de vida maçónica, tendo trabalhado com várias gerações de maçons, desde alguns iniciados na Primeira República a outros que nasceram após o 25 de Abril, o verdadeiro Traço de União entre todos eles foi sempre a necessidade de afirmação e defesa dos valores da Liberdade, Igualdade e Fraternidade – e a constituição de um escol de homens livres e de bons costumes que, com elevados valores morais, se



Fernando Valle

**A fraternidade tem,
assim, a dimensão
conceptual de todos
ajudarmos todos,
sem preconceitos,
desinteressadamente
e sem esperar
contrapartidas, isto
é, a dimensão da
dignidade da pessoa
humana a sobrepor-
se e a informar e
enformar os nossos
comportamentos.**

devotam às grandes causas da humanidade, colocando o Homem no centro das nossas preocupações.

Dar testemunho disso e das minhas preocupações enquanto cidadão e enquanto maçom é uma honra.»

Acontece que se a iniciação, ou como se usava dizer na Maçonaria inglesa do século xviii, «to make a mason», é o primeiro de um percurso por definição interminável, não é menos verdade que o sentimento de responsabilidade que ela encerra se vai reforçando a cada degrau que vamos subindo.

Senti-o especialmente em três momentos da minha vida maçónica. Momentos de verdadeira iniciação, no sentido que importa aqui enfatizar:

«A iniciação maçónica é um longo processo de lenta transformação individual com o fim último da eventual iluminação interior, fim esse de que a admissão na Maçonaria mais não é do que o começo. Por isso, todos os rituais



se referem a uma certa alquimia psico-moral.»

Alquimia, diríamos nós, nunca terminada. Em 1987, quando, juntamente com outros onze Iir., levantámos Colunas da Loja Redenção, a Oriente de Coimbra.

Em 1990 e 1991, quando integrámos e instalámos, primeiro, o Triângulo Manuel Fernandes Tomás, a Oriente da Figueira da Foz, e, a seguir, quando fundámos a Loja Manuel Fernandes Tomás.

Em 2021, quando entendi, com muitos outros Iir., apresentar à discussão e escolha de todos os *Maçons* do Grande Oriente Lusitano, um conjunto de propostas a que demos a designação genérica de *(Re) unir o que anda disperso: dar voz ao que deve ser afirmado*.

Desde a soalheira tarde de Abril de 1984 até hoje, a iniciação permanente em que se constitui a vida de um *maçon* foi sendo enriquecida e assumindo novas e mais complexas dimensões. Pela aprendizagem com os outros, pela nossa reflexão e pela relação que cada um de nós vai tendo com esta sociedade em acelerada mudança e sempre mais desafiante.

E é por isso que numa alocução profana proferida nas comemorações do 5 de Outubro disse que ser Republicano hoje é ser militante da esperança¹. Claro que se aquela intervenção tivesse ocorrido «*a coberto da indiscrição de profanos*», onde se lê Republicanos, ler-se-ia *Maçons*.

Sim, ser *Maçon* hoje é ser Militante da Esperança, e militante com especiais responsabilidades. Militantes da Esperança na democracia liberal. Militantes da Esperança numa sociedade na qual a escola e o mérito sejam os fatores determinantes de ascensão social.

Militantes da Esperança na participação cívica e na afirmação da diferença, e não pela abstenção e ausência. Militantes da Esperança no exercício individual e coletivo das convicções. Militantes da Esperança na capacidade de transformar a sociedade, no respeito pelo Estado de Direito e pelo pluralismo e diversidade que lhe são iminentes.

Militantes da Esperança numa sociedade sem sectarismos, sem restrições à liberdade, menos desigual e mais justa. Militantes da Esperança na construção de uma sociedade fraterna.

Porque tudo o que venho de dizer, ganha especial dimensão, nesta mudança de época que vivemos, a afirmação tantas vezes ouvida a esse *maçon* exemplar e sem mácula que foi Fernando Valle. Dizia o saudoso

Dr. Fernando Vale : «*O século XIX foi o século da luta pela Liberdade, o século XX o da luta pela Igualdade e o século XXI será o século da Fraternidade*»².

Neste interminável percurso de iniciação, de iniciações, fui aprendendo que os grandes desafios nesta mudança de época que hoje vivemos são a dignidade da pessoa humana e a fraternidade.

A dignidade da pessoa humana impõe-nos a afirmação da liberdade como condição essencial à vida, a consagração da igualdade como afirmação plena do ser sobre o ter e a elevação da fraternidade à dimensão de princípio fundador e enformador da nossa organização social e política.

Também por isto, este nosso tempo parece impor-nos uma dimensão atuante e vinculativa do princípio da fraternidade, já consagrada nalgumas constituições, e com uma dimensão vinculativa global pela consagração no artigo 1.º da Declaração Universal dos Direitos Humanos.

A fraternidade tem, assim, a dimensão conceptual de todos ajudarmos todos, sem preconceitos, desinteressadamente e sem esperar contrapartidas, isto é, a dimensão da dignidade da pessoa humana a sobrepor-se e a informar e enformar os nossos comportamentos.

Por tudo isto, aquela longínqua tarde de Abril ganha, a cada dia, a cada sessão de trabalhos, a cada leitura, a cada reflexão, um renovado sentido. O sentido de um livre-pensador em permanente e nunca acabada construção.

E, estou certo, assim continuará a ser .

¹ *Republicanos hoje: militantes da esperança*, de Luis Parreirão, 2022, Guerra e Paz.

² *Razão de ser*, de Luis Parreirão, 2023, Guerra e Paz.

Viagem

O conceito de que viagem implica a deslocação de uma pessoa entre lugares relativamente distantes com um objetivo (propósito e duração) é o que nos é proposto por qualquer *Dicionário* da língua; a esse conceito apenas é costume acrescentar ao significado de viagem, o significado que é aplicado na gíria ou em calão ao *estado alucinatório provocado pelo consumo de certas drogas*.

Mas no léxico quotidiano existem outros conceitos que o *Dicionário* tende a esquecer. Um desses conceitos é o da morte que, para muitos, é uma viagem – ou para outros, uma passagem – com várias interpretações que pode ser, consoante a cultura e a educação de cada um, mais ou menos espiritual.

Com a morte executa-se a última viagem, dado que tanto pode ser uma viagem para a sua última «morada», numa forma mais terrena, como pode ser uma viagem em que se espera por uma «ressurreição» ou reencarnação, mais ou menos imediata. Também Páscoa é um conceito de viagem, dado

que implica uma passagem (hebreus) ou uma ressurreição (cristãos).

Existe, contudo, a *viagem iniciática* que pode implicar ou não deslocação entre lugares distantes. Fazer um dos caminhos de Santiago ou fazer a peregrinação ou a *haji* a um lugar sagrado (Meca; Fátima; Roma...) não é



apenas uma deslocação física, mas antes uma atitude mental que deve visar uma mudança espiritual.

Devem ser mais importantes as atitudes e os propósitos de fazer a viagem do que a marcha em si. Mas todas estas iniciações implicam deslocações espaciais em tempo e distância.

Numa *iniciação* a viagem pode ser e ter outro conceito: o de visitar, ou contemplar, algo que não é visível nem tão pouco alucinatório. A *viagem iniciática* é diferente da *viagem mental* que todos conseguimos experimentar quando fechamos os olhos e imaginamos aquilo que queremos ver ou aquilo que nos pode ser querido.

Na iniciação viaja-se num mesmo momento pelo tempo, pelo espaço e pelo espírito, mas sem tempo e sem espaço; é uma viagem em que nos retificamos, isto é, em que purificamos o nosso interior.

Nenhuma viagem iniciática é uma; é antes, e sempre, uma viagem múltipla em que a viagem resulta do percurso de outras viagens que lhe são análogas. Em todos os rituais de iniciação existem então essas «viagens» feitas a diferentes «momentos» que se têm de consciencializar, dominar e vencer para se conseguir fazer esse caminho da purificação.

É como consciencializar uma vida num único momento: o Homem (como resultado de uma gestação) / terra; a formação da infância / ar; a formação da juventude / água; a formação de adulto / fogo.

E, em cada «momento», ir desbastando as imperfeições que restam de cada um desses marcos do nosso percurso. Na interseção dessas quatro viagens está a nossa consciência liberta já de todos os remorsos que acaso possam ter maculado esses percursos.

A primeira das Viagens iniciáticas é a mais difícil de sentir e de interiorizar; a sua primordial importância nem sempre é compreendida. O neófito – ser adulto, consciente, instruído e livre – raramente pensa em si como um ser formado por uma

infinidade de células que se desenvolvem com ou sem renovação.

O Homem físico é fruto dessa construção no que à sua matéria diz respeito. A energia criadora dota cada ser humano das faculdades que este depois vai aprender a desenvolver e a dominar. Deixa de ser uma espécie ignota e sem paixões... mas que nem sempre as compreende, nem as domina.

Essa primeira viagem pode não querer simbolizar a «gestação» humana, como muitas vezes se diz e escreve – é certo que está ligado ao conceito Terra, um dos quatro elementos que desde a antiguidade europeia são propostos para explicar a natureza e a complexidade de toda a matéria, em termos de substâncias mais simples e primordial da vida – mas sim simbolizar o Homem como um todo, o próprio Homem que está a ser iniciado com os seus vícios e as suas paixões em estado bruto.

Assim se compreende o anagrama VITRIOL que lhe está associado: Visita Interiorum Terrarum, Rectificando, Invenies Occultum Lapidem ou Visita o Centro da Terra, Retificando-te, Encontrarás a Pedra Oculta, numa simbologia própria que obriga que cada um descubra no seu interior a sua verdadeira Pedra Filosofal o seu mais puro eu.

E esta viagem é ela própria o início e a meta das viagens seguintes: as três viagens purificadoras ou formadoras que permitem empreender a Luz; que permitem ao Homem uma melhoria de si mesmo e, através de si, da sociedade em geral. Se não se conhecer, o ser humano de nada serve, pois não compreende a Fraternidade.

É nesse conhecimento que muitas das iniciações falham, quer se tratem de iniciações filosóficas, quer iniciações religiosas: uma por o ser cedo de mais, outra por o ser tarde de mais. As três viagens seguintes, embora sejam mais perceptíveis, seguem a ordem inversa da teórica formação simbólica do universo: ar, água, fogo.

O ser humano numa primeira fase é levado a consciencializar a sua

própria natureza: aprende a dominar o corpo, a compreender e a falar: é a viagem do ciclo «ar» com tudo o que lhe é adjacente e necessário para a vida; começa quando a alma «veste o corpo» que ajuda a formar – nessa feliz expressão de Cícero.

Numa segunda fase é consciencializada a formação intelectual e o dominar do cognitivo: a fase da juventude em que se aprende e compreende o sentido das paixões: é a viagem do ciclo «água».

Por fim aproximamo-nos, pela tal ordem inversa da formação do universo, dos efeitos do elemento «fogo». A fase adulta que ajuda a cimentar na nossa «pedra oculta» as imperfeições, e que não nos deixa dominar das paixões ignóbeis. Se tudo começou no fogo, a nossa viagem acaba nesse mesmo fogo, se bem se compreender a iniciação. O «fogo» que é purificador.

Depois fica por percorrer todo a viagem que é o caminho da Luz e da Fraternidade.

Não existe assim uma viagem de iniciação. Existem viagens de uma purificação que convergem e formam (ou deviam formar) uma nova via; um processo alquímico. A essas viagens outras sucessivas se seguem. Cada momento volta a ser consciencializado e vencido com outras diferentes viagens que têm por finalidade afastar cada um da sua matéria – do homem enquanto animal – e a aproximar antes do espiritual – do homem enquanto amor construído e libertador.

Poucos são os que conseguem viajar dentro de si, compreendendo e sentindo o seu significado e objetivo. A matéria alimenta o Espírito tal como as trevas alimentam a Luz. O Espírito e a Luz, embora não sejam o mesmo, tendem a confundir-se no ser comum. As viagens ajudam a distinguir os caminhos de cada um ❶

Açores, Flores,
Casa do Ulysses,
13 e 14 de julho de 2019

Ser Maçom

Como sabem, todos os temas que envolvem a Maçonaria levantam sempre uma enorme celeuma. Enquanto for no seio da própria Ordem, nada de mais tenho a acrescentar a não ser que, isso significará que se mantém uma boa quantidade de mentes inquietas que procuram constantemente a discussão.

E, como, dessa discussão é que nasce a luz, vou acreditando que prefiro a luz às trevas. Mas quando os muros de pedra são galgados e aterramos na sociedade civil, é que o meu olhar ganha outra animosidade e onde mais se demora.

Tenho uma profunda admiração pelo ser humano, como exemplo de existência, no que ele consegue de ser resiliente em relação às suas irracionais crenças e que o atiram séculos após séculos para os mesmos erros de aprendizagem.

Exorcizamos o que nos é estranho e promovemos guerras para erradicar tudo o que nos compromete o conforto. A história mantém-se fiel a ela própria e conta-nos que todos somos poucos para melhorar a nossa condição desta Humanidade e no entanto, mantemos o garrote apertado e trucidamos aqueles que, sendo diferentes, são exatamente os que nos podem trazer esse outro olhar que nos “salva”.

Admiro profundamente esta constância, de inspiração canina, que, não sendo de agora, também não ficará pelos tempos que correm e nos visitará num futuro próximo que é já amanhã. Mas enquanto a caravana continuar a passar, quero acreditar que tudo afinal pertence à mesma ordem do Universo.

Existe, no entanto, uma resposta que me consola ao longo do meu tempo. É a que constantemente dou à pergunta: “De que lado da barricada estás?” e como não vacilo na resposta, continuo mergulhado no sono dos justos. Mas assola-me a constante pergunta, mas afinal o que é ser-se Maçom?

Agora... atentem bem no desafio. A pergunta não é sobre a Maçonaria em geral, nem tão pouco sobre o que é fazer maçonaria. Uma certa azia instala-se em mim sempre que revivo esta pergunta de tão poucas, mas acutilantes palavras: O que é ser-se Maçom?

E, nas minhas muitas hesitações sobre como iniciar este texto, fiquei com a clara nota de que, a uma pequena frase desafiadora (e não serão as melhores?), cabem todos os livros do mundo, na tentativa de resposta. É caso para dizer: Serei do tamanho do que escrevo. E obrigado, Fernando Pessoa, pela inspiração. Vamos ver de que tamanho sairei eu d`aqui!

Apesar da minha pseudo-coragem para escrever sobre o tema, a maior das minhas ansiedades está no risco de as minhas palavras se tornarem banais. Afinal, a pergunta é “enorme”.

Claro que também é por mim! Sinto que sou o primeiro a testar as minhas

opiniões, que pauto por saírem com alguma honestidade intelectual, mas acima de tudo para não ofender a sapiência dos Meus Queridos Leitores.

É que tenho esta impreparação desde que nasci, a de pensar que tudo deve ser tentado. De que tudo sou capaz de tentar. E sim, é verdade, esta “teimosia” não tem melhorado com a idade, que confirmo valer a pena por ficar sempre maior enquanto tento. E é por isso que tenho a certeza de que o faço por puro egocentrismo. Afinal, quem é que não quer ficar maior?!

Escrever para tão ilustres leitores deposita-me no meio da arena da insegurança. Lembrando-me, enquanto estou no chão, coberto de pó, as palavras de um grande sábio: “Só sei que nada sei”.

E aqui, sob a luz ofuscante e abrasadora de mil sois, onde a garganta arranha a cada palavra que passa, de tão seca e encortiçada, sou um poço de vulnerabilidade a contar os segundos que faltam para avistar o último parágrafo. Bom, já me alonguei tempo de mais. Mas desta vez foi intencional.

É que toda esta pretensa introdução não é mais do que uma Ode à Coragem de se ser Maçom. E aqui fica a homenagem devida, mil vezes cantada por quem me antecedeu



neste tema, aos Maçons que já partiram e que foram responsáveis por manter a vela acesa, como para os que partilham os desafios do presente e nas várias geografias.

Uma coragem que enfrenta muitas das vezes o seu pior inimigo - aqueles que lhe são mais próximos. E não há maior provação do que essa. Porque é quando chamamos os que mais amamos para dentro do peito, que, ao mesmo tempo, nos tornamos vulneráveis à corrosão das suas opiniões e ao desalento que experimentamos a seguir.

Esse enorme risco de não se repetir o reabastecimento da energia necessária para se reerguer. Uma dúvida, a cada nascer do Sol, sobre se vai escolher levantar ou baixar os braços. Não é fácil estar-se à frente do seu tempo... E se isto não é coragem, então não saberei o que é.

Para quem ainda está comigo neste texto, informo que acabei de vos

falar sobre uma das coisas mais importantes de se ser Maçom... o caminho.

- Ser Maçom, é caminhar convicto das suas ideias, em passo firme.
- Ser Maçom, é caminhar trémulo por desconfiar sempre da direção. Um eterno aprendiz.
- Ser Maçom é parar de quando em vez, no seu solitário caminho, para refletir.
- Ser Maçom, é caminhar acompanhado. Pois sabe que a Fraternidade é uma escolha e não uma condição.
- Ser Maçom, é emocionar-se com o belo, porque sente ali uma demonstração do divino.
- Ser Maçom, é caminhar sempre, mesmo que dentro de si tudo grite NÃO vás, como aconteceu

mil vezes antes de iniciar este texto.

Mas quero também falar-vos do verbo estar. Porque ser Maçom, é estar em todas as alturas do dia. v-i-n-t-e-e-q-u-a-t-r-o horas! Nem mais nem menos um minuto.

Ser maçom é ser uma rocha para todos os que nos rodeiam, mas principalmente para nós próprios. Uma analogia à vida no mar: Temos de estar bem para almejar poder ajudar o outro. Estar inteiro ainda que duvide. Estar inteiro no que defendemos.

Dizem... somos o melhor presente para os outros. Então, que não sejamos uma versão aquém do nosso potencial nessa oferta ao outro.

Ser Maçom, é estar em todas as idades e com todas as idades. A sabedoria não obedece à régua do tempo. Muitas das vezes ela vem de onde menos se espera. E uma

criança pode, de repente, desvendar um mistério que nos assola há décadas. E os filhos podem emprestar-nos esse cândido olhar e essa direção pura e desinteressada, que o Maçom constantemente procura.

Gostava também de me demorar um pouco sobre a partilha. Ao caminhar-mos entre iguais, sabemos que a busca constante pela ascensão tem resultados que interessam a todos e são, por isso mesmo, um bem comum.

Está esculpido na mais sólida rocha, que existimos para nos bem executarmos no meio dos outros. O Maçom é ação. Mas tudo o que atingimos foi desenhado para ser partilhado.

O Maçom não é, não quer ser, e acima de tudo, não se sente bem quando se eterniza ou isola como uma ilha. A inexorável vida quer a generosidade da partilha para que mais e mais seres humanos se transformem. E o Maçom sabe dessa sua responsabilidade.

Ser Maçom é alegria. Toda a busca por conhecimento e sabedoria a que se devota, é alegria. O Maçom é o eterno caçador das emoções ligadas à descoberta. Um incansável colecionador das onomatopeias tão bem verbalizadas pelas crianças aquando das suas simples e múltiplas conquistas.

A maravilha da descoberta numa criança nunca é vulgar. A simples coisa aprendida pela primeira vez tem a importância das grandes equações universais. O Maçom é uma eterna criança na incessante busca do conhecimento e da sabedoria.

Ao Maçom pede-se-lhe que não fique pela sabedoria e muito menos pelo conhecimento. Do Maçom espera-se que viva essa sabedoria. Que a consuma na prática. Que a partilhe no seu dia a dia. Que a não torne inconsequente. O Maçom é o guardião dessa alegria de aprender cada vez mais.

Ser Maçom é ser fraterno não apenas com os seus irmãos mais próximos, mas com toda a humanidade. Há um certo desafio, que aliás aceita, na vivência da fraternidade em relação a todos aqueles que o rodeiam.

É que a Fraternidade não é apenas “estarmos cá uns para os outros”. A maior vivência da fraternidade é percebermos que “somos feitos a partir uns dos outros”.

Esta é a Fraternidade que o Maçom segue, consciente ou inconscientemente. Mas vive-a. Porque sabe que em cima desta Fraternidade é que se podem erguer as outras duas bandeiras, que lhe são tão caras: Liberdade e Igualdade.

Estas duas condições, a de ser livre e a de se sentir entre iguais, que tantas vezes escasseiam, no tempo e nas geografias, são legados que teimamos em querer deixar aos nossos filhos e ao nosso semelhante.

Não queria deixar de vos lembrar, meus queridos leitores, e principalmente para os mais absortos de entre vós, que este texto foi, em suma, sobre o verbo SER.

Este verbo que encerra em si tanta ação poderosa, ainda que em profundo silêncio e esmagadora quietude. Esse verbo, que mesmo sendo executado no seio de todas as dúvidas, é o que melhor se aproxima do que de mais belo é perseguido pelo Maçom.

Ser Maçom, é estar apenas num só sítio de cada vez. No aqui e agora, onde os outros o veem. Somos muito mais mente que corpo e tentamos viver constantemente em ubiquidade. Algo só acessível ao Grande Arquiteto do Universo.

Mas gostamos de O desafiar. Uma tentativa de imitação, só possível para um patético Deus Homem... e acabamos despedaçados. Antónimos de se ser UNO. De se estar Uno. Tentar, ainda que duvide ser suficiente, existir com toda a sua

força e vigor, recrutando todas as suas dimensões.

Arrisco dizer que, mais importante que o destino, e mais importante que o caminho..., é quem está ao nosso lado para o que der e vier, e para, assim sim, ser uma viagem mais prazenteira.

Queria terminar evocando o Ágape como uma parte muito importante de se ser Maçom. Lembro das coleções de cromos antigas. Do fascínio de todo o ritual para encontrar o lugar certo para cada cromo.

Aqui o três, ali o sete...e mais acolá o nove. E a certeza de saber que, se por uma distração se fechasse a caderneta, assim, como ela estava, tudo iria cair para o chão. De tudo deixar de fazer sentido de novo.

Não era preciso ser um engenheiro aeroespacial para perceber que faltava a cola. Um tão simples elemento. A cola que se preparava com farinha, água e vinagre. Que iria sentenciar no final, uma caderneta completa com uns bons kilos a mais.

Para mim, o Ágape é essa cola. Sem ele, todos os cromos saem novamente do seu lugar. O Ágape é a cola entre sessões de trabalho que faz com que a “coleção de cromos” faça sentido.

Que conte uma história. E que, o que são cubos de pedra isolados e trabalhados em cada sessão, possam transformar-se num belo e sólido monumento ❶



Para terminar este trabalho, podem ver e ouvir: <https://www.youtube.com/watch?v=683juLrtEpK>

O impulso da Construção

O «Homem Cidade», o «Homem Templo» e a «Testemunha» são três consciências distintas e complementares que a iniciação despertou. É com elas que respondo aos desafios simbólicos, às vivências ritualistas e às reflexões partilhadas.

A primeira condição considerada necessária para convidar um candidato ao ingresso na Antiga e Augusta Ordem Maçónica, é uma pergunta relativamente simples: Esta é uma pessoa de Bem?

Ser «Bom» - independentemente do género - é uma qualidade abstrata,

subjativa e generalista, e, aquele que avança com a proposta de entrada, «o padrinho», não pode ter dúvidas nesta matéria. Cabe posteriormente à comunidade Maçónica avaliar e decidir se esta - e outras qualidades - estão presentes no candidato. Uma instituição com mais de 300 anos de existência perdura, porque cada um dos seus membros acrescenta e

compatibiliza-se com uma cultura de valores relevantes quer para os seus membros, quer para a comunidade.

Se o candidato é uma «pessoa de Bem», que razões o podem levar à Maçonaria?





Ser um bom cidadão, um bom pai, um bom filho, marido ou namorado; ser um bom profissional, ter ética e rigor; ter respeito e solidariedade pelo próximo e um sentido de patriotismo, são qualidades que configuram os pré-requisitos para ser Maçom. Para alguém que possua este *naípe* raro de qualidades, a divisa do Grande Oriente Lusitano - Liberdade, Igualdade e Fraternidade - é uma ambição alcançável.

A Maçonaria é uma escola de valores baseada em tradições antigas: as que derivam da relação do Mestre com o Aprendiz e as que trabalham no plano operativo e especulativo. A prática Maçónica é um sistema progressivo de transmissão e integração. O seu modelo iniciático assenta num conjunto de metáforas - simbólicas e lendárias, bem como de valores e princípios - em torno do conceito de construção.

Construir o indivíduo (o seu «Templo Interior»), construir uma comunidade (a Loja) e ser um persistente construtor, muito além da Maçonaria. A Cidade é a plataforma de intervenção das pessoas de Bem, munidas do impulso da construção.

A VIA INICIÁTICA

Fernando Pessoa, definiu a iniciação como «um sopro na Alma», ou seja: algo que passa, renova, arrepia, alarga e engrandece. Ela é o princípio de uma jornada individual e coletiva, onde o Eu e o Outro se têm de encontrar para uma partilha íntima e franca de convicções, reflexões e pontos de vista. A Prática Maçónica e a sua progressão, consistem na acumulação destas experiências.

A diversidade humana que uma Loja deve proporcionar aos seus membros, seja nos aspectos demográficos, culturais, profissionais ou filosóficos, promove uma visão

plural e é um verdadeiro exercício de *Tolerância* sobretudo nesse desafio de integração de novas possibilidades para a sua «construção no mundo».

No meu ponto de vista, a função social da Maçonaria não consiste em criar estratégias para «mudar o mundo». É precisamente neste preconceito, que um certo espírito Anti-maçónico (Vide: Revista Grémio Lusitano N.º 23) e difusor de teorias da conspiração, tende a ignorar (ou desconhecer), alguns dos aspetos centrais da nossa cultura: Pedreiros Livres, são livres de pensar e de chegar às suas próprias conclusões. Com a dimensão de Liberdade, emerge uma nova camada de responsabilidade e de livre arbítrio. Este processo de melhoramento não é senão uma forma superior de cidadania, que ultrapassa a simples conformidade em face das leis e costumes, e, abraça de forma ativa a busca de uma sociedade melhor.

Todo este processo começa internamente no Obreiro, primeiro nas convicções, depois nas atitudes e mais à frente nos comportamentos.

Assim, o apelo filosófico que a nossa Antiga e Augusta Ordem Maçónica faz aos seus membros, é o do aprimoramento das suas qualidades individuais. E para que esse florescimento aconteça nas melhores condições, a Maçonaria organizou-se em *Lojas* (que são uma espécie de «laboratórios sociais») nos *Graus* (que são progressões baseadas em desafios de reflexão) e nos *Ofícios* (que são cargos que requerem o exercício de competências organizativas).

Na Loja «constroi-se o mundo» ao mesmo tempo que se constroi o indivíduo. Nesta aventura de dois caminhos paralelos há, na Maçonaria e nos Maçons, uma esperança e uma ambição de que os seus Irmãos, no seu dia-a-dia na comunidade, tenham a capacidade de convergir em acções concretas, com um impulso de progresso e movidos sobretudo pelo espírito da Fraternidade.

Neste número temático da Revista Grémio Lusitano, é lançada aos colaboradores uma oportunidade de ponderação acerca das transformações sentidas - eu diria mesmo, recomendáveis - resultantes da iniciação e prática Maçónica. No meu entender, a primeira a referir é uma separação abrupta entre o normal do quotidiano e o extraordinário ritualístico. É um mergulho num mundo abstrato que o iniciado não compreende, mas que sente. É intransmissível essa experiência, porque ultrapassa o racional e nela reside o tal segredo. É uma provocação à lógica convencional e abraça de forma mítica e poética uma nova concepção da realidade.

Mas Iniciar é apenas isso. Um ponto de partida. Vai ser na prática continuada que o neófito (*néophytos* - recém-plantado) vai ser testado nas suas dúvidas e convicções, na sua capacidade de olhar para o antigo e o

novo (como Janus) e estabelecer as pontes que o vão ajudar a transitar do abstrato para o concreto, do Templo para a Cidade.

A Via Iniciática na Maçonaria - e específico, pois existem outras Vias, noutras práticas - é uma Viagem que só faz sentido quando se opera uma transformação interna, que eu arrisco a qualificar de radical. Ao fim de alguns anos, reconhecemos que, por vezes, temos Irmãos que não se deixaram contagiar pela possibilidade desta aventura. São «lá dentro» o que são «lá fora» ou seja: uma «profanização» da função simbólica.

O «HOMEM CIDADE»

Partilhando a minha experiência em matéria de transformação, tentarei explicar o que já foi enunciado atrás, com uma citação: «*um Maçom não é a Maçonaria. Mas onde está um Maçom, está a Maçonaria.*» (DIAS, J. Alves - SGC REAA).

A consciência social de que cada indivíduo tem um dever de cidadania ativa, é um processo de aprendizagem indispensável, para que homens e mulheres possam aspirar a um futuro melhor para si, para os seus e para a sua comunidade. É uma luta por um mundo mais justo e mais próspero. Com equidade no tratamento, com igualdade de oportunidades, com respeito pela diferença, e observação pelas normas constitucionais e leis estabelecidas.

O «Homem Cidade» (*Profanus* - fora do templo) constroi, participa e inventa, com a consciência de que o legado da sua existência e a forma de se ir «da lei da morte libertando» (CAMÕES, Luís de - *in Os Lusíadas*), reside na partilha coletiva e entrega na entreajuda. É aqui que o valor da *Fraternidade* se manifesta de forma concreta na vida dos que nos rodeiam.

Esta personalidade *Profana*, é a que um dia foi acolhida numa *Loja*, depois de lhe terem sido reconhecidos os seus valores éticos, a sua vontade de ser melhor e a sua

Fraternidade em potência.

A iniciação é um processo de desmontagem de máscaras e de uma transição entre o real e o imaginado. Talvez por essa razão, a ideia de *Morte e Renascimento* esteja tão presente nas várias reflexões que existem sobre esta matéria.

O «HOMEM TEMPLO»

O abalo iniciático e a constatação de um novo paradigma, são o embrião desta segunda personalidade. Os *Obreiros* do Grande Oriente Lusitano - Maçonaria Portuguesa, desde 1802, são convocados a adotar um *nome simbólico*. No passado - de 1935 a 1974 - este sistema conferia alguma proteção aos membros do GOL, nos tempos em que foi declarada pelo regime de Salazar uma indevida clandestinidade da Maçonaria. Após o fim da ditadura, esta prática evoluiu para outro patamar, nomeadamente o da eleição de uma «figura modelo», uma identidade orientadora de ética, inventiva, de estilo, de cultura ou de espiritualidade. Ter a oportunidade de *Ser Reconhecido entre Irmãos*, mais pelo modelo do que pelo próprio, é libertador e sobretudo é uma responsabilidade que tem de ser assumida após a iniciação.

À medida que o *Obreiro* vai progredindo na sua *Via Iniciática*, quer na aquisição do conhecimento simbólico e lendário, quer nos *Graus* de aperfeiçoamento, quer ainda nos *Ofícios* que desempenha na *Loja*, esta personalidade de «Homem Templo» vai ganhando *gravitas* e vida própria. Mas a distância que separa o *Templo* da *Cidade* é apenas uma porta. O Homem que se prepara para sair do *Templo* e aquele que chega da *Cidade*, inevitavelmente ficam frente-a-frente, a ponderar no que encontraram pelo caminho.

A «TESTEMUNHA»

O artista e psicólogo dinamarquês Edgar Rubin (1886-1951), deu início a uma série de estudos sobre as relações visuais entre a forma e o fundo. Mais tarde esta investigação



O «Vaso de Rubin»

no domínio da percepção, passou a incorporar as teorias da *Gestalt*, na área psicologia do comportamento. Rubin concebeu uma peça artística que expressa, melhor do que palavras, o jogo de personalidades a que eu me refiro e que emergem na sequência da iniciação.

Olhando para esta composição, deparamo-nos com três tempos de percepção e interpretação. A primeira e mais evidente é a forma, que neste caso se assemelha a um vaso. A natureza do contraste do elemento a negro, é por natureza de leitura o assunto, o objeto, a coisa, eu diria mesmo: a matéria.

Na sequência de interpretação, emergem, a partir do fundo, do vazio, ou - permitam-me a comparação - ... do espírito, duas figuras de perfil que se olham mutuamente. Estas, são as duas faces da mesma moeda: «*Homem Cidade*» e «*Homem Templo*», à porta, entre a partida e a chegada. (ver: *Símbolo*, do Grego *Súmbolon*, que significa cada uma das duas partes de um objecto)

O leitor, que teve a paciência de me seguir até este momento, interroga-se sobre a tal da «*Testemunha*»: quem é e o que jura ter visto?

Mas para apresentar esta «terceira pessoa» temos de voltar ao princípio - aos princípios, diria mesmo - e faço-o com a seguinte afirmação: a condição de Maçom é transitória.

Não se é Maçom apenas porque se foi iniciado, nem porque se quer, nem porque se tem direito estatutário.

Somos Maçons enquanto os nossos Irmãos nos reconhecerem como tal. O Outro Maçom é que nos confere essa qualidade. Estamos dependentes das nossas ações, do impacto e da relevância que estas têm à nossa volta. E agora sim, podemos chamar a «*Testemunha*».

No meu caso particular, tive a necessidade de criar uma mediação entre o meu «*Homem Cidade*» e o meu «*Homem Templo*». Estas vertentes de personalidade não podem trabalhar cada uma no seu plano, sem a supervisão de uma consciência maior. Uma não pode defender e afirmar coisas no *Templo*, que a outra na *Cidade* contradiz. Por este motivo é necessário criar uma «*Testemunha*», que faça uma arbitragem das verdades, das ações e das expectativas. Esta figura imaginária é um «*Mestre Interior*», treinado para aplacar os egos e mitos (os meus e os dos outros), nefastos na progressão da Via iniciática.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ser Maçom é um confronto entre o que somos e o que nos falta para vir a «*Ser*». Isto significa que a nossa condição é de uma obra inacabada e em permanente construção. Esta consciência é repetidamente ilustrada na mitologia simbólica dos Ritos. A relevância deste ensinamento é, nos dias de hoje, mais evidente, na medida em percebemos que os ciclos de mudança cada vez mais se precipitam para um futuro incerto.

O processo iniciático é um investimento no «*Ser*», na amplitude humanista que cada um pode alcançar, se souber «*Estar*» com o outro. A divisa Liberdade, Igualdade e Fraternidade, pode ser um mapa de relacionamentos, de descoberta e aproximação a esse outro. Quando observada com lucidez, sentido crítico e de forma criativa, revela-se como um projeto transformador de vida.

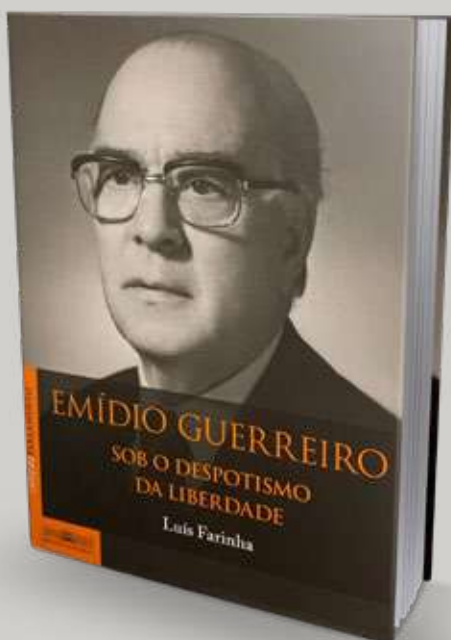
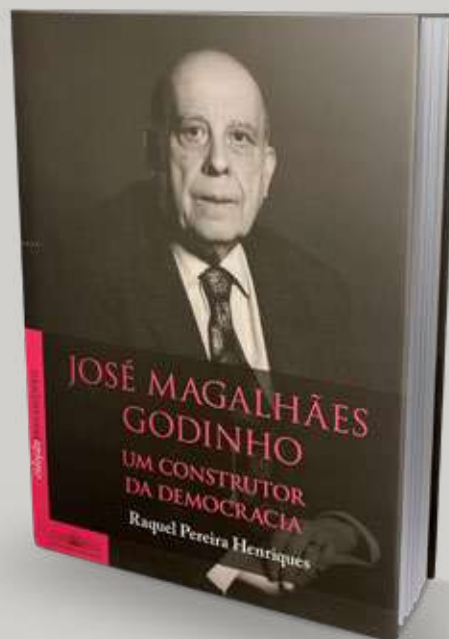
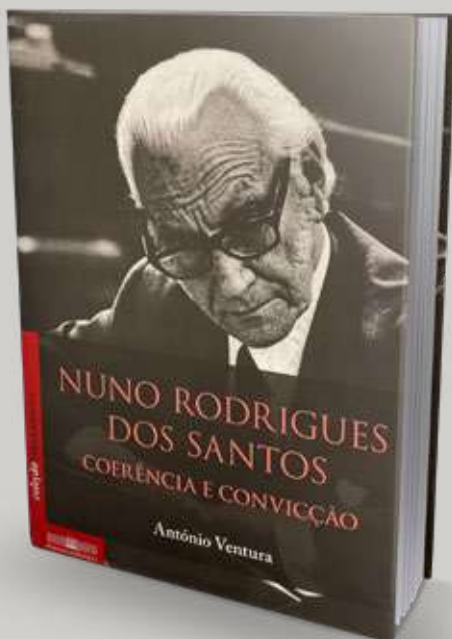
A condição Humana e o seu progresso, tantas vezes confundida com a voracidade do «*Ter*» - sobretudo quando esta se torna numa métrica de avaliação de sucesso - carece de uma chamada à uma realidade antropocentrista, que parecia já estar estabelecida desde os tempos do Iluminismo: O «*Ser*» humano como o novo protagonista de uma História (até à data dominada pelas forças da natureza ou pelos mistérios de Deus) onde razão, arte, ciência e lei, são uma combinação das novas ferramentas de progresso. «*Ser Humano*» ou «*Ter Humano*»: dois aspectos da nossa existência, que merecem a atenção, vigilância e disciplina nos comportamentos do quotidiano.

Para ir de encontro ao «*Ser*», a Maçonaria também se apresenta como uma escola de transmutação. Ela impele os seus membros a olhar para a realidade de forma alternativa. A ritualidade, os símbolos, mitos e lendas, assim como os valores da *Res Pública*, são como uma lente, através da qual interpretamos o *Devir* da nossa curta, mas conturbada existência.

O Maçom, ao aceder a uma consciência individual e coletiva, treina-se para navegar entre a ordem e o caos; entre o sagrado e o profano; entre o que está em cima e o que está em baixo.

Todos estes desafios são lançados no ato de Iniciação. É a partir desse momento, que o Maçom, munido das *Ferramentas de Construção* e desperto para os contrastes da existência, busca no seu interior os caminhos de mundo mais livre, mais justo e mais Fraterno .

CONSULTA NA BIBLIOTECA



SECÇÃO DE BIOGRAFIAS

A Biblioteca do Grande Oriente Lusitano passou a dispor de uma secção de biografias de maçons que inclui algumas dezenas de livros sobre a vida e a obra de personalidades que foram membros da nossa Augusta Ordem.

Para enriquecer essa secção foram recentemente adquiridas 27 obras editadas pela Assembleia da República, na conceituada Coleção Parlamento, incluindo biografias de deputados e dicionários biográficos, abrangendo vários períodos.

CONSULTAS - de **SEG** a **SEX**
MANHÃ: das **10:00 H.** às **13:00 H.**
TARDE: das **14:00 H.** às **16:30 H.**

**BIBLIOTECA
DO GRANDE ORIENTE LUSITANO**





GRÉMIO LUSITANO

WWW.GREMIO LUSITANO.PT